

antropófila da rodovia Transamazônica; sobre a entomoepidemiologia da doença de Chagas na Amazônia, a epidemiologia da filariose linfática no foco de Belém, a etiopatogenia e epidemiologia da síndrome hemorrágica de Altamira, os acidentes por contato com lepidópteros (pararama e larvas de *Lonomia*) e coleópteros (potós), as filárias parasitas de primatas não humanos da América Tropical e o escorpionismo na Amazônia Oriental. Ainda como pesquisador do IEC, dedicou-se à historiografia da campanha de profilaxia da febre amarela em Belém, dirigida por Oswaldo Cruz, que resultou na publicação da primeira edição deste livro em 1972. Dedicou-se também ao restauro da memória do cientista paraense Gaspar Vianna, conduzindo as celebrações nacionais de seu centenário de nascimento em 1985, do que resultaria a ereção de um monumento no campus da UFPA, a cunhagem de três medalhas comemorativas e uma condecorativa, a criação do Museu Gaspar Vianna em dependência do Núcleo de Patologia Regional e Higiene (NPRH/UFPA) e sua eleição como o Paraense do Século. Em 1986, foi Editor-Chefe do Museu Paraense Emílio Goeldi, cuja Direção conferiu-lhe os títulos de Colaborador Emérito e Notório Saber equivalente ao de Pesquisador Titular do CNPq. No ano seguinte, foi designado Coordenador do Núcleo de Patologia Regional e Higiene da UFPA. Em 1992, a Universidade Federal do Pará conferiu-lhe o título de Doutor em Ciências Biológicas, por mérito de produção científica. Passou, então, a ensinar nos programas de pós-graduação em Ciências Biológicas e em Doenças Tropicais. Dedicou-se hoje à produção intelectual, cujo primeiro fruto é a presente edição. É membro efetivo da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical; membro efetivo da Sociedade Brasileira de Parasitologia (ex-Presidente e hoje Sócio Honorário); membro titular da Academia de Medicina do Pará, ocupante da cadeira Gaspar Vianna; membro titular da Academia Paraense de Ciências e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, Regional Pará. Curador do acervo Gaspar Vianna. Colecionador e historiador da Medalhística Paraense, autor ou co-autor de 25 projetos de medalhas executados. Colecionador e historiador das moedas particulares e vales metálicos do Pará, objeto de próxima publicação.

"Considero esta obra das mais importantes e significativas em toda a extensa bibliografia de meu avô, o médico e sanitário Oswaldo Gonçalves Cruz."

Eduardo Oswaldo Cruz



Quarenta anos depois da primeira edição, OSWALDO CRUZ E A FEBRE AMARELA NO PARÁ, de Habib Fraiha Neto, é reeditado com nova roupagem pela nova Editora do Instituto Evandro Chagas, enriquecido com extensa iconografia, fruto da generosidade da família Oswaldo Cruz, do precioso patrimônio da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), de apreciável acervo bibliográfico e museológico concernente coligido pelo autor e do avanço tecnológico hoje disponível. Surge como proposta de resgate definitivo da memória da vitoriosa campanha do sábio higienista contra a epidemia amarílica em Belém, a propósito do centenário desse feito glorioso, quase silenciosamente transcorrido em 16 de outubro de 2011.

Nesta segunda edição, revista e ampliada, o autor se firma como metucioso historiador, atento aos episódios condicionantes ou correlatos e aos mínimos detalhes metodológicos da campanha de profilaxia liderada pelo intrépido saneador na capital do Pará a convite do Governador João Coelho. Espírito perquiridor, aplica em seu trânsito pela historiografia o método científico assimilado e desenvolvido em décadas de pesquisa como parasitologista e entomologista médico na Amazônia. Externa toda uma ardente admiração pela excelsa figura de Oswaldo Cruz, um dos grandes heróis da pátria, vencedor das epidemias de peste, varíola e febre amarela nos portos de Santos, Rio de Janeiro e Belém; e reclama por renovado apreço dos paraenses à memória do lúcido governante que aqui o trouxe, tão injustamente descurada.



Secretaria de
Vigilância em Saúde

Ministério da
Saúde



ISBN 978-85-60420-09-4



9 788560 420094

OSWALDO CRUZ E A FEBRE AMARELA NO PARÁ

Habib Fraiha Neto

Habib Fraiha Neto



OSWALDO CRUZ E A FEBRE AMARELA NO PARÁ

Memória da vitoriosa campanha de profilaxia da febre amarela
dirigida pelo sábio higienista em Belém em 1910 e 1911

Edição comemorativa do centenário



O autor

Habib Fraiha Neto é médico, pesquisador, professor e historiador diletante. Nasceu em Belém, em 17 de dezembro de 1939. Graduou-se em Medicina em 1964, pela Universidade Federal do Pará. No mesmo ano, constituiu família com Suely Conceição Noronha Fraiha, amada esposa que lhe haveria de dar três filhos abençoados: Salim, Sérgio e Rogério, hoje respeitados profissionais em suas áreas de atuação. A convite do Prof. Orlando Rodrigues da Costa, iniciou carreira no magistério superior de Parasitologia. Foi discípulo de Leonidas de Mello Deane na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (1965) e de Carlos da Silva Lacaz no Instituto de Medicina Tropical da mesma Universidade (1966). Ao regressar a Belém, foi convidado por Miguel Cordeiro de Azevedo a integrar o quadro de pesquisadores do Instituto Evandro Chagas (1967), onde durante anos chefiaria a Seção de Parasitologia. Dedicou-se à Entomologia Médica, integrando a equipe do programa de Leishmanioses sob a liderança de Ralph Lainson e Jeffrey Shaw. Ainda em 1967, especializou-se em Entomologia Geral e Sistemática no Museu de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, onde foi aluno de Hans Reichardt Filho, Nelson Papavero, Lindolfo Guimarães, Paulo Vanzolini e outros grandes nomes da Ciência pura. Em 1970 foi discípulo de Oswaldo Forattini na Faculdade de Saúde Pública da USP, especializando-se em Entomoepidemiologia Médica. Ao longo dos quase 30 anos de pesquisas no Instituto Evandro Chagas, descobriu a reinfestação do Brasil pelo *Aedes aegypti* (1967); publicou vários estudos sobre taxonomia de flebotomíneos americanos, incluindo a descrição de oito novas espécies amazônicas e um levantamento da fauna



Oswaldo Gonçalves Cruz

“A natureza dotou-o de qualidades peregrinas que dificilmente se encontrarão reunidas tão harmonicamente na mesma pessoa. Repartiu-lhe tantos predicados, que parecia empenhada em nos mimosar com um exemplar de homem completo, humanamente perfeito.”

Sales Guerra

“Dele se disse que ‘honrando a sua pátria com a extinção da febre amarela, honrou o continente americano’. Dele se escreveu que ‘com só tentar imitá-lo, se nos dignifica e enche a vida’. Por tê-lo produzido, ainda há pouco num país estrangeiro se proclamava o Brasil uma ‘nação feliz’. [...]

Que seria de nós hoje, se a Providência não no-lo houvesse permitido? [...] Se Deus não nos suscitasse a missão de Oswaldo Cruz, o Brasil teria o mesmo sol, com a mesma exuberância de maravilhas, mas o sol com a peste, com o impaludismo, com a febre amarela, com a doença do barbeiro, com a úlcera de Bauru, com todas essas desgraças até então irremediáveis, que esse homem, superior ao seu tempo e ao seu país, deixou extintas ou em via de extinção.”

Rui Barbosa



Secretaria de
Vigilância em Saúde

Ministério da
Saúde



ISBN 978-85-60420-09-4



9 788560 420094

Habib Fraiha Neto

OSWALDO CRUZ E A FEBRE AMARELA NO PARÁ



OSWALDO CRUZ E A FEBRE AMARELA NO PARÁ

Habib Fraiha Neto



Oswaldo Cruz e a febre amarela no Pará

Habib Fraiha Neto

Presidente da República
Dilma Vana Rousseff

Ministro da Saúde
Alexandre Rocha Santos Padilha

Secretária Executiva do Ministério da Saúde
Márcia Aparecida do Amaral

Secretário de Vigilância em Saúde
Jarbas Barbosa da Silva Júnior

Instituto Evandro Chagas

Diretora
Elisabeth Conceição de Oliveira Santos

Vice-Diretor
Wyller Alencar de Mello

Oswaldo Cruz e a febre amarela no Pará

Habib Fraiha Neto

2ª edição
revista e ampliada



Editora IEC

Ananindeua
2012

Copyright © 2012 Habib Fraiha Neto
Todos os direitos desta edição reservados ao Instituto Evandro Chagas/SVS/MS.

ISBN: 978-85-60420-09-4

Tiragem: 8.000 exemplares

Preparação de originais

Isaíra Wanzeler
Vanderson Silva

Revisão de texto

Ana Diniz

Normalização

Nilton Pereira

Projeto gráfico, edição de arte

Isabella Mateus

Capas

Isabella Mateus (sobrecapa)
Vanderson Silva & Vânia Araújo (capa)

Supervisão editorial

Vânia Araújo

Ilustrações da sobrecapa

Medalha comemorativa da campanha contra a febre amarela em Belém do Pará [anverso]. Diâmetro: 60 mm. Exemplar em prata. Do acervo H. Fraiha.

Adaptação de alegoria de *A Província do Pará*, edição de 15 de outubro de 1911.

Ilustrações da capa

Alegoria de *A Província do Pará*, edição de 15 de outubro de 1911.

Retrato de Oswaldo Cruz em porcelana esmaltada, produzido na França. Diâmetro: 28,7 mm.

Do acervo H. Fraiha.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Centro de Documentação, Informação e Memória do Instituto Evandro Chagas (Ananindeua/PA - Brasil)

Fraiha Neto, Habib

Oswaldo Cruz e a febre amarela no Pará / Habib Fraiha Neto. – 2. ed., rev. e ampl. – Ananindeua: Instituto Evandro Chagas, 2012.

172 p.: Il.; 28 cm.

ISBN: 978-85-60420-09-4

1. FEBRE AMARELA – Pará. 2. I. Cruz, Oswaldo, 1982-1917. II. Título.

CDU: 616.988.71 (811)

Esta obra foi em grande parte desenvolvida pelo autor enquanto professor adjunto do Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará, devendo ser entendida como produção científico-cultural docente desse órgão de pesquisa e pós-graduação.

2012

INSTITUTO EVANDRO CHAGAS

Editora – Centro de Documentação, Informação e Memória

Rodovia BR 316, km 7, s/n. Bairro: Levilândia

CEP: 67030-000 – Ananindeua-Pará-Brasil

Tel.: +55 (91) 3214-2185 – Fax: +55 (91) 3214-2186

<http://www.iec.pa.gov.br> – contato@iec.pa.gov.br



Oswaldo Gonçalves Cruz

Ao maior dos brasileiros



Oswaldo Gonçalves Cruz

A natureza dotou-o de qualidades peregrinas que dificilmente se encontrarão reunidas tão harmonicamente na mesma pessoa. Repartiu-lhe tantos predicados, que parecia empenhada em nos mimosear com um exemplar de homem completo, humanamente perfeito.

Sales Guerra

AGRADECIMENTOS

Oswaldo Cruz Filho
Eduardo Oswaldo Cruz
Stella Oswaldo Cruz Penido
José Rodrigues Coura
Alacid da Silva Nunes
Miguel Cordeiro de Azevedo
Elisabeth Conceição de Oliveira Santos
Ernesto Horácio da Cruz
Cordélia Aben-Athar Ivo
Antonio Emilio Romano
Guiomar Kastrup Romano
Iberê Romano
Vânia Barbosa da Cunha Araújo
Isabella Maria Almeida Mateus
Isaíra Wanzeler Assis Ribeiro
Vanderson Marques da Silva
Emília Bustamante
Ernandes Evaristo Lopes
Paulo César Garcez Marins
Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira
Jean Maciel
Rubens da Silveira Britto
Eleyson Cardoso
Maria das Graças Miranda Soares
Walter Menezes da Rocha
Ruth Selma Vasconcelos dos Santos
Carmelinda do Socorro Barbosa da Cruz
Vitor Viveiros de Castro Etrusco
Ranulfo Figueiredo Campos
Jeffrey Jon Shaw
Marcos Serruya
Moisés Elmescany
Naftale Katz
Zvi Fishelson
Jussara Derenji
Patrick Pardini
João Emilio Gerodetti
Raimundo Antonio Pereira
Octavio Victor R. do Espirito Santo Filho

O autor agradece, penhoradamente, à Direção do Instituto Evandro Chagas e à sua Editora, pela sensibilidade a este projeto e por todo o extremo zelo com que foi ele executado.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
PREFÁCIO	15
INTRODUÇÃO	17
ANTECEDENTES REMOTOS	21
ANTECEDENTES IMEDIATOS	29
A COMISSÃO EM BELÉM	59
A chegada	61
Preparativos	64
Atos oficiais	65
Mensagem de Oswaldo Cruz à população	70
A crítica de um jornalista	79
A CAMPANHA DE PROFILAXIA	81
CONSEQUÊNCIAS DA CAMPANHA	125
Repercussões	127
A profilaxia defensiva	128
Reflexos financeiros	128
O pavilhão Oswaldo Cruz	130
Santarém e Óbidos. Últimos reflexos	133
As medalhas comemorativas	133
A Rua Oswaldo Cruz	140
O monumento e sua triste sina	141

À GUISA DE CONCLUSÕES	145
REFERÊNCIAS	149
ANEXOS	157
ÍNDICE	163

APRESENTAÇÃO

O Professor Habib Fraiha Neto deu-me a honra e a distinção de escrever a Apresentação desta importante obra. Mesmo conhecendo minhas limitações sobre o assunto, o autor insistiu em sua escolha, justificando-a por toda a minha íntima ligação com Manguinhos, além de professor de doenças infecciosas, conhecedor das ações de Oswaldo Cruz no combate à febre amarela, tanto no Rio de Janeiro como no Pará. Decerto que contribuiu também para esta escolha, a mútua admiração e amizade que nos une desde 1975, quando lhe confiei organizar e conduzir em Belém do Pará a realização, no ano seguinte, do 12º Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, então por mim presidida. Amizade particularmente robustecida ao longo das últimas décadas, na parceria em luta por mesmos ideais.

Tenho em mãos os originais da segunda edição de *Oswaldo Cruz e a febre amarela no Pará*. Já nas páginas pré-textuais, o autor deixa entrever a intenção de exaltar a figura do grande sanitarista, com a dedicatória “Ao maior dos brasileiros”, abaixo do retrato do jovem Dr. Oswaldo Gonçalves Cruz. Logo em seguida, outro retrato do saneador, já homem maduro em 1910, época da campanha em Belém, legendado pela loa de Sales Guerra que o resume como “exemplar de homem completo, humanamente perfeito”.

Nesta segunda edição, revista e ampliada, Habib Fraiha Neto não mostra apenas seu talento de historiador minucioso e atento, desenvolvido e aperfeiçoado em anos de pesquisas como parasitologista e entomologista de escol no Instituto Evandro Chagas e no Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará. Exibe, também, grande generosidade ao agradecer a mais de 30 pessoas, as três primeiras descendentes de Oswaldo Cruz e as demais que, de alguma forma, o ajudaram na construção desta obra mais que importante. Gostaria de destacar, dentre elas, a figura de minha amiga Emília Bustamante, ilustre guardiã da história de Oswaldo Cruz e grande bibliotecária de Manguinhos, que muito me ajudou como estudante de Medicina, em minha Tese de Docência Livre e no concurso para Professor Titular.

O livro transcende a análise da atuação de Oswaldo Cruz no combate à febre amarela no Pará, versado em sete capítulos básicos: Introdução, Antecedentes Remotos, Antecedentes Imediatos, A Comissão em Belém, A Campanha de Profilaxia, Consequências da Campanha e À Guisa de Conclusões – além das Referências e de Anexos.

Em seus “Antecedentes Remotos”, trata da introdução da febre amarela na Província do Pará em 1850, da epidemia então irrompida e seus desdobramentos nos anos subseqüentes, mostrando-nos o obituário pela doença de 1895 a 1910, dados reproduzidos sobretudo da obra historiográfica de Arthur Vianna sobre *A Santa Casa da Misericórdia Paraense e As epidemias no Pará*.

Nos “Antecedentes Imediatos”, aborda a oportuna presença de Oswaldo Cruz na Amazônia quando de sua passagem por Belém a caminho da estrada de ferro Madeira-Mamoré. Ilustra a visita do

saneador à região do Madeira com vultosa iconografia do acervo Dana Merrill, hoje pertencente ao Museu Paulista, que fala, muito eloquentemente, da enorme adversidade enfrentada por administradores e operários da malfadada “ferrovia do diabo”. O panorama sanitário ali encontrado foi minuciosamente analisado por Oswaldo Cruz, culminando com a elaboração de importante relatório em que estabelecia as bases para o controle da malária, identificada como o principal flagelo na região. Uma incursão muito válida, sem dúvida, além do tema central do livro – a febre amarela no Pará.

O capítulo “A Comissão em Belém” mostra em detalhes a chegada da valorosa comitiva de inspetores sanitários e médicos auxiliares de Oswaldo Cruz, os preparativos e atos oficiais, discriminando funções e salários, além da preciosa mensagem de Oswaldo Cruz à população, expondo-lhe, pormenorizadamente, a metodologia dos trabalhos de saneamento e profilaxia, de modo que pudesse melhor compreender os transtornos a que seria submetida quando das operações.

“A Campanha de Profilaxia” é relatada pelo autor do livro em seus mínimos detalhes, acompanhada de rica iconografia, fruto de generosa doação da família Oswaldo Cruz. O autor ressalta os riscos a que esteve exposta a consolidação da campanha, em decorrência da *débâcle* da borracha.

Segue-se a abordagem sobre as “Consequências da Campanha”, com suas repercussões sanitárias, políticas e econômicas, enaltecendo o firme e decidido apoio do Governador João Coelho e referindo importantes manifestações sobre a derrota da epidemia, partidas da Academia Nacional de Medicina, da Câmara Legislativa do Pará e da bancada paraense na Câmara Federal. Concluídas as ações da campanha de profilaxia, o Governador decreta a instituição da “profilaxia defensiva”. O júbilo pelo êxito da campanha é levado ao grande público com a mudança de nome da tradicional Avenida da Liberdade para Rua Oswaldo Cruz. Mais tarde, também, com a ereção de um busto em bronze na Praça Amazonas. É importante e educativa, aliás, a crítica do autor sobre a desdita desse monumento.

O Professor Habib Fraiha Neto encerra seu excelente livro, comemorativo do centenário da célebre proclamação de Oswaldo Cruz de que estava erradicada a febre amarela de Belém em 16 de outubro de 1911, conclamando o poder público, a mídia e as instituições de ensino superior a celebrar esta verdadeira epopeia da saúde pública brasileira.

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2011.

José Rodrigues Coura

Professor Titular Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Pesquisador Emérito da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)
Ex-Diretor do Instituto Oswaldo Cruz
Membro Titular da Academia Nacional de Medicina
Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências

PREFÁCIO

Oswaldo Cruz sempre demonstrou grande interesse pelas coisas da Amazônia. Já tendo visitado a região com outros membros de sua equipe, foi com entusiasmo que aceitou o convite do então Governador João Coelho e assumiu o compromisso de sanear a capital do Estado do Pará.

Para tanto, partiu para Belém em 1910 e lá se encantou com a calorosa acolhida que recebeu dos habitantes da cidade, reforçada pelo apoio garantido pelo Governador para a sua campanha saneadora.

Oswaldo Cruz vinha de ter grande sucesso com a erradicação da febre amarela na capital da República, fato este que o levou à vitória na competição internacional de higiene realizada sob o patrocínio da Imperatriz, na capital alemã. A próxima exposição internacional teria ocorrência em Dresden, capital da Saxônia. Sanitaristas das mais variadas nações pretendiam expor resultados de campanhas executadas em seus países de origem. O Brasil contava com Oswaldo Cruz como seu mais proeminente sanitarista, ficando este encarregado da tarefa.

O auxílio recebido da população de Belém nas diversas fases do saneamento e o grande cuidado com as vítimas de contágio, prontamente isoladas, foram inestimáveis. O conjunto de providências tomadas pelo sanitarista e pelo Governo do Pará tornou possível sustar o avanço da disseminação da epidemia, assim como diminuir o número de pessoas infectadas.

Em agosto de 1972, como parte das comemorações do centenário de nascimento de Oswaldo Gonçalves Cruz, o Conselho Estadual de Cultura do Pará decidiu patrocinar um concurso de monografias sobre a atuação do grande sanitarista no combate à febre amarela em Belém. Foram consideradas merecedoras de publicação as duas monografias concorrentes, de autoria dos médicos Carlos Alberto Amaral Costa e Habib Fraiha Neto, ambas intituladas *Oswaldo Cruz e a febre amarela no Pará*.

Assim como meus pais, fiquei vivamente impressionado pela dedicação, atenção e carinho demonstrado pelo Dr. Fraiha em sua narrativa da obra desenvolvida por meu avô em Belém do Pará.

Apesar de a primeira edição do livro, que muito me interessou, já apresentar sucinta mas consistente narrativa dos fatos ocorridos durante a campanha sanitária, fiquei agradavelmente surpreso ao tomar conhecimento de que o autor preparava agora uma nova edição, quase quarenta anos depois. Esta segunda edição foi grandemente incrementada pelo Dr. Fraiha e inclui farta ilustração com fotos inéditas dos acontecimentos relatados no texto, assim como detalhes operacionais da campanha utilizados pelo saneador, de acordo com os planos submetidos ao Governador Dr. João Antonio Luiz Coelho.

A segunda edição de *Oswaldo Cruz e a febre amarela no Pará*, de Habib Fraiha Neto, conta com o mesmo cuidado e atenção, nos mínimos detalhes, desde sua organização, até a normalização e editoração.

Considero esta obra das mais importantes e significativas em toda a extensa bibliografia de meu avô, o médico e sanitarista Oswaldo Gonçalves Cruz.

Itaipava, 10 de outubro de 2011.

Eduardo Oswaldo Cruz

Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, 1961
Pós-Doutorado pelo *National Institute of Health*, 1961/1963
Professor Adjunto do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, UFRJ, 1968/1992
Professor Visitante da *St. Thomas Hospital Medical School, London University*, 1982/1992
Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências, de que foi Representante no Reino Unido
Visiting Scientist do Programa *The Royal Society* / Academia Brasileira de Ciências
Responsável pela implantação do Laboratório de Neurofisiologia do Instituto de Ciências
Biológicas da Universidade Federal do Pará (UFPA)
Agraciado com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico

INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

Toda a ligação de Oswaldo Cruz com a febre amarela no Pará corresponde à memorável campanha que aqui chefiou no biênio 1910/1911, contra o terrível mal cuja epidemia fustigava a capital desde a sua introdução em meados do século XIX.

Embora a maioria dos paraenses ignore o imenso benefício legado à sua terra e à sua gente pelo notável higienista e os compêndios de nossa História regional não lhe realcem, suficientemente, o extraordinário mérito, esse feito glorioso constitui o mais arrojado, nobre, útil e frutuoso cometimento de todo um Governo do Pará, o de João Antonio Luiz Coelho; e, por si só, bastaria para imortalizá-lo.

Nesta era em que a cultura brasileira tanto se banaliza, ressentindo-se de valores capazes de plasmar a têmpera de nossa juventude, devolvendo-lhe o ardor cívico e o compromisso com os ideais supremos da pátria e do pensamento humano, vale muito lembrar aos paraenses, particularmente aos das novas gerações, o quanto deve esta terra ao patriotismo, à tenacidade e proficiência de Oswaldo Gonçalves Cruz. Deve-lhe, inequivocamente, a mais relevante obra saneadora aqui realizada, de consequências econômicas e sociais inestimáveis para o Estado.

Pouco se tem escrito sobre essa campanha. Para um empreendimento das proporções e do interesse de que se revestiu, surpreende-nos a parcimônia dos relatos da imprensa local a ela referentes. Talvez porque fosse Oswaldo Cruz dono de estranha simplicidade, avesso ao preconício, ao exibicionismo, à vã publicidade, de pouco nos pudemos valer do noticiário dos jornais da época. Quando não se limitam à lacônica divulgação dos boletins quotidianos emitidos pela Comissão Sanitária de Profilaxia da Febre Amarela, estendem-se em longos panegíricos da lavra de jornalistas, às vezes do mais puro vernáculo, que nada oferecem, entretanto, de realmente útil à historiografia.

Muitas vezes tivemos de recorrer a Sales Guerra para ilustrar alguns períodos sobre os quais a imprensa quase silencia e que a intimidade com Oswaldo Cruz lhe permitiu tão bem conhecer. E, tal como ele, consciente de que nem sempre a verdade é verossímil, usamos de abundantes transcrições que, certamente, conferem maior credibilidade à narrativa.

Contamos com que todo este esforço não tenha sido em vão e que as lições do grande brasileiro, aqui carinhosamente lembradas, se venham somar, proveitosamente, aos muitos bons recados que a História tem a dar à nossa juventude.

A Oswaldo Cruz, a nossa mais ardente e profunda veneração.



ANTECEDENTES REMOTOS



ANTECEDENTES REMOTOS

Datam de janeiro de 1850 os primeiros registros de febre amarela no Pará. A moléstia já causara danos severíssimos em Pernambuco e na Bahia, desde a primeira epidemia, irrompida no Recife em 1685, e era trazida afinal, 165 anos depois, para o porto de Belém, simultaneamente por duas embarcações procedentes do Nordeste¹.

Fotografia: Patrick Pardini



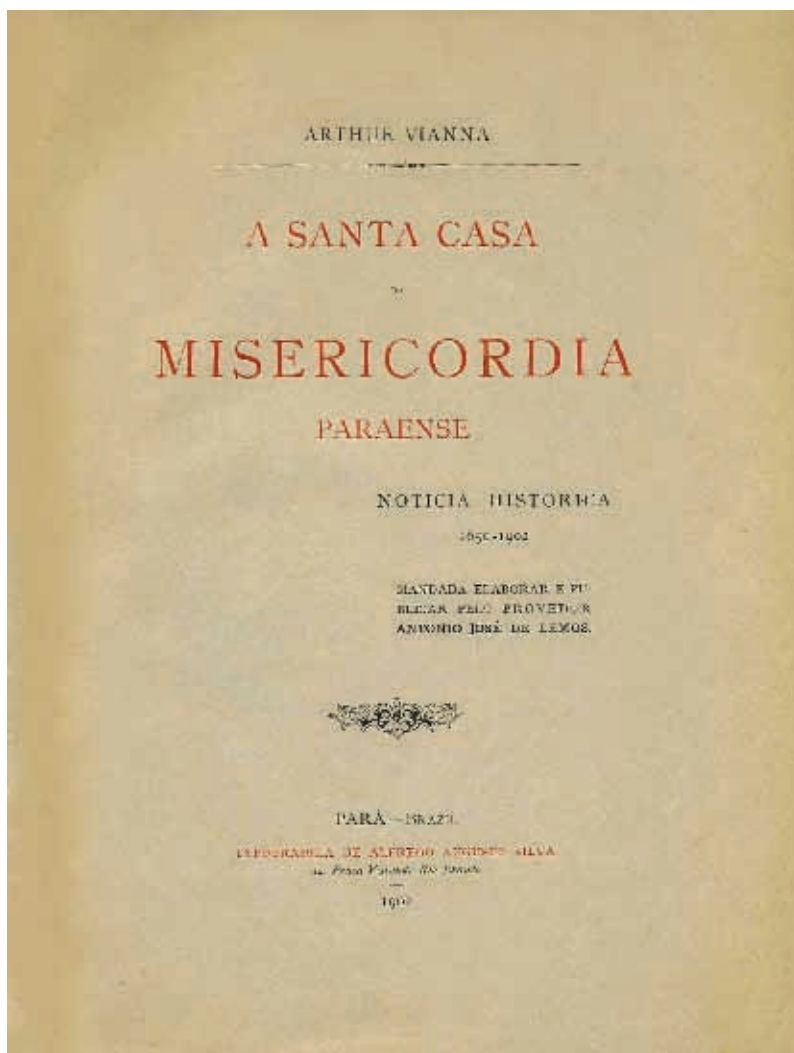
Belém do Pará. Perfil da capital da Província poucos anos depois da introdução da febre amarela. Óleo sobre tela de Joseph León Righini, 1868. Dimensões: 1,03 x 2,07 m.

Fotografia reproduzida do original, do acervo do Museu da Universidade Federal do Pará.

Incluía-se, assim, a Província do Pará no âmbito de um cenário calamitoso que se havia de estender ainda a outras regiões do país, ceifando-lhes muitas vidas e terminando por envolver os principais portos da nação em desgraçada fama, que por muitos anos proibiria a nossas plagas o concurso do braço alienígena.

¹ VIANNA, Arthur. **A Santa Casa da Misericórdia Paraense**: noticia historica 1650- 1902. Belém: Alfredo Augusto Silva, 1902. p. 178- 179.

A epidemia que sucedeu ao desembarque em Belém dos doentes da barca Pollux e da charrua Pernambucana não implicou, é certo, em elevada mortalidade. Mas trouxe pânico à pacata gente da capital. Houve, no dizer de Arthur Vianna², “[...] espantosa propagação do mal, que atacou famílias inteiras, ruas e bairros sem perdoar uma só casa”.



Folha de rosto do livro de Arthur Vianna, irmão de Gaspar, sobre a Santa Casa da Misericórdia Paraense, em que o grande historiador das epidemias no Pará relata os fatos ligados à introdução da febre amarela na Província em 1850 e sua evolução aí até os dias da publicação de sua obra no alvorecer do século XX.

Reproduzida de exemplar do acervo H. Fraiha.

² VIANNA, 1902, p. 180-181.

No período de março a junho de 1850, “[...] as repartições publicas deixaram de funcionar; muitas casas commerciaes fecharam, as embarcações ficaram no porto por falta de marinheiros”³.

Doze mil enfermos, para uma população de 16 mil habitantes, são os números da estimativa apresentada pelo Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, então Presidente da Província, em seu Relatório de 1850⁴.

Felizmente, a tão elevada morbidade opunha-se uma letalidade de apenas 4,98%⁵. Além disso, já em agosto a febre perderia o caráter epidêmico, dando lugar a um estado endêmico duradouro⁶.

Vinte e um anos se passariam sem que o mal constituísse aqui maior preocupação, acometendo apenas estrangeiros recém-chegados, poupando quase sempre os nacionais, sobretudo os paraenses natos, para os quais guardava já “[...]proverbial tolerancia”⁷.

Em 1871, novo surto epidêmico de menores proporções registrou-se na capital, elevando para 154 o total de óbitos por febre amarela naquele ano. Apesar da propagação assustadora com que chegou a esboçar uma repetição da catástrofe de 1850, ficou-lhe muito a dever, dada a resistência que lhe ofereciam agora os naturais da terra⁸.

Antes do fim do ano a situação voltaria ao normal.

A mortalidade passou a oscilar nos anos subseqüentes entre médias relativamente pequenas em confronto com a entrada de estrangeiros. Apenas de 1883 a 1887 elevou-se, passageiramente, o número de vítimas⁹.

Mas, a partir de 1894, grave alteração se operaria no campo de ação do morbo sinistro. É, a propósito, lúcida e oportuna a análise feita pelo historiador Arthur Vianna¹⁰:

³ VIANNA, 1902, p. 181.

⁴ Id. Ibid., p. 180.

* Durante a epidemia de 1850 foram registrados 593 óbitos por febre amarela (VIANNA, Arthur. **As epidemias no Pará**. Belém: Imprensa do Diário Oficial, 1906. p. 55).

⁵ BRITTO, Rubens da Silveira; CARDOSO, Eleyson. **A febre amarela no Pará**. Belém: SUDAM, 1973. p. 20.

⁶ VIANNA, 1902, p. 179-180.

⁷ Id., 1906, p. 56, 62.

⁸ Id. Ibid., p. 56-57, 62.

⁹ Id. Ibid., p. 58.

¹⁰ Id. Ibid., p. 58-59.

Dois governos successivos do Estado, accórdes em dar impulso gigantesco á introducção dos emigrantes, fizeram entrar aqui milhares de estrangeiros, que aliás, nada teriam que vêr com a febre amarella, pois vinham destinados ás colonias, todas no interior, onde não havia perigo de infecção.*

Uma vez que os recémchegados não se demorassem na capital, o unico fóco existente no Estado, tudo iria bem.

Infelizmente a emigração em massa devia ser um desastre; não estavam preparados para fazel-a com resultados proficuos.

Os contractos, bastante onerosos para a fazenda publica, foram ainda assim defeituosos e favoreceram a pouca seriedade dos contractantes, de maneira que se fez para cá um verdadeiro exodo de individuos das cidades europeas, inaptos para qualquer serviço da lavoura.

Esses homens revelaram nas colonias a sua incompetencia para o cultivo das terras, entraram a viver ociosamente á custa do governo, insubordinando-se e acabando por vir á capital, á procura de collocação.

Cedo, emigrantes que tinham custado muitas libras ao governo, eram na cidade, cosinheiros, creados, encadernadores, etc., e reparigas novas e bonitas engrossavam a prostituição.

Uma vez aqui, a febre amarella encaçava-os continuamente e dizimava-os.

Por outro lado um período de prosperidade, determinado pela baixa cambial e consequente valorisação dos nossos generos, attrahia outra menos avultada, porém ainda importante, corrente emigratória.

Assim foi que a mortalidade começou a elevar-se em 1895, culminando em 1900 com o registro de 466 óbitos durante o ano¹¹.

Eis os dados do obituário por febre amarela em Belém a partir de 1895:

ANO	ÓBITOS	ANO	ÓBITOS
1895	70	1903	130
1896	138	1904	191
1897	340	1905	183
1898	222	1906	253
1899	391	1907	193
1900	466	1908	213
1901	131	1909	169
1902	145	1910 (1º sem.)	153

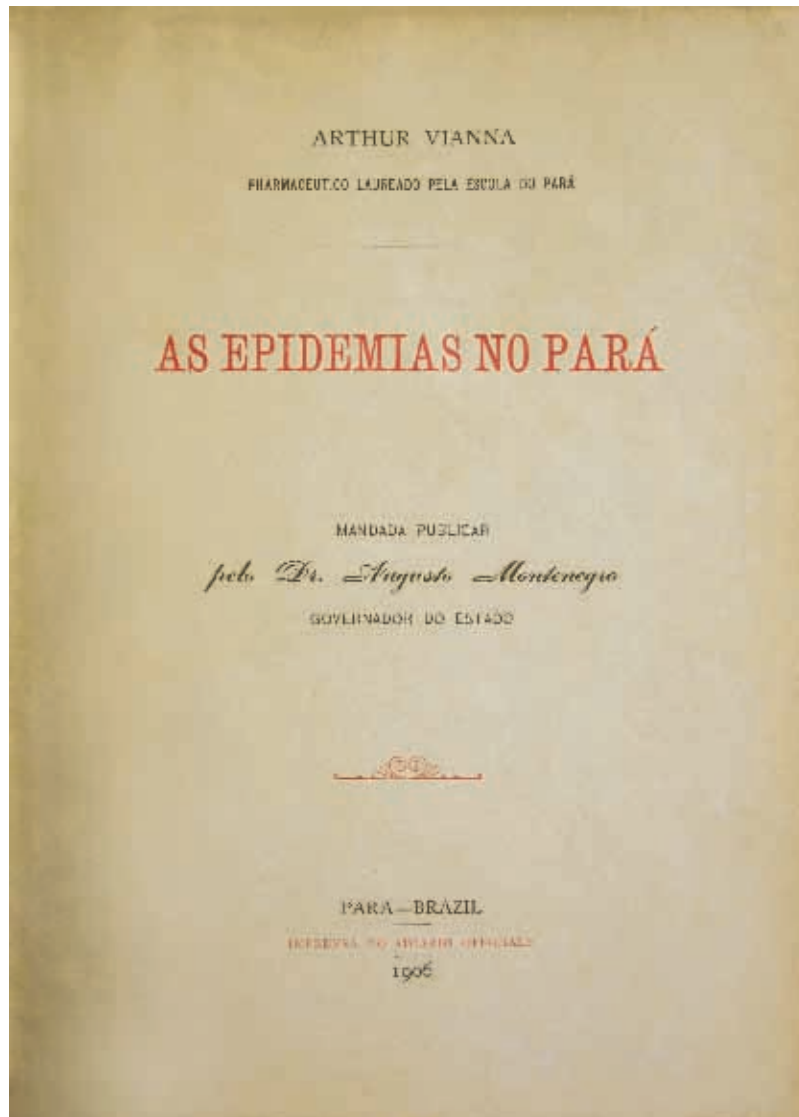
Nota: Os dados até 1905 são de Arthur Vianna¹¹; a partir de 1906, são do quadro estatístico elaborado pelo Dr. Américo Campos e referido por Cruz Moreira na sessão de 25 de outubro de 1910 da Câmara dos Deputados¹².

* Era circunscrita a distribuição do mosquito transmissor.

¹¹ VIANNA, 1906, p. 59.

¹² O COMBATE á febre amarella. **A Provincia do Pará**, Belém, ano 35, n. 10.968, 5 de novembro de 1910, sábado, p. 1.

Afirma ainda Arthur Vianna¹³ que “[...] apesar de uma busca minuciosa ao obituario e de amplas indagações [...]”, não foi possível apurar um único caso fatal entre paraenses natos no período em questão.



Folha de rosto do livro de Arthur Vianna, *As epidemias no Pará*. Reproduzida de exemplar do acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna, Belém.



¹³ VIANNA, 1906, p. 62.

Revelados ao mundo os resultados da heróica experiência havanesa que logrou confirmar a doutrina de Finlay sobre a importância do mosquito *Stegomyia fasciata* na transmissão da doença e obtidos os primeiros sucessos com a profilaxia baseada no isolamento dos doentes e no combate ao vetor, começaram a surgir, partidas de estudiosos como Emílio Goeldi¹⁴ e o próprio Arthur Vianna¹⁵, manifestações de incentivo ao poder público para uma enérgica campanha contra a febre amarela na capital do Pará.

"Conquerors of Yellow Fever", óleo sobre tela de Dean Cornwell pertencente ao acervo dos Laboratórios Wyeth-Ayerst Pharmaceuticals, Philadelphia, USA. A tela foi levada para o Walter Reed Army Institute of Research (WRAIR) em 29 de abril de 1954, onde permanece exposta no Gabinete de sua Diretoria Executiva em Silver Spring, Maryland, USA.



Representação alegórica de um dos grandes momentos da História da Medicina: Walter Reed (ao centro, de pé, em uniforme branco) e Carlos Finlay (o único civil, à esquerda) observam Jesse Lazear, enquanto este expõe James Carroll à picada de um mosquito infectado com o vírus amarelo. Embora o evento nunca tenha acontecido tal como aí representado, a pintura constitui um tributo às figuras dos valorosos cientistas cujos esforços combinados tornaram possível a grande conquista da comprovação definitiva da transmissão da febre amarela mediante a picada de um vetor biológico e não pela contaminação com fômites, como até então se acreditava: Finlay aventou a teoria da transmissão por mosquito, defendendo-a na Conferência Sanitária Internacional de Washington, em 1881. Carroll deixou-se infectar na primeira experiência conhecida de transmissão da febre amarela a partir de um vetor alado. Lazear morreu um mês depois de se submeter a uma autoexperimentação. Reed relatou em 23 de outubro de 1900 o grande feito da Comissão que coordenava, na reunião anual da American Public Health Association realizada em Indianápolis.



¹⁴ GOELDI, Emilio Augusto. *Os mosquitos no Pará*. Belém: Wiegandt, 1905. p. 39.

¹⁵ VIANNA, 1906, p. 65-66.

ANTECEDENTES IMEDIATOS



ANTECEDENTES IMEDIATOS

la mal a Companhia Madeira-Mamoré Railway, lutando tenazmente pelo prosseguimento dos trabalhos de construção da estrada de ferro de Porto Velho a Guajará-Mirim, compromisso diplomático do Brasil para com a Bolívia decorrente do Tratado de Petrópolis que conferiu ao nosso país a posse definitiva do Acre¹⁶.

A insalubridade daquela região, particularmente inóspita pela alta prevalência de malária, levava a companhia a experimentar ali trabalhadores de muitos países. Até mesmo chineses haviam sido onerosamente contratados, mas, como antes, tudo redundara em insucesso. Já repercutia lá fora, com alardes, a fama sinistra de hostilidade da trágica floresta¹⁷.

Decidiram, os dirigentes da “Madeira-Mamoré” e de sua associada “Port of Pará”, recorrer a Oswaldo Cruz, propondo-lhe ir estudar a região, a fim de indicar as medidas necessárias para o seu saneamento.

Em abril de 1910, chegava-lhes a resposta¹⁸, dirigida ao Dr. Carlos Sampaio, representante de ambas as companhias no Rio de Janeiro: “[...] impressionando-me a exposição que v. exc. me fez, e da qual deduzi a alta importancia nacional do assumpto, resolvi, taes sejam as condições, ir pessoalmente estudar *in loco* a solução do problema”. Ao que lhe respondeu Carlos Sampaio¹⁹, insinuando, quase profeticamente:

A carta que v. exc. se dignou dirigir-me, com data de 5 do corrente, produziu em mim, como brasileiro e como representante da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, a maior satisfação, porque prevejo o serviço incalculável que v. exc. póde ainda mais uma vez prestar à nossa cara patria. [...] Permitta-me, portanto, que deixe a v. exc. o cuidado de estabelecer as condições que melhor se coadunem com os seus interesses, tomando em consideração que, em sua passagem pelo Pará, póde ainda v. exc. concorrer com os seus preciosos conselhos para melhorar as condições sanitarias da cidade de Belem, onde a febre amarella tem produzido sérios estragos.

A 25 de junho chegava a Belém, a bordo do “Rio de Janeiro”, o Dr. Oswaldo Cruz em trânsito para Porto Velho. Acompanhava-o Belisário Penna, seu discípulo e secretário, a quem se confiara a enorme

¹⁶ FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A ferrovia do diabo**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2008. p. 189-190.

¹⁷ SALES GUERRA, Egidio. **Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro: Vecchi, 1940. p. 501, 504.

¹⁸ DR. OSWALDO Cruz. **Folha do Norte**, Belém, ano 15, n. 4.550, 30 de junho de 1910, quinta-feira, p. 1.

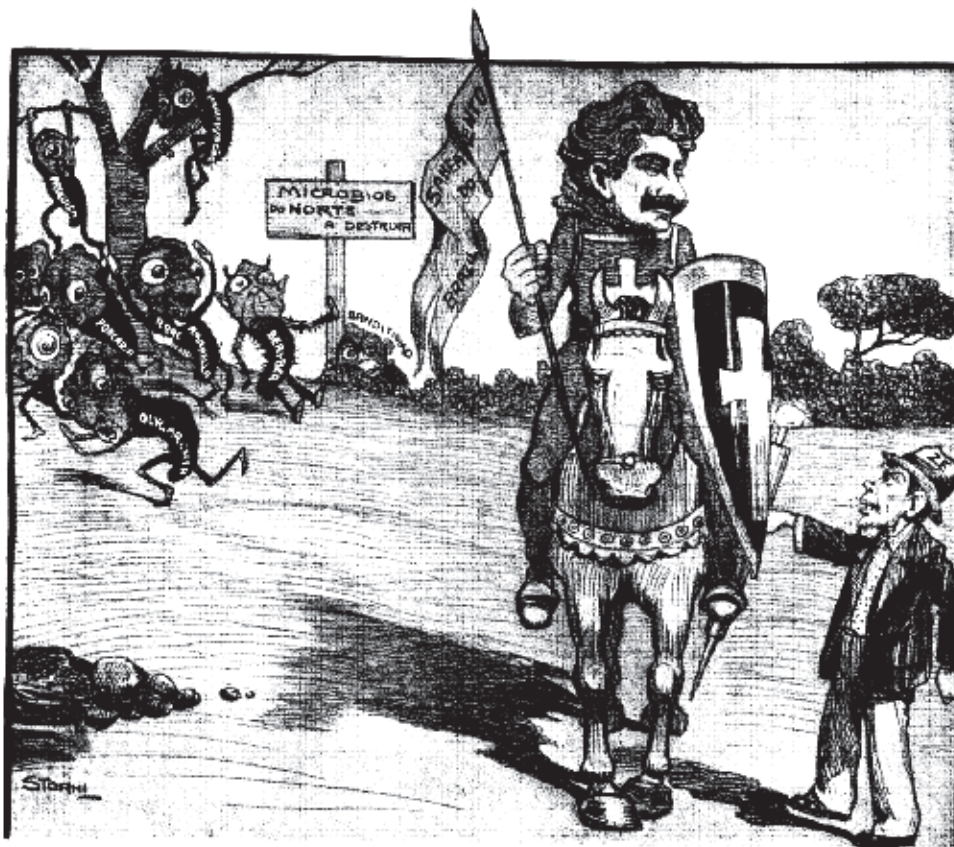
¹⁹ SALES GUERRA, 1940, p. 506.

responsabilidade de zelar pela saúde do chefe, já bastante comprometida. Não fora fácil, aliás, vencer a resistência da família a que se o expusesse a tantos riscos naquela missão²⁰.

O MALHO 25-6-110

CRUZADA OSWALDO; OS MICROBIOS QUE ESCAPAM

Está em viagem para o extremo norte o Dr. Oswaldo Cruz, que accedeu ao consêlho para ir senear a zona da Estrada de Ferro Madeira e Mamoré, bem como o porto do Pará. (Das JORNADAS)



Zé Povó: — Vai, sabio hygienista, que tanto honrou o Brasil! Deus te acompanhe nessa nova e santa cruzada, que empreendês com sacrificio da propria vida! Mas, si além dos da malária, pudesses tambem destruir aqueles outros microbios... isso, então, é que era uma pechincha!...
Oswaldo Cruz: — Impossivel meu caro Zé! São microbios da politicaçom e não há hygiene pacifica que possa com elles... Só tu, a poder de protestos, poderás um dia acabar com esses bichos!...

Charge d'O Malho exaltando o heroísmo de Oswaldo Cruz em sua arrojada viagem aos confins da Amazônia, já com a saúde muito comprometida. Ao mesmo tempo, censura a ação dos maus políticos de então.

Reproduzida de Falcão (1971, p. 224).

²⁰ SALES GUERRA, 1940, p. 506.

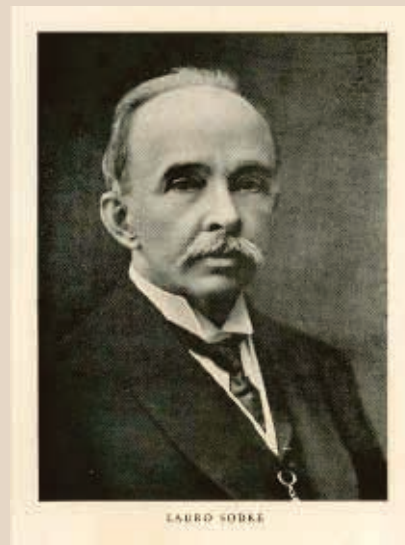
Não era a primeira vez que Oswaldo Cruz vinha ao Pará. Já estivera aqui em novembro de 1905, quando, ainda Diretor da Saúde Pública e já vitorioso na campanha de profilaxia da febre amarela no Rio de Janeiro, empenhava-se na organização da defesa sanitária dos 23 portos marítimos e fluviais, do Norte ao Leste do país, contra a invasão de moléstias infecciosas²¹.

A visita de Oswaldo Cruz ao Pará em 1905

A visita que Oswaldo Cruz empreendeu ao Pará naquela ocasião foi marcada por um fato pitoresco. Quiseram os "lemistas" (partidários do Intendente Municipal Antonio Lemos) tirar proveito de sua passagem por Belém para prestar-lhe estrondosa homenagem de desagravo aos episódios do levante de 14 de novembro de 1904 no Rio de Janeiro, liderado por Lauro Sodré, em consequência da promulgação da lei que instituiu a obrigatoriedade da vacinação antivariólica. Lauro Sodré, ex-Governador do Pará, era o grande adversário político de Lemos.



Reproduzida de Vianna (1902).



Reproduzida de Sodré (1970).

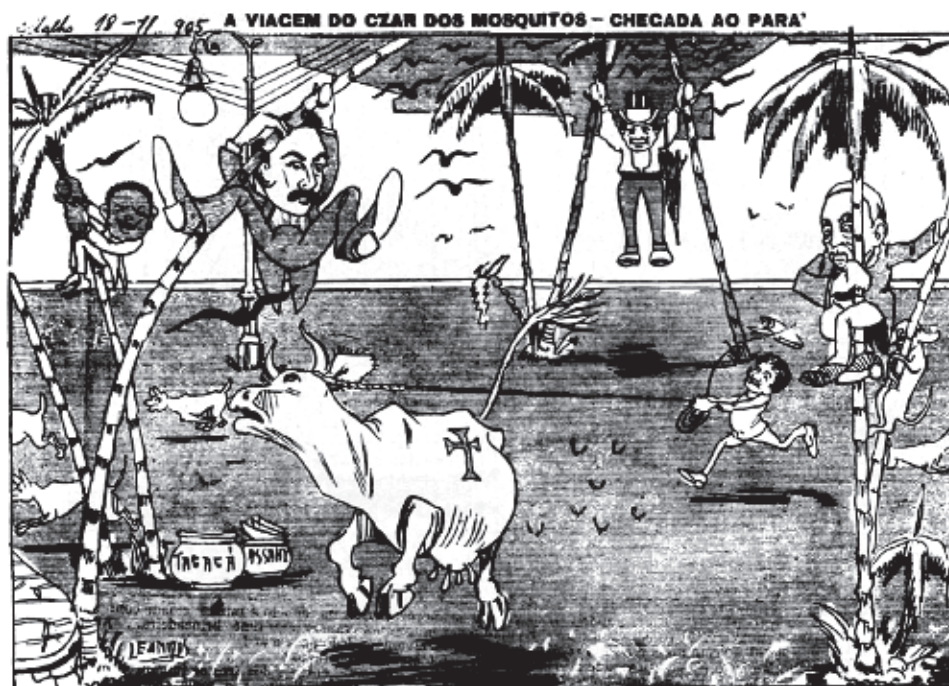
Avisado por Afonso Mac-Dowell, Oswaldo Cruz, avesso às mais sinceras manifestações dessa ordem, valeu-se de estar viajando em rebocador de sua repartição, onde tudo obedecia às suas prescrições, e embarcou sorrateiramente durante a noite para Manaus.

O rebocador República.
Reproduzida de Fundação Oswaldo Cruz (2003, p. 98).



²¹ SALES GUERRA, 1940, p. 324-325.

Conta Sales Guerra, com boa dose de humor, que "[...] enquanto o rebocador ia vencendo a corrente do imenso rio, as folhas de Belém, de partidos adversos, em suas acrimoniosas apreciações peculiares da pequenina política regional, lançavam umas às outras a culpa da partida precipitada que a discrição ditara a Oswaldo Cruz"²².



Charge d'O Malho alusiva a essa primeira vinda de Oswaldo Cruz ao Pará, ironizando as intrigas da política estadual.

Reproduzida de Falcão (1971, p. 173).

Antônio Lemos:—Lavra, que heho bravo! Parece a faria dos lauristas contra nos...
 Monteiro:—É á comingo que o raio da vacca implicen. Que pessima idéa do chefe dos mata-mosquitos!
 Oswaldo Cruz:—Não tenham receio senhores! É a nossa leiteira del. de bordo do Alagadões! O pobre do bicho está inconsolavel com a noticia da morte dos collegas burros, victimas do incendio no Rio de Janeiro... Sai vacca!
 El Foco:—Ora essa! É somos nós que pagamos as favas do tal estudo dos mosquitos, que me ha de livrar de sezies... depois de morto!!

A presença do grande sanitaria em Belém encheu de entusiasmo o Governador João Coelho, que há muito se vinha preocupando em “[...] iniciar sério e pertinaz combate á febre amarella, que precisa, custe-nos embora grandes sacrificios, ser de vez extincta nesta região”²³. Conferenciou com ele.

²² SALES GUERRA, 1940, p. 325.

²³ PARÁ. Governador (1909-1913: João Antonio Luiz Coelho). Mensagem dirigida em 7 de Setembro de 1909 ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. João Antonio Luiz Coelho Governador do Estado. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1909. p. 37.

Charge d'O Malho induzindo a população do Rio de Janeiro a uma guerra contra a vacinação antivariólica obrigatória. Duas semanas depois irromperia a famosa "Revolta das Barricadas", liderada por Lauro Sodré.

Reproduzida de Falcão (1971, p. 129).



Cartão postal do Rio de Janeiro mostrando um bonde tombado na Praça da República por manifestantes contra a vacinação obrigatória, em novembro de 1904.

Reproduzido de exemplar da coleção de Octavio Victor R. do Espírito Santo Filho.



Imagens que evocam o deplorável episódio da Revolta da Vacina no Rio de Janeiro.



Fotografia: H. Fraiha

O Governador João Coelho. Retrato a óleo sobre tela de autoria de José Irineu de Souza. Dimensões: 125 x 86 cm.

Propriedade do Eng. João Coelho Neto. Reprodução autorizada para a presente edição.

Na Mensagem que dirigiria semanas depois ao Legislativo, assim narrava o Governador João Coelho²⁴ o desenrolar dos entendimentos:

Preocupado com dar combate á febre amarella, como um dos pontos capitaes do meu programma de governo, desde longos mezes me vinha aparelhando dos indispensaveis recursos a uma campanha em regra.

Estava prestes a dar inicio aos trabalhos de prophylaxia, quando soube da excursão que vinha emprehender á Amazonia o sr. dr. Oswaldo Cruz, o benemerito debellador da febre amarella no Rio de Janeiro.

²⁴ PARÁ. Governador (1909-1913: João Antonio Luiz Coelho). **Mensagem dirigida em 7 de setembro de 1910 ao Congresso Legislativo do Pará.** Belém: Imprensa Official do Estado do Pará, 1910. p. 84-85.

Deliberei, desde então, submeter o plano que tinha em vista ao estudo e á critica do eminente bacteriologista, celebre hoje, no mundo da sciencia pelo extraordinario relevo do seu merecimento.

Logo á primeira vez em que nos falamos, feriu-se o assumpto. Expuz-lhe o meu programma e concluí invocando o seu patriotismo para a rectificação de tópicos porventura em desaccordo com as suas idéas e pratica na materia. Promptamente accedeu o sr. dr. Oswaldo Cruz, dizendo que o faria com satisfação, pois considerava a extincção da febre amarella no Pará a solução de um problema nacional.

Em seguida a esta entrevista, s. exc. visitou, n'uma inspecção inicial, bairros mais ou menos afastados do centro populoso, no intuito de conhecer a respectiva topographia, e assim poder com segurança alvitar no importante assumpto.

No decorrer da segunda conferencia que tivemos, tendo já estudado o plano por mim anteriormente adoptado, s. exc. externou-me detidamente a sua maneira de ver na questão, *afirmando a possibilidade de extinguir-se o mal dentro do praso de um anno, sendo que, nos primeiros seis mezes, com as medidas apontadas pelo preclaro professor, ficaria debellada a febre em sua forma epidemica, e nos seis outros seriam combatidos efficazmente os casos esporadicos, que sempre se desenvolvem após serviços de prophylaxia.**

Sciante d'estes esclarecimentos, fiz ponderações opportunas ao sr. dr. Oswaldo Cruz, e s. exc. prontificou-se a dirigir a campanha, em pessoa.

Heroico e arrojado compromisso o que acabava de assumir. Diz Sales Guerra, seu médico e confidente, melhor amigo e biógrafo, que Oswaldo Cruz já estava então “[...] esclerótico cardio-renal, hipertenso, albuminúrico, fôra acometido de dois ataques de edema pulmonar, de que ficaram vestígios permanentes na base dos pulmões: quadro sintomático de prognóstico sombrio”²⁵.

A propósito, ver carta de Oswaldo Cruz à esposa “Miloca” no Anexo A (p. 159).

Mais uma vez, audaciosamente, se punha à prova, tal como o fizera em duas oportuidades anteriores. Garantira ao Ministro Seabra e ao Presidente Rodrigues Alves executar com êxito a campanha contra a febre amarela no Rio de Janeiro no prazo limitado de três anos, se o governo lhe desse “[...] fôrça e recursos”²⁶; e assegurara em Washington, ao presidente Theodore Roosevelt, que nenhum risco correriam os 15 mil marinheiros da esquadra americana que pretendiam desembarcar no Rio de Janeiro no início de 1908, em plena quadra canicular²⁷.

Cumpriram-se com rigorosa exatidão ambas ousadíssimas predições.

* O grifo é nosso.

²⁵ SALES GUERRA, 1940, p. 540-541.

²⁶ Id. Ibid., p. 63.

²⁷ Id. Ibid., p. 396-397.

Prometia agora a João Coelho extinguir a febre amarela de Belém em um ano de campanha, debelando a epidemia nos primeiros seis meses.

A fé inabalável na Ciência, a autoconfiança e uma rara capacidade de presciência, eram alguns dos traços mais notáveis de sua extraordinária personalidade.



Ex-Libris de Oswaldo Gonçalves Cruz.
Impresso em Paris.

Reproduzido do original, do acervo H. Fraiha.



A 29 de junho seguiu viagem a Manaus e dali a Porto Velho. Durante os 28 dias de sua permanência na região, percorreu 113 km da linha construída²⁸, realizou autópsias diárias, assistiu doentes e moribundos, sempre atento a todos os pormenores do panorama nosoepidemiológico regional²⁹.

De suas observações resultaria, mais tarde, a elaboração e publicação de importante relatório³⁰, reeditado em 1972 ao ensejo do centenário de seu nascimento, por iniciativa isolada e simultânea de entidades culturais, oficiais e particulares³¹.

²⁸ CRUZ, Oswaldo Gonçalves. *Considerações geraes sobre as condições sanitarias do Rio Madeira*. Rio de Janeiro: Papelaria Americana, 1910. p. 3.

²⁹ SALES GUERRA, 1940, p. 508.

³⁰ CRUZ, *Ibid.*, 44 p.

³¹ CRUZ, Oswaldo Gonçalves. *Considerações geraes sobre as condições sanitarias do Rio Madeira*. In: *Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Afrânio Peixoto: Sobre o saneamento da Amazônia*. Manaus: Philippe Daou, 1972. 205 p.



Fotografia: H. Fraiha

O relatório impresso das observações do Dr. Oswaldo Gonçalves Cruz na região do Madeira. O exemplar encadernado, à esquerda, pertence ao acervo do Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz (COC), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro. À direita, fac-símile da capa da publicação em brochura, imagem gentilmente cedida pela COC/Fiocruz.

Eis alguns tópicos interessantes, selecionados desse relatório:

- a) Várias doenças foram por ele observadas no pessoal: malária, pneumonia, sarampo, ancilostomíase, beribéri, disenteria, febre hemoglobinúrica, febre amarela, maduromicose, miíases, pinta, espúndia (leishmaniose cutaneomucosa) e, talvez, o calazar (leishmaniose visceral)³². Dentre todas, porém, era o impaludismo o grande terror daquelas regiões, responsável por até 90% dos casos de doença registrados³³ e pela preocupante mortalidade. Como agravante, os plasmódios circulantes já ofereciam ali resistência às doses habituais de quinina^{34, *};

³² CRUZ, 1910, p. 27-32.

³³ Id. Ibid., p. 33.

³⁴ Id. Ibid., p. 35-36.

* Em carta enviada do rio Madeira ao amigo Sales Guerra, datada de 8 de agosto de 1910, escreveu ele, enfaticamente: "O impaludismo daqui é extremamente resistente à quinina" (SALES GUERRA, 1940, p. 512).

- b) Refere haver coletado, nos dois meses de estudo (julho e agosto), duas espécies de anofelinos: *Cellia albimana*³⁵, hoje considerada sinônimo de *Anopheles albimanus*³⁶, e *C. argyrotarsis*³⁵, sinônimo de *Anopheles darlingi*³⁷, com ampla predominância desta última, espécie de que numa só noite mais de cem exemplares foram coletados no interior de um rancho de palha do Jaci-Paraná onde havia quatro doentes³⁵. O *Anopheles darlingi* exibia então, portanto, na região, marcada endofilia;
- c) Encerra seu relatório com 20 conclusões práticas que estabelecem a necessidade imperiosa de aplicação compulsória de medidas de profilaxia, prevendo, inclusive, penalidades aos que se opusessem, impedissem ou não se sujeitassem às determinações prescritas³⁸;
- d) Quanto à surpreendente diversidade racial e de nacionalidades entre os homens contratados, refere que ele próprio teve oportunidade de ver trabalhando na linha operários brasileiros e portugueses, espanhóis e hispano-americanos, franceses, ingleses, alemães, austríacos, romenos, sírios, italianos, russos, poloneses, chineses, dinamarqueses e norte-americanos³⁹.

A propósito deste último assunto, Manoel Rodrigues Ferreira assegura em sua obra que a companhia mantinha agentes especiais em diversas cidades do mundo com a finalidade de contratar trabalhadores para a construção da ferrovia⁴⁰ e que o contingente maior procedia das Antilhas e de Barbados, seguido do de espanhóis, brasileiros e portugueses e, em menor número, por gregos, italianos, franceses, hindus, húngaros, poloneses e dinamarqueses. Mais adiante, ao referir-se às estatísticas de 1910, menciona ainda colombianos, alemães, bolivianos, russos, venezuelanos, cubanos, ingleses, porto-riquenhos, suecos, canadenses, chilenos, escoceses e panamenhos⁴¹. Enfim, diz ele, “[...] de cada nacionalidade havia representantes, [...] uns em maior, outros em menor número. Mas, de todos os países, ali havia súditos”⁴².

³⁵ CRUZ, 1910, p. 13.

³⁶ FARAN, Michael E. Mosquito studies (Diptera, Culicidae) XXXIV. A revision of the *Albimanus* Section of the subgenus *Nyssorrhynchus* of *Anopheles*. *Contributions of the American Entomological Institute*, v. 15, n. 7, p. 35-36, 1980.

³⁷ DEANE, Leonidas M. A cronologia da descoberta dos transmissores da malária na Amazônia brasileira. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 84, supl. 4, p. 150, 1989.

³⁸ CRUZ, 1910, p. 41-44.

³⁹ Id. *Ibid.*, p. 24.

⁴⁰ Id. *Ibid.*, p. 211.

⁴¹ FERREIRA, 2008, p. 272.

⁴² Id. *Ibid.*, p. 211.

O documentário Dana Merrill

A seguir, uma seleção de fotografias integrantes do acervo Dana Merrill, do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (MP/USP). Competente fotógrafo nova-iorquino, Merrill foi contratado pela companhia para documentar durante um ano (1909-1910) os trabalhos de abertura e construção da ferrovia⁴³. Algumas de suas imagens falam, eloquentemente, de grandes desafios enfrentados por administradores e operários da malfadada empreitada: a hostilidade da selva, a inclemência das intempéries e outros fatores condicionantes da elevada transmissão da malária, ali identificada por Oswaldo Cruz como o grande flagelo regional. Algumas outras falam da diversidade étnica dos contratados para a obra. A reprodução destas imagens foi formalmente autorizada para a presente edição pela Divisão de Difusão Cultural do Museu Paulista em 15 de setembro de 2011.



Trecho em construção da ferrovia em área de mata densa. Em primeiro plano, uma betoneira a vapor. Do acervo do MP/USP.

⁴³ FERREIRA, 2008, p. 396-397.

O documentário Dana Merrill



Inundação de área já aberta na mata para construção da ferrovia, em período de cheia do rio Madeira.

Do acervo do MP/USP.



Abertura e construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Preparação da estrutura elevada.

Do acervo do MP/USP.

O documentário Dana Merrill



Operários assentando dormentes e trilhos.
Do acervo do MP/USP.



Dormentes e trilhos assentados.
Do acervo do MP/USP.



Trabalhadores abrindo caixa de empréstimo para aterramento de trecho pantanoso da construção da ferrovia. Caixas de empréstimo são excelentes criadouros de *Anopheles darlingi*, principal vetor da malária na Amazônia⁴⁴. Como esta espécie não havia ainda sido descrita, Oswaldo Cruz referiu o seu achado na região pelo nome de *Celia argyrotarsis*, que mais tarde cairia em sinonímia de *A. darlingi*⁴⁵.

Do acervo do MP/USP.



Trecho da ferrovia construído sobre aterro, entre os rios Mutumpanará e Abunã.

Do acervo do MP/USP.

⁴⁴ FRAIHA NETO, Habib; BRITTO, Rubens da Silveira. Malária. In: LINHARES, Alexandre da Costa (Org.). *Saúde na Amazônia*. 2. ed. rev. amp. São Paulo: ANPES, 1983. p. 24-25.

⁴⁵ DEANE, 1989, p. 150.

O documentário Dana Merrill



Vagões-gôndola descarrilados.
Do acervo do MP/USP.



Desmoronamento de trecho construído da ferrovia, em consequência de enxurradas. O terreno em geral já não era favorável à construção de estradas. As chuvas torrenciais encarregavam-se de arrastar grandes aterros⁴⁶.
Do acervo do MP/USP.

⁴⁶ FERREIRA, 2008, p. 237.

O documentário Dana Merrill



Assentamento de trilhos sobre estiva de galharia para passagem do trem de lastro, em trecho pantanoso do rio Abunã.

Do acervo do MP/USP.



Enchente do Abunã inundando trecho já construído da ferrovia.

Do acervo do MP/USP.

O documentário Dana Merrill



Acampamento de operários da ferrovia construído em área devastada da floresta.
Do acervo do MP/USP.



Tipo de habitação predominante no acampamento, de características bastante favoráveis à transmissão da malária humana na Amazônia⁴⁷. No relatório que elaborou sobre suas observações na região, Oswaldo Cruz⁴⁸ refere a coleta de mais de 100 exemplares de anofelinos, numa só noite, no interior de um desses ranchos de palha.
Do acervo do MP/USP.

⁴⁷ FRAIHA NETO; BRITTO, 1983, p. 17, 18, 20, 27.

⁴⁸ CRUZ, 1910, p. 13.

O documentário Dana Merrill



Trabalhadores recebendo o salário, tendo o corpo quase inteiramente protegido contra a picada de simulídeos (borrachudos, ou piuns no dizer amazônico).

Do acervo do MP/USP.



Vagões-residência cobertos de palha para tornar mais suportável o calor dominante durante o dia.

Do acervo do MP/USP.

O documentário Dana Merrill



Carl Lovelace, médico chefe do serviço clínico do Hospital da Candelária, situado entre Porto Velho e Santo Antonio, aí visto ao lado de Oswaldo Cruz e Belisário Penna em fotografia tomada quando da visita destes últimos à região do Madeira. De Porto Velho, escreveu Oswaldo Cruz à esposa, D. Emília, em 25 de julho: "Não imaginas o que é isto aqui! Como se adoce e como se morre! Todos os dias entram vinte a trinta doentes e morrem dois ou três. Quanto a mim não tenho o menor receio. Tomo todas as precauções e o Belisário é um cêrbero que não me deixa pisar em rama verde. Tem comigo uma solicitude fraternal. Leva o carinho ao ponto de se levantar para ver se há algum mosquito em meu cortinado"⁴⁹.

Fotografia do acervo da COC/Fiocruz. Reprodução autorizada em maio de 2011 para a presente edição.



Três homens com o corpo inteiramente protegido da picada de insetos de hábitos diurnos, provavelmente piuns. Consta que o do meio é Oswaldo Cruz.

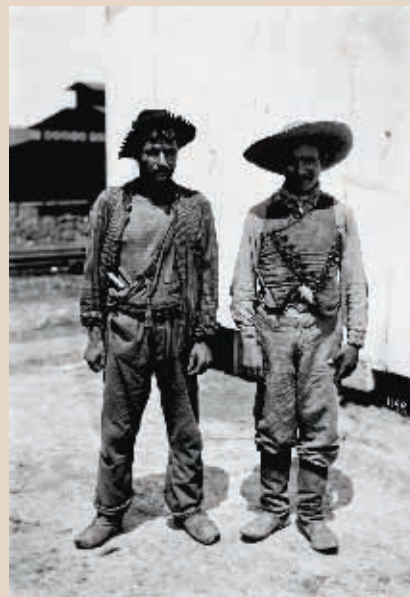
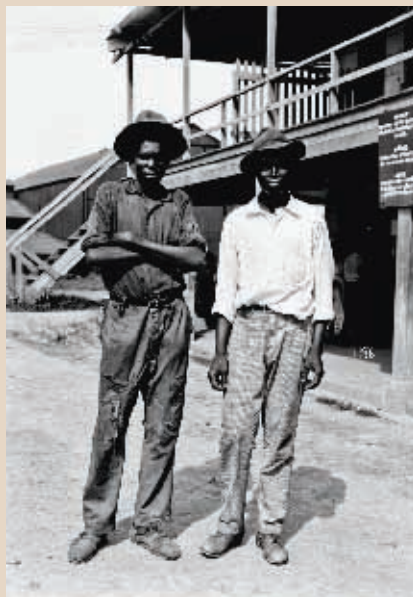
Do acervo do MP/USP.

⁴⁹ THIELEN, Eduardo Vilela; SANTOS, Ricardo Augusto dos. Belisário Penna: notas fotobiográficas. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 9, n. 2, p. 387-404, maio-ago. 2002. [p. 393].



Autoridades em visita à Madeira-Mamoré. Assim pode ter sido quando Oswaldo Cruz percorreu 113 km da via férrea em construção⁵⁰.

Do acervo do MP/USP.

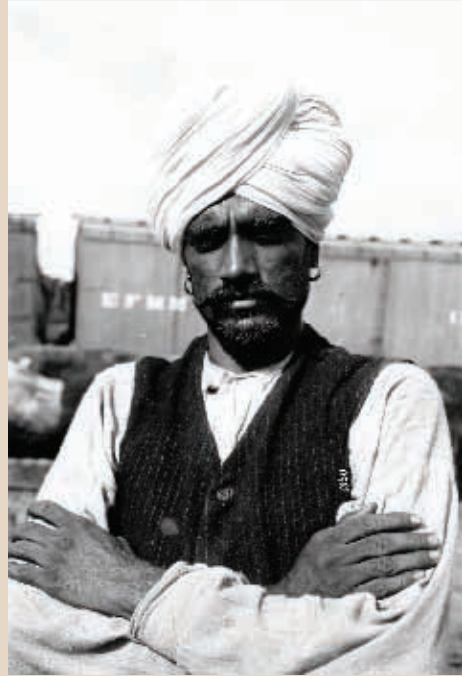


Trabalhadores antilhanos e de outras nacionalidades também contratados.

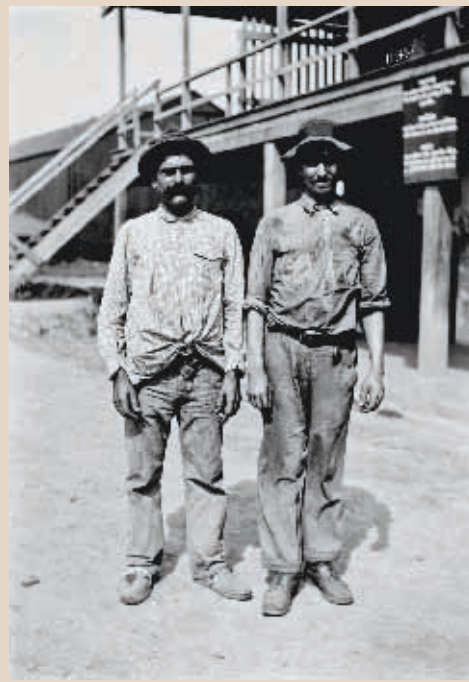
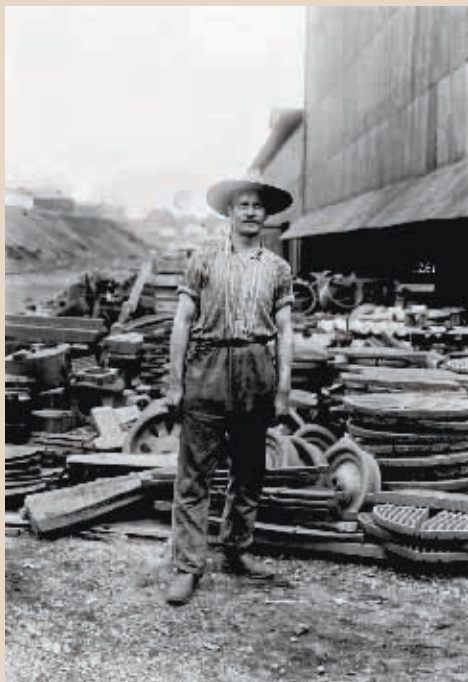
Do acervo do MP/USP.

⁵⁰ CRUZ, 1910, p. 3.

O documentário Dana Merrill



Trabalhador hindu contratado para a construção da ferrovia.
Do acervo do MP/USP.



Trabalhadores de outras origens.
Do acervo do MP/USP.

Oswaldo Cruz preservava sentimentos de extrema nobreza e apreço, notadamente para com familiares e amigos. É bem conhecido o seu estranho hábito de ir ao cemitério visitar o jazigo do pai, por quem nutria especial veneração, como primeira obrigação em qualquer retorno ao Rio de Janeiro, mesmo quando alvo de calorosa recepção.

Deparamo-nos agora com mais uma faceta curiosa de sua personalidade, revelada pelo neto Eduardo Oswaldo Cruz.



Famosa foto de Oswaldo Cruz e Belisário Penna na região do Madeira.
Cortesia da Sra. Emília Bustamante, em 1972.

Observando-se a imagem acima, chama atenção o detalhe de Oswaldo Cruz trazendo algo pendente do pulso esquerdo. Esclarece-o o Dr. Eduardo Oswaldo Cruz, detentor da peça: trata-se de uma medalha de caráter nitidamente devocional. Ora, como haveria Oswaldo Cruz, reconhecido agnóstico, de fazer uso ostensivo de uma medalha dessa natureza? Por trás de toda essa estranheza, uma prova de fidelidade e imenso respeito às convicções da amada esposa Miloca. Conta-se que ia com ela, regularmente, às missas de domingo; e, ao saírem da igreja, um dia, ela lhe teria dito que, se a amava de verdade, jamais deixaria de usar a tal medalha que acabara de atar-lhe ao pulso. Adquirira-a, certamente, quando de sua residência em Paris. Sobressaltada ante a inflexível decisão do esposo de ir até os confins da Amazônia, por via marítima e fluvial, a visitar região sabidamente inóspita, já com a saúde pessoal tão seriamente abalada, decerto fê-lo comprometer-se a levar consigo a medalha como espécie de amuleto, por entender nela algo capaz de assegurar a proteção divina ao longo de toda a arriscada jornada.

Uma faceta curiosa da personalidade de Oswaldo Cruz



Fotografia: H.Fraiha

Eis a medalha devocional então usada pelo Dr. Oswaldo Cruz.
Fotografia reproduzida do original, de propriedade do Dr. Eduardo Oswaldo Cruz.

A medalha é de prata, circular, pendente de argola e mede 3,5 cm de diâmetro. Já um pouco desgastada pelo uso. Traz no anverso a efigie de Jesus em perfil à esquerda, ladeada por inscrição em caracteres hebraicos. No reverso, inscrição em cinco linhas horizontais, também em caracteres hebraicos. Os textos aí inseridos são de difícil tradução, seja porque grafados em hebraico arcaico ou porque o artista modelador não dominasse, talvez, a escrita nesse idioma. Em todo caso, há alguma evidência de que nela Jesus é celebrado como o Messias, que veio pacificamente e se tornou a luz dos homens.

Consta que Oswaldo Cruz a terá usado até os momentos finais de sua vida.

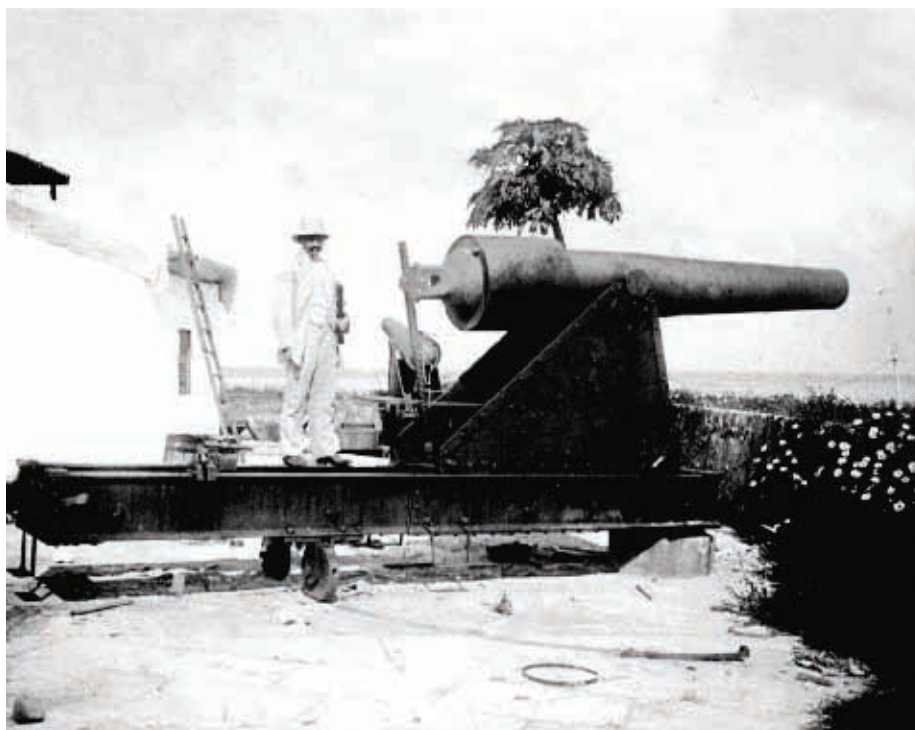
Com a devida permissão de seu curador, fotografamos a peça, inclusive no estojo em que foi adquirida, identificado como da ourivesaria Falize, Paris.



Fotografia: H.Fraiha

A medalha em seu estojo original.
Fotografia reproduzida do original, do acervo do Dr. Eduardo Oswaldo Cruz.

De volta ao Rio de Janeiro, Oswaldo Cruz passou novamente por Belém no dia 16 de agosto. Inspeccionou diversos pontos da cidade, orientando-se melhor para a execução da tarefa que o Governo lhe propusera e, à tarde do mesmo dia, conferenciou longamente com o Governador no Café da Paz. Assentaram-se então, em definitivo, as bases da luta contra o mosquito transmissor⁵¹.



Oswaldo Cruz no Forte do Presépio. Fotografia tomada, ao que tudo indica, por Belisário Penna, que o acompanhava na inspeção a vários pontos da cidade antes de apresentar sua proposta ao Governador João Coelho.

Do acervo da COC/Fiocruz. Reprodução autorizada para a presente edição.

Oswaldo Cruz apresentou por escrito a João Coelho as condições que deveriam ser, indispensavelmente, observadas⁵²:

- a) dispêndio aproximado de 3.000 contos de réis, durante a campanha;
- b) adoção, no Estado, dos regulamentos sanitários em vigor no Distrito Federal e dos que regem os serviços sanitários dependentes da União*;

⁵¹ PARÁ, 7 de setembro de 1910, p. 85.

⁵² Id. Ibid., p. 86.



O hotel-restaurante Grande Café da Paz, onde o ilustre visitante ficou hospedado por conta do Governo e onde, por duas vezes, foi ter com ele o Governador João Coelho, em junho de 1910, propondo-lhe combater a epidemia de febre amarela no Pará. Situava-se à Avenida da República, esquina com a Rua Carlos Gomes, local em que hoje se ergue o edifício-sede do Banco da Amazônia.

Reprodução de cartão postal da época, Edição Pará-Chic, n. 31. Do acervo H. Fraiha.

- c) criação da COMISSÃO SANITARIA DE PROPHYLAXIA DA FEBRE AMARELLA, sendo que esta comissão, inteiramente autónoma, entender-se-ia por intermedio de seu chefe, ou de seu representante legal, com o Governador do Estado, e, quando necessario, com o Intendente municipal;
- d) execução das medidas coercitivas de que cogitam os alludidos regulamentos*, por via administrativa e pela Comissão de saneamento, havendo recursos para o chefe da Comissão, ou seu representante, e, em ultima instancia, para o Governador do Estado;
- e) concessão ao chefe da Comissão, ou quem suas vezes fizer, da mais ampla autonomia technica e administrativa e do necessario apoio moral e material para que sejam levadas a effeito as medidas sanitarias precisas;
- f) a Comissão será constituída, além do chefe, – cujas condições de remuneração ficarão dependentes de prévio accôrdo, – do pessoal seguinte, que perceberá vencimentos constantes de tabella opportunamente organizada, e que será contratado pelo chefe da Comissão dentro e fóra

* Regulamentos aprovados pelo Decreto N.º 5.157, de 8 de março de 1904, da Presidência da República (FRANCO, Odair. **História da febre-amarela no Brasil**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Endemias Rurais, 1969. p. 171-183).

do Estado: 1 inspector geral; 6 inspectores sanitarios; 10 medicos auxiliares; 4 chefes de turma; capatazes, guardas, serventes, empregados da administração, etc.

Além d'este pessoal, que será augmentado ou diminuido á medida que os serviços se forem executando, haverá outro, inferior, que será engajado de accôrdo com as necessidades de momento⁵³.

Firmou-se ali mesmo o contrato para a efetivação do grande empreendimento.

A 17 de agosto, Oswaldo Cruz prosseguiu viagem para a capital da República, onde haveria de escolher e compor a valorosa equipe de auxiliares que o ajudaria a sanear Belém.



Oswaldo – Comigo é isto, hein? Você há de sair por esse UMARIZA! até VER O PESO da minha força... Comigo ninguém pode!...
Lemos e Zé – Ahi, seu Oswaldo! Faça azular essa Amarela por esses verões agora...
Ela – Cruzes, Oswaldo!... Cruzes!...

Charge reproduzindo notícia telegráfica de que o Governo do Pará confiou ao Dr. Oswaldo Cruz conduzir os trabalhos de extinção da epidemia local de febre amarela. Jocosos, com um jogo de palavras muito interessante.

Reproduzida de Falcão (1971, p. 226).

⁵³ PARÁ, 7 de setembro de 1910, p. 86-87.

A propósito dessa visita, tão providencial ao Estado, rejubilava-se João Coelho⁵⁴ em sua Mensagem de 1910:

[...] a vinda do sr. dr. Oswaldo Cruz ao Pará importa n'uma éra nova, que nos offerece perspectiva de admiraveis e extraordinarios progressos. A passagem d'esse notavel scientista, a espontaneidade com que o seu poderoso concurso vem em auxilio do nosso colossal tentamen, tudo parece ter infiltrado no animo da terra que lhe vae receber o calor da fecunda actividade um alento novo, que a encoraja para decisivos triumphos materiaes e sociaes no dia de amanhã.

Não exagerava, o correto homem público.



⁵⁴ PARÁ, 7 de setembro de 1910, p. 7.

A COMISSÃO EM BELÉM



A COMISSÃO EM BELÉM

A CHEGADA

Às 11 horas da manhã do domingo 6 de novembro de 1910, a população de Belém, entre surpresa e excitada, viu desembarcar de bordo do vapor “Bahia”, portando volumosa equipagem, a numerosa comitiva de Oswaldo Cruz.



Fotografia das modernas docas do Porto de Belém à época da campanha, dotadas de extenso cais acostável, armazéns e guindastes. Aí desembarcaram os homens da Comissão. Reproduzida de Gerodetti e Cornejo (2006, p. 30).

Compunha-se de dez médicos, quatro chefes de turmas, 20 capatazes, 50 guardas, um administrador e um escriturário. Ao todo, 86 homens, além do Chefe. Oswaldo Cruz os escolhera a dedo, “[...] com o fino tato de desvendar valores que todos lhe reconheciam”⁵⁵. Para subchefe, o Dr. João Pedroso de Albuquerque; auxiliares técnicos, Drs. João Pedro de Albuquerque, Leocádio Chaves, Caetano da

⁵⁵ SALES GUERRA, 1940, p. 536.

Rocha Cerqueira, Maurício de Abreu, Augusto Serafim da Silva, Belisário Penna, Abel Tavares de Lacerda, Ângelo Moreira da Costa Lima e Emygdio de Matos⁵⁶; e chefes de turmas, Srs. José Joaquim de Brito, Alberto Pereira, Raul de Avelar Alves e Curiácio de Azevedo, este último encarregado dos aparelhos *Clayton* para expurgo das galerias de esgoto^{57,58}.



Os médicos auxiliares de Oswaldo Cruz, que com ele vieram combater a febre amarela no Pará. De pé, da esquerda para a direita: Costa Lima, Tavares de Lacerda, Pedro Albuquerque, Caetano Cerqueira e Emygdio de Matos. Sentados: Serafim da Silva, Leocádio Chaves, João Pedroso, Maurício de Abreu e Belisário Penna.

Reproduzida de Oliveira (1955, p. 55).

Tiveram todos, ao chegar, recepção acolhedora, concorrida com a presença de autoridades do Estado e de pessoas gradas.

⁵⁶ SALES GUERRA, 1940, p. 536.

⁵⁷ DR. OSWALDO Cruz. *A Província do Pará*, Belém, ano 35, n. 10.970, 7 de novembro de 1910, segunda-feira, p. 1.

⁵⁸ DR. OSWALDO Cruz. *Folha do Norte*, Belém, ano 15, n. 4.680, 7 de novembro de 1910, segunda-feira, p. 1.

Do porto foram levados a um palacete à Praça da República, especialmente alugado pelo Governo para hospedá-los. Lá, esperava-os João Coelho^{59,60}.

O palacete em que foi instalada a Comissão

Quanto à localização exata do prédio, vejamos que nos dizem os jornais da época. Segundo *A Província do Pará*⁶¹, de 6, e a *Folha do Norte*⁶⁰, de 7 de novembro de 1910, o palacete destinado a residência da Comissão era de propriedade do Sr. Agostinho Almeida. Ora, Clóvis Silva de Moraes Rêgo⁶², eminente historiador, refere em seu livro *Subsídios para a História da Assembléia Paraense* (Belém, 1969) que a 25 de julho de 1921 aquele clube adquiriu para sua sede social um prédio à Praça da República números 16 e 17, pelo preço de 50 contos de réis, como consta de escritura "[...] lavrada a 24 de setembro do dito ano, nas Notas do Tabelião Fraga de Castro, Livro n. 121, às fls. 22, sendo outorgante vendedor o Sr. Agostinho Oliveira de Almeida". Trata-se, pois, do mesmo prédio. Esclarece, ainda Moraes Rêgo⁶², que o local era o mesmo onde funcionou até pouco tempo sua sede social e onde hoje está erigido o edifício da Assembléia Paraense; e que o imóvel adquirido em 1921 foi demolido em 1928, para dar lugar a uma sede de instalações mais modernas, concluída no final do ano seguinte.



O casarão de cinco janelas especialmente alugado pelo Governo João Coelho para hospedar a Comissão. Situava-se no ponto mais nobre da cidade, mais precisamente onde hoje se ergue o edifício da Assembléia Paraense, à Av. Presidente Vargas, 762, em frente à Praça da República.

Foto inédita, tomada da praça pelo próprio Dr. Oswaldo Cruz com sua câmera Richard. Informação e cortesia do Dr. Eduardo Oswaldo Cruz.

⁵⁹ DR. OSWALDO ..., *A Província do Pará*, 7 de novembro de 1910, p. 1.

⁶⁰ DR. OSWALDO ..., *Folha do Norte*, 7 de novembro de 1910, p. 1.

⁶¹ DR. OSWALDO Cruz. *A Província do Pará*, Belém, ano 35, n. 10.969, 6 de novembro de 1910, domingo, p. 1.

⁶² MORAIS RÊGO, Clóvis de. *Subsídios para a História da Assembléia Paraense*. Belém: Assembléia Paraense, 1969, p. 57-60.

PREPARATIVOS

Logo teve início a corrida dos preparativos para a campanha.

Os chefes de turmas e serventes foram instalados em dois galpões de madeira que o Governo mandara construir no pátio dos fundos do palácio. Os demais trabalhadores, em seis compartimentos previamente adaptados, do edifício da penitenciária em construção^{63,64}.

A fim de garantir a confiança coletiva, estabeleceu-se que os trabalhadores só poderiam penetrar no domicílio alheio, a objeto de serviço, quando convenientemente fardados. Tiveram, então, de ser confeccionados os uniformes, tarefa confiada ao Instituto Lauro Sodré. Como distintivo, usariam no braço uma cruz vermelha⁶⁵.

Já chegara a Belém grande parte do material solicitado ao Governo para o início dos trabalhos: duas mil caixas de querosene, seis toneladas de creolina, 33 toneladas de enxofre, duas toneladas de piretro, três aparelhos *Clayton*, 18 carroças, um caminhão-automóvel e dois automóveis. Faltavam somente, para completar, quatro outros veículos, já adquiridos^{66,67,68}.

Enquanto eram armados e experimentados os aparelhos *Clayton*, outros homens ocupavam-se da preparação de toldos, escadas e demais utensílios essenciais.

Mais 200 homens precisavam ainda ser contratados para prover o quadro de pessoal⁶³. E não bastaria admiti-los. Urgia submetê-los a treinamento intensivo que os habilitasse a tarefas que lhes eram, até aí, inteiramente desconhecidas.

Atento aos mínimos detalhes, Oswaldo Cruz a tudo inspecionava.

Visitou os hospitais, designando os compartimentos mais propícios ao isolamento dos doentes e estabelecendo as medidas necessárias para seu perfeito funcionamento.

⁶³ DR. OSWALDO ..., *A Província do Pará*, 7 de novembro de 1910, p. 1.

⁶⁴ DR. OSWALDO ..., *Folha do Norte*, 7 de novembro de 1910, p. 1.

⁶⁵ PARÁ. Governador (1909-1913: João Antonio Luiz Coelho). *Mensagem dirigida em 8 de maio de 1911 ao Congresso Legislativo do Pará reunido em sessão extraordinária*. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1911. p. 124.

⁶⁶ A FEBRE amarela. *A Província do Pará*, Belém, ano 35, n. 10.971, 8 de novembro de 1910, terça-feira, p. 1.

⁶⁷ PROPHYLAXIA da febre amarela. *Folha do Norte*, Belém, ano 15, n. 4.681, 8 de novembro de 1910, terça-feira, p. 1. Seção Gazetilha.

⁶⁸ PROPHYLAXIA da febre amarela. *Folha do Norte*, Belém, ano 15, n. 4.685, 12 de novembro de 1910, sábado, p. 1. Seção Gazetilha.

O transporte dos enfermos para o Hospital Domingos Freire era problemático. O mais importante dos centros de isolamento de que dispunha distava cerca de 600 metros das linhas de bonde. Recorreu à Pará Electric Railway and Lighting Company para estudar uma solução. A construção de um desvio, da Travessa José Bonifácio até o hospital implicaria alguns meses de espera, dada a necessidade de aquisição do material. A Companhia propôs-lhe modificar um dos carros do serviço ordinário, adaptando-o às condições de um confortável transporte de enfermos, de qualquer ponto da cidade até a José Bonifácio. Ali deveriam ficar, permanentemente postadas, duas ambulâncias de tração animal, para levar os doentes até o hospital. Não havia alternativa. Aceitou a proposta⁶⁹.

Necessitava, agora, contratar médicos locais para o serviço de vigilância médica. Obteve do Governo a nomeação de sete profissionais por ele mesmo escolhidos: Drs. Jayme Aben-Athar, Antonio Peryassú e Afonso Mac-Dowell, seus ex-discípulos de Manguinhos; e mais: Miguel Meira de Vasconcelos, Ageleu Domingues, Antonio de Figueiredo e Ophir de Loyola^{70,71}.

ATOS OFICIAIS

Entrementes, o Governo expedia os atos oficiais considerados indispensáveis. Eis a íntegra de tais documentos:

Lei N. 1.140 - de 5 de novembro de 1910.⁷²

*Autoriza o Governador a promover, pelos meios que julgar convenientes, o serviço de prophylaxia especifica da febre amarella, e dá outras providencias.**

O Congresso Legislativo do Estado decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Artigo 1º. – Fica o Governador do Estado autorizado a promover, desde já, nesta capital, e pelos meios que julgar convenientes, o serviço de prophylaxia especifica da febre amarella.

§ 1º. Esse serviço será contractado com o eminente hygienista brasileiro Dr. Oswaldo Gonçalves Cruz, que será o chefe da campanha sanitaria, e se executará dentro do prazo de um anno.

⁶⁹ A FEBRE amarella. **A Provincia do Pará**, Belém, ano 35, n. 10.796, 13 de novembro de 1910, domingo, p. 1.

⁷⁰ A FEBRE amarella. **A Provincia do Pará**, Belém, ano 35, n. 10.981, 18 de novembro de 1910, sexta-feira, p. 1.

⁷¹ SALES GUERRA, 1940, p. 537-538.

⁷² COLLECCÃO de Leis do Estado do Pará 1910. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1910. p. 14-16.

* Na sessão de 25 de outubro da Câmara dos Deputados, o Dr. Raimundo da Cruz Moreira, 2º vice-presidente e relator da Comissão de Saúde Pública daquele ramo legislativo, apresentou e justificou, em vibrante oração, o projeto de lei nº 1.058, que conferia ao Governador poderes para promover a campanha de profilaxia da febre amarela em Belém (O COMBATE ..., **A Provincia do Pará**, 5 de novembro de 1910, p. 1-2).

§ 2º. Ainda depois de extinto o serviço acima referido, as medidas concernentes á prophylaxia especifica da febre amarella terão applicação nesta capital, de accordo com o regulamento que o Governo achar de conveniencia adoptar.

Artigo 2º. – Ficam adoptados no Estado, sem prejuizo, porém, de suas leis e posturas, os regulamentos sanitarios em vigor no Districto Federal e os que regem os serviços sanitarios dependentes do Estado.

§ 1º. Quando se verificar antagonismo entre as leis estaduaes e federaes, vigorarão sempre estas.

Artigo 3º. – É creada a Commissão Sanitaria de Prophylaxia da Febre Amarella, que terá completa autonomia e entender-se-á directamente com o Governador do Estado e, quando preciso, com o Intendente do municipio, por intermedio de seu chefe ou de seu representante legal.

§ 1º. O Chefe da Commissão ou quem suas vezes fizer terá ampla autonomia technica e administrativa e ser-lhe-á prestado pelo poder competente o apoio moral e material que precisar para applicação das medidas sanitarias.

§ 2º. Serão executadas por via administrativa e pela Commissão de Saneamento havendo recurso para o chefe da Commissão ou seu representante, e, em ultima instancia, para o Governador do Estado, as medidas coercitivas cogitadas nos regulamentos de que tratam o artigo 2º e seu parágrafo, da presente lei.

§ 3º. Compete ao Chefe da Commissão de Saneamento contractar o pessoal necessario para constituição da mesma dentro e fora do Estado, como achar mais conveniente para o bom andamento dos trabalhos.

§ 4º. O Governador do Estado, de accordo com o chefe da Commissão de Saneamento, organizará a tabella de remuneração d'este, assim como dos vencimentos do pessoal contractado, de que cogita o parágrafo precedente.

Artigo 4º. – Para occorrer as despesas com o serviço de prophylaxia acima referido, fica o Governador do Estado auctorizado a abrir os creditos necessarios e a fazer operações de credito, se achar conveniente.

Artigo 5º. – Uma vez que o executivo do Estado sancione a presente lei, surtirá ella, desde logo, os devidos effeitos, se assim reclamarem os interesses do serviço, a juizo do Governador do Estado.

Artigo 6º. – Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario de Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica assim o faça executar.

Palacio do Governo do Estado do Pará, 5 de Novembro de 1910, XXII da Republica.

JOÃO ANTONIO LUIZ COELHO
*José Fléxa Pinto Ribeiro.*⁷³

⁷³ COLLECCÃO ..., 1910, p. 14-16.

Decreto N. 1732 – DE 8 DE NOVEMBRO DE 1910.⁷⁴

Crea a Comissão de Prophylaxia da Febre Amarella

O Governador do Estado, usando da auctorização que lhe confere a lei n. 1.140 de 5 do corrente, decreta:

Artigo 1.º – Fica creada a Comissão de Prophylaxia da Febre Amarella, que usará de todas as medidas sanitarias que julgar convenientes para libertar a cidade dessa moléstia infectuosa.

§ unico. Será chefe da Comissão o sr. dr. Oswaldo Gonçalves da Cruz, que terá completa autonomia technica e administrativa, entendendo-se directamente com o Governador do Estado e com o Intendente Municipal, quando seja necessario.

Artigo 2.º – A Comissão de Prophylaxia da Febre Amarella será composta, alem do chefe contractado pelo Governo, de 1 inspector geral, 6 inspectores sanitarios, 10 medicos auxiliares, 1 administrador, 1 escripturario, 4 chefes de turmas, funcionarios estes nomeados pelo Governador, sob proposta do chefe; e 20 capatazes, 50 guardas e serventes, que serão contractados por este.

§ 1.º Os funcionarios mencionados no artigo acima perceberão os vencimentos constantes da tabella annexa, sendo que o pessoal sem nomeação vencerá a gratificação estabelecida na mesma tabella e mediante folha visada pelo inspector geral.

§ 2.º Nos seus impedimentos e ausencias o Chefe da Comissão será substituido pelo inspector geral.

Artigo 3.º – A campanha sanitaria durará o espaço de um anno, devendo no primeiro semestre ser debellada a epidemia amarillica e no segundo conjurados os casos esporadicos.

§ unico. Extincto o serviço de saneamento acima referido, o Governo continuará a empregar as medidas concernentes á prophylaxia especifica da febre amarella, podendo crear uma vigilancia sanitaria para tal fim.

Artigo 4.º – A Comissão se regulará pelas condições que regem a hygiene administrativa do Districto Federal e os serviços sanitarios a cargo da União e do Estado, sendo que, em caso de conflicto entre as leis estaduaes e as federaes, vigorarão sempre estas.

Artigo 5.º – Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario de Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica assim o faça executar.

Palacio do Governo do Estado do Pará, 8 de Novembro de 1910.

JOÃO ANTONIO LUIZ COELHO
José Fléxa Pinto Ribeiro

⁷⁴ ACTOS e decisões de 1910. Belém: Imprensa Official do Estado do Pará, 1913. p. 184-185.

TABELLA DOS VENCIMENTOS DO PESSOAL DA COMMISSÃO DE PROPHYLAXIA DA
FEBRE AMARELLA, CREADA POR DECRETO N. 1.732, DESTA DATA.

		<i>Papel</i>
1	Inspector geral	5.000\$000 mensal
6	Inspectores sanitarios a 3.000\$000	18.000\$000 "
10	Medicos auxiliares a 1.000\$000	10.000\$000 "
1	Administrador	1.000\$000 "
1	Escripturario	1.000\$000 "
4	Chefes de turmas a 1.000\$000	4.000\$000 "
20	Capatazes a 600\$000	12.000\$000 "
50	Guardas a 400\$000	20.000\$000 "
	Gratificação aos medicos do porto	1.100\$000 "
	Rs	72.100\$000 "

Palacio do Governo do Estado do Pará, 8 de Novembro de 1910.

JOÃO ANTONIO LUIZ COELHO
*José Fléxa Pinto Ribeiro*⁷⁵

Nomeou-se para comporem a Commissão de Prophylaxia da Febre Amarella, creada por decreto de hontem, sob n. 1732, os seguintes funcçionarios:

MEDICOS

Inspector geral

Dr. João Pedroso Barreto de Albuquerque.

Inspectores sanitarios

Dr. Francisco Ottoni Mauricio de Abreu.

Dr. Belisario Augusto de Oliveira Penna.

Dr. Augusto Serafim de Souza. *

Dr. João Pedro de Albuquerque.

Dr. Leocadio Rodrigues Chaves.

Dr. Caetano da Rocha Cerqueira.

Medicos auxiliares

Dr. Abel Tavares de Lacerda.

Dr. Angelo Moreira da Costa Lima.

Dr. Emygdio José de Mattos.

⁷⁵ ACTOS ..., 1913. p. 184-185.

* Equívoco. Leia-se Augusto Serafim da Silva.

Dr. Jayme Jacintho Aben-Athar.
Dr. Affonso L. da Gama Mac-Dowell.
Dr. Antonio de Figueiredo.
Dr. Orphir de Loyola. *
Dr. Ageleu Domingues.
Dr. Antonio Gonçalves Pery-assú.
Dr. Miguel Pinto Meira de Vasconcellos.

ADMINISTRADOR

Alberto Lamartine Teixeira Lopes.

ESCRITURARIO

Teófilo Ottoni Mauricio de Abreu.

CHEFES DE TURMA

Alberto Pereira, José Joaquim de Brito, Raul de Avelar Alves, Curiácio de Azevedo.

AGENTE-ALMOXARIFE

Basilio Magno de Souza.⁷⁶

DECRETO N. 1.733 – DE 8 DE NOVEMBRO DE 1910.

Abre o credito especial de 1.000:000\$, papel, para occorrer ás despesas com o serviço de prophylaxia da febre amarella.

O Governador do Estado, usando da auctorização concedida pelo art. 4.º da lei n. 1.140 de 5 do corrente mez, decreta:

Art. unico. – Fica aberto o credito especial da importancia de mil contos de réis (1.000:000\$000), papel, para occorrer ás despesas com o serviço de prophylaxia especifica da febre amarella, de que trata a mesma lei.

O Secretario de Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica assim o faça executar.

Palacio do Governo do Estado do Pará, 8 de novembro de 1910.

JOÃO ANTONIO LUIZ COELHO
*José Fléxa Pinto Ribeiro*⁷⁷

* Leia-se Ophir de Loyola.

⁷⁶ ACTOS ..., 1913, p. 186.

⁷⁷ Ibid., p. 186-187.

MENSAGEM DE OSWALDO CRUZ À POPULAÇÃO

A 11 de novembro estampavam os jornais de Belém, com o merecido destaque, extensa mensagem de Oswaldo Cruz à população.



Detalhe da primeira página da edição de 11 de novembro de 1910 do jornal *A Província do Pará*.

Há de parecer abusivo, talvez, transcrevê-la na íntegra. Preferimos assim, pois nela reconhecemos valioso documento para a História da Saúde Pública no Pará. Concebida pelo próprio organizador da campanha, não há o que possa superá-la em autenticidade na revelação dos pormenores técnicos da luta aqui travada para debelar a funesta epidemia. E terá sido, provavelmente, a primeira iniciativa de educação sanitária de tão longo alcance levada a cabo na região. Antonio Peryassú fizera, antes, imprimir um folheto intitulado *Prophylaxia da Febre Amarella**, valioso trabalho de divulgação, minucioso e sem dúvida elogiável. Destinara-o, porém, a um público evidentemente mais restrito.

Dizem bem os jornais da época da repercussão que teve a mensagem de Oswaldo Cruz no seio da população em geral. Eis a íntegra da mensagem:

* PERYASSÚ, Antonio. *Prophylaxia da Febre Amarella*. Belém: Imprensa Official do Estado do Pará, 1910. 21 p.

A FEBRE AMARELLA

A comissão sanitaria de prophylaxia da febre amarella á população de Belém

Em breve vae ser iniciado na cidade de Belém o serviço de prophylaxia da febre amarella, nos mesmos moldes em que foi feito na cidade do Rio de Janeiro.

O auxilio da população é condição primordial de garantia para o prompto successo de tão patriotico empreendimento. Por isso a comissão sanitaria, a quem o governo do Estado entregou a missão de extinguir a febre amarella julga de seu dever solicitar esse valioso auxilio.

N'esse intuito vae procurar elucidal-a sobre a technica de serviço, mostrando como se poderá tornar proficuo esse auxilio ora solicitado.

A febre amarella só se transmite pela picada de um mosquito denominado mosquito rajado, ou *Stegomyia calopus*.*

O mosquito é apenas um transmissor e não o causador da molestia, isto é, a picada do mosquito por si só não produz a molestia, elle vae buscar o microbio n'um doente e leva-o ao individuo capaz de apanhar febre amarella. Dahi se infere que para haver febre amarella n'uma localidade, mistér se faz que concorram tres elementos primordiaes: a existencia do mosquito transmissor – *Stegomyia calopus*, a existencia de doentes de febre amarella e finalmente a existencia de individuos capazes de contrahir febre amarella: – individuos receptiveis.

O mosquito não actúa como simples lanceta de inoculação, apanhando o sangue do doente e levando-o ao individuo são: é um hospedeiro intermediario do microbio amarelligeno.

Se o mosquito, logo após ter picado um doente de febre amarella, picar um receptivel, elle não transmite a este a molestia. Essa transmissão só se faz decorridos doze dias após a

* Sinônimo de *Stegomyia fasciata* e de *Aedes aegypti*. Esta última denominação é a que prevalece em nossos dias. Tratava-se, pois, como já agora amplamente reconhecido, do clássico vetor da febre amarela urbana e do dengue.

refeição infectante, isto é, o mosquito que suga um doente de febre amarella só poderá dar a molestia a uma pessoa receptivel doze dias depois. É necessário que o microbio sugado no doente de febre amarella soffra evolução no organismo do mosquito e esta evolução dura doze dias – e é por isso que só dessa epocha em diante o mosquito é infectante.

Mas ainda nem todo o doente de febre amarella é capaz de infectar o mosquito.

Está verificado que o microbio causador da molestia só é encontrado no sangue dos amarillicos nos quatro primeiros dias da molestia.

Portanto, é só no decurso dos quatro primeiros dias que o doente é capaz de infectar o mosquito e é só n'esse periodo que elle é perigoso, porque é capaz de fazer com que os mosquitos que o sugarem possam, doze dias depois, transmittir a molestia aos individuos receptiveis. Fóra dahi, o convívio com o doente não tem o menor perigo: os vomitos, as excreções e secreções, as roupas de cama e de uso, as hemorragias, etc., não transmittem a molestia.

São factos estes que estão perfeitamente demonstrados e não são passiveis mais de contestação.

A febre amarella é molestia que dá immuidade, isto é, uma pessoa atacada uma vez pelo mal, em regra geral (ha excepções) não tem segundo ataque da molestia. A febre amarella, nos primeiros mezes da vida é molestia relativamente benigna e raramente diagnosticada, sendo, porém, esses casos benignos, sufficientes para conferir a immuidade. É essa a explicação de serem raros os casos de febre amarella typica nas pessoas nascidas nos focos em que a molestia é endemica. Essas pessoas que tiveram febre amarella typica e que se curaram ou que tiveram ataques benignos não diagnosticados nos primeiros mezes da vida são individuos immunes ou não receptiveis.

Praticamente considera a Comissão não immunes ou receptiveis: 1º, as creanças até cinco annos de idade e os adultos ou creanças originarios de regiões indemnes de febre amarella e que residem no foco ha menos, de tres annos.

Posta a questão n'esses termos, para que haja febre amarella n'uma zona é necessario que nella haja mosquitos *stegomyia calopus* que tenham sugado ha mais de doze dias um doente de febre amarella nos quatro primeiros dias de molestia, e que possam picar creanças até cinco annos de idade ou a forasteiros provenientes de zonas livres de febre amarella e que tenham menos de tres annos de residencia no fóco. Limitada assim a questão, vê-se que é relativamente facil impedir a diffusão da febre amarella em determinada região.

É preciso, pois: - 1º, impedir a creação dos mosquitos transmissores, reduzindo-se ao minimo o numero d'elles; 2º, destruir os mosquitos infectados existentes; 3º, impedir que os doentes amarillicos sejam picados nos quatro primeiros dias da molestia; 4º, evitar que os receptiveis sejam sugados pelos mosquitos infectados eventualmente em liberdade.

O serviço que se vae installar tem por fim: 1º, impedir a creação dos mosquitos; 2º, matar os mosquitos adultos infectados existentes nos fócos; 3º, evitar que os doentes nos quatro primeiros dias de molestia sejam sugados por mosquitos; 4º, surprehender nas zonas reconhecidas infectadas os primeiros casos nos receptiveis.

O primeiro serviço é chamado de policia de fócos de larvas; o 2º, de expurgo; o 3º, de isolamento; e o 4º, de vigilancia medica.

Serviço de policia de fócos – Os mosquitos têm duas phases de vida, uma aquatica e outra aerea. A femea fecundada tem necessidade de sugar sangue para amadurecimento dos ovos. Estes são depositados na superficie d'agua. D'elles saem as larvas denominadas saltões, bichos d'agua, etc. Estes transformam-se mais tarde em nymphas, das quaes saem os insectos alados, dos quaes a femea tem necessidade de chupar sangue para a desova.

Nos dias quentes e humidos tão constantes em Belém, o prazo minimo de evolução de ovo a insecto adulto é de 7 a 8 dias.

O mosquito da febre amarella tem predilecção pelos depositos d'agua do interior ou das cercanias das casas.

Preferem as aguas contidas em tinas e barris. São encontrados nas aguas de chuva colleccionadas nos cacos de garrafas com que se revestem os muros, nas calhas desniveladas, em latas, e todos os depositos emfim que perto das casas permittam o accumulo de certa porção d'agua.

Na ausencia d'esses logares de predilecção, elles vivem nos tanques, nos repuxos, nos pantanos, nas vallas, etc.

Para destruição d'essas larvas os empregados da poicia dos fócios têm de percorrer todas as casas, ao menos no começo, todos os oito dias.

Só assim poder-se-á impedir a proliferação dos mosquitos nos innumerous depositos em que elles se podem desenvolver, destruindo-os no periodo de vida aquatica. No interior das habitações serão revistados todos os depositos d'agua e exgottados todos aqueles que contenham larvas.

Quando houver necessidade de conservar a agua, esta será coada através de um panno fino, a fim de ficar libertada das larvas. As latas, cacos de qualquer natureza e outros objectos inuteis atirados nos quintaes e que possam guardar agua, serão removidos ou destruidos; serão quebrados ou arrancados os cacos de vidro nos muros divisorios. Serão revistados os telhados e calhas e extinctos os fócios que ahi existam. Para execução d'esse serviço dispõe a comissão de pessoal idoneo e experimentado, trazido do Rio de Janeiro, e que póde merecer a confiança da população de Belém, pelas provas de capacidade e seriedade reveladas ha 7 annos em identico serviço n'aquella capital.

A cidade será dividida em tres zonas, ficando cada uma a cargo e sob a responsabilidade de um medico, que fiscalizará pessoalmente todo o serviço e attenderá a qualquer reclamação que haja a respeito de sua execução por parte dos empregados.

Expurgo – O expurgo tem por fim a destruição dos mosquitos adultos que tenham picado doentes infectantes de febre amarella e estejam ou possam tornar-se aptos a transmittir a molestia a individuos receptiveis.

Consiste elle na queima de enxofre ou de pyrethro no interior das casas, depois de completamente fechadas. Esse serviço será executado em todos os quarteirões da cidade onde tenha havido doentes de febre amarella, porque só assim ter-se-á certeza de matar todos os mosquitos infectados, isto é, aptos a transmittir a molestia.

Está verificado que o mosquito *stegomyia calopus* póde viver em captiveiro até um prazo de cinco mezes, ignorando-se ainda quanto tempo póde elle viver em liberdade. Sendo assim, deve-se considerar como fócios de febre amarella todos os quarteirões em que se tenham dado casos da molestia em epochas mesmo remotas, não se limitando o serviço ás casas em que haja ou tenha havido doentes, mas extendendo-se a todas as outras proximas, porque o mosquito vóa de uma para outras e póde assim se locomover a grandes distancias.

Precederá ao serviço um aviso, por parte do medico encarregado do expurgo, aos moradores das casas para que em dia determinado, lhes sejam essas entregues, assumindo elle inteira responsabilidade não só de tudo quanto contenha a casa, como de qualquer avaria que por acaso se possa dar no transcorrer do serviço, facto aliás raro.

Nos casos, porém, de notificação de caso de molestia, o serviço de expurgo será executado logo após o isolamento ou remoção do doente.

Isolamento – O isolamento do doente será domiciliario ou hospitalario. Este ultimo importa na remoção dos enfermos, medida que só será applicada para os indigentes e para aquelles que preferirem o tratamento em um hospital, ou quando a casa em que residem não se preste a installação do isolamento.

Essa medida visa impedir que os doentes sejam picados pelos mosquitos.

Para esse fim, é o doente collocado em um aposento arejado e espaçoso, tendo todas as janellas e quaesquer aberturas providas de télas metallicas e a porta de entrada munida de um dispositivo que permite o accesso ás pessoas da casa e impede a penetração de

mosquitos. Esse isolamento será feito no inicio da molestia e suspenso quatro dias depois, por ser esse o prazo em que o doente é infectante. Far-se-á o isolamento de todo o individuo receptivel e que se apresente febril, sem causa conhecida.

Vigilancia medica – A vigilancia medica tem por intuito surprehender a molestia no seu periodo de invasão e visa as pessôas receptiveis, isto é, aquellas que são susceptiveis de contrahir a molestia, sobretudo as creanças até 5 annos de idade e os estrangeiros e forasteiros oriundos de regiões indemnes de febre amarella e chegados a esta cidade até tres annos atraz. A vigilancia durará no minimo 13 dias, prazo maximo de incubação da molestia, e será feita por clinicos d’esta cidade, escolhidos para tal fim. Consistirá ella em visitas diarias dos medicos aos domicilios das zonas infectadas e exame dos receptiveis.

Esse exame consiste na applicação do thermometro e, verificada que seja qualquer reacção thermica sem causa claramente conhecida, será o individuo isolado imediatamente e tratada a casa como fóco de febre amarella.

Exposta resumidamente e sem minucias a technica do serviço, espera a Commissão que a culta população d’esta cidade, além de facilitar por todos os modos os serviços indicados, preste ainda o seu valioso auxilio, concorrendo directamente para a realização do desideratum almejado.

Esse auxilio é relativamente facil, dependendo quasi que exclusivamente da bôa vontade de cada um.

É necessario que todos os depositos de agua util, como caixas d’agua, caixas de descarga, etc., sejam protegidos á prova de mosquitos; que as aguas de outros depositos habituae, como tinas, barris, latas, etc., sejam diariamente renovadas, sendo as aguas atiradas em terrenos seccos e expostos ao sol, porque só assim morrerão as larvas que elas contenham. Aliás esses depositos devem ser substituidos por caixas protegidas sempre que isso fôr possivel.

Os conductores das aguas de chuva e as calhas devem funcionar regularmente, tendo cahimento indispensavel para o rapido escoamento das aguas. As latas, cacos de objectos

Mensagem à população

inuteis atirados habitualmente a esmo pelos quintaes, pateos e terrenos baldios, devem ser reunidos n'um logar protegido das chuvas, afim de serem removidos sem accumular agua.

Os pateos, áreas e quintaes devem ser nivelados ou preparados de modo a não formarem depressões com agua estagnada. Os porões alagados e humidos deverão ser aterrados e impermeabilizados, o que será uma garantia de segurança contra a febre amarella como contra outras molestias. Os poços devem ser cobertos com télas metallicas, e os tanques e lagos povoados de peixes apropriados que serão indicados pela commissão. Em suma: nada que possa accumular agua inutil, nenhuma agua util que não esteja efficazmente protegida. Além d'essas medidas, pede a commissão encarecidamente a todos os habitantes desta cidade e a cada um em particular que lhe communicem sempre a existencia de doentes com febre e sem assistencia medica, para que se verifique promptamente a sua natureza e se dêem providencias immediatas se se tratar de um caso real ou suspeito de febre amarella.

Será esse um auxilio valiosissimo, que muito concorrerá para que mais rapido seja o bom exito da commissão^{78,79}.

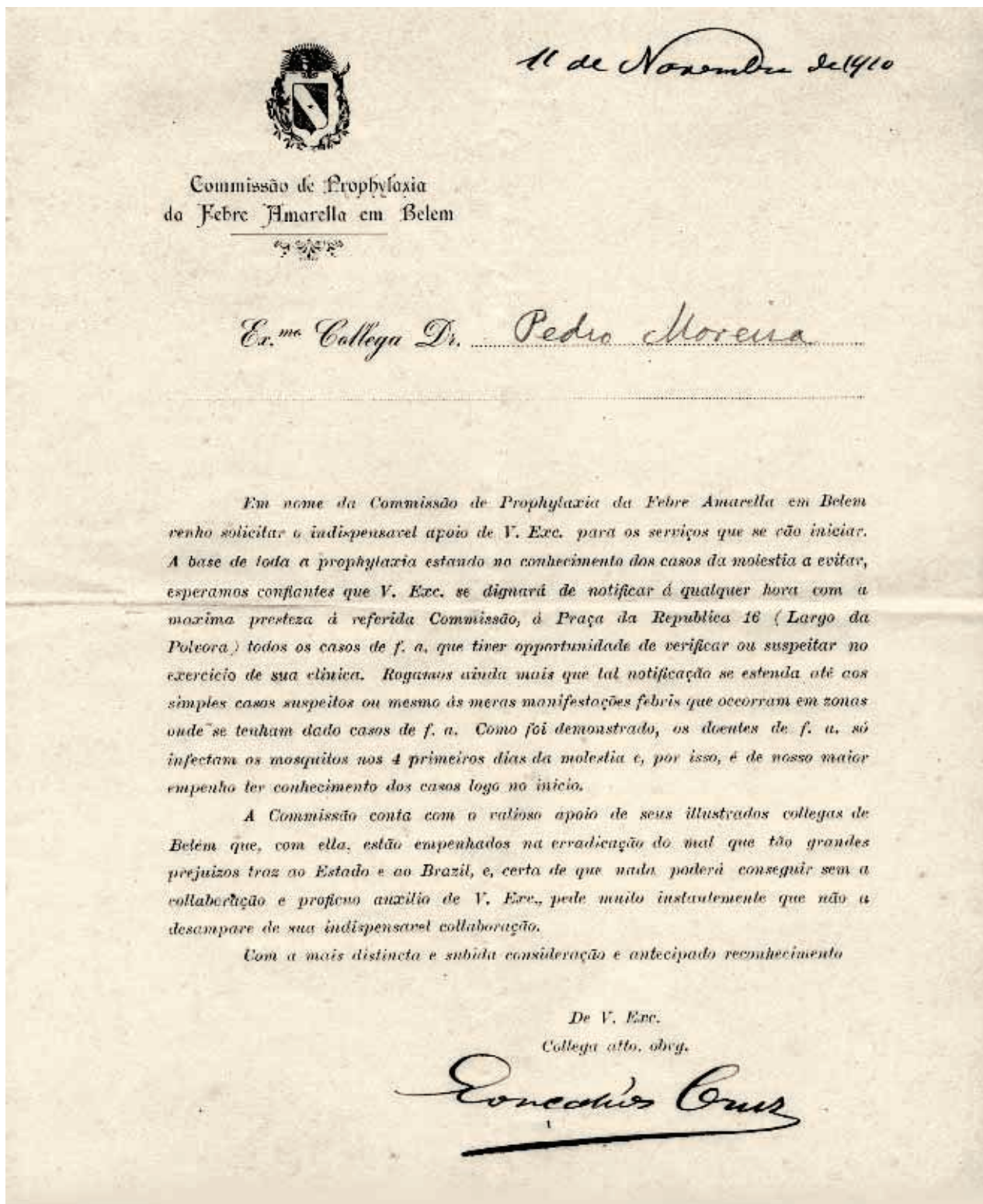


Aos clínicos de Belém Oswaldo Cruz dirigiu, igualmente, sua mensagem em carta circular, solicitando o indispensável apoio para os serviços prestes a iniciar. Pedia-lhes que notificassem à Comissão, a qualquer hora, com a máxima presteza, todos os casos de febre amarela que tivessem oportunidade de verificar ou suspeitar no exercício de suas clínicas. E que as notificações se estendessem até às meras manifestações febris que ocorressem em zonas onde se tivessem dado casos de febre amarela (fac-símile adiante)⁸⁰.

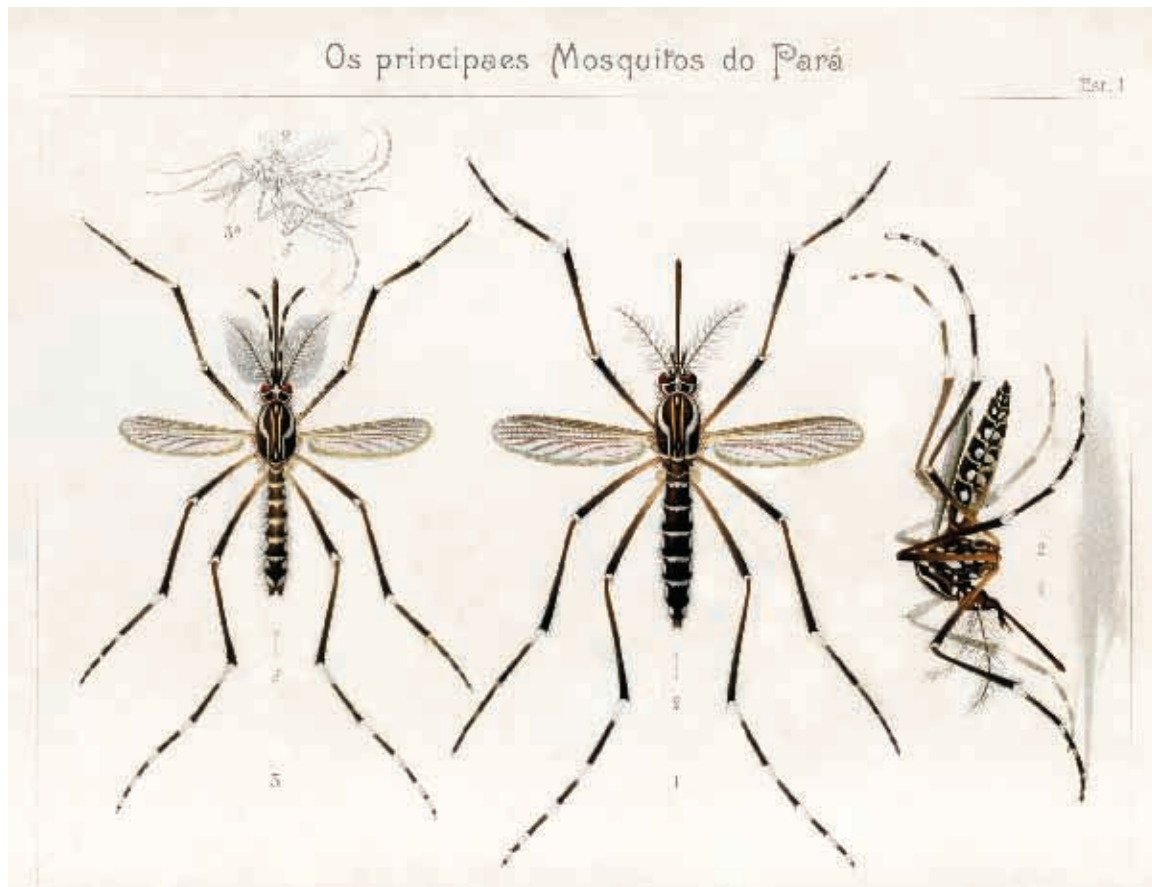
⁷⁸ A FEBRE amarella: a commissão sanitaria de prophylaxia da febre amarella á população de Belém. **A Provincia do Pará**, Belém, ano 35, n. 10.974, 11 de novembro de 1910, sexta-feira, p. 1.

⁷⁹ A FEBRE amarella: a commissão sanitaria de prophylaxia da febre amarella á população de Belem. **Folha do Norte**, Belém, ano 15, n. 4.684, 11 de novembro de 1910, sexta-feira, p. 1. Seção Gazetilha.

⁸⁰ PROPHYLAXIA da febre amarella. **Folha do Norte**, Belém, ano 15, n. 4.686, 13 de novembro de 1910, domingo, p. 1. Seção Gazetilha.



Fac-símile da carta-circular aos clínicos de Belém.
Do acervo da COC/Fiocruz. Reprodução autorizada para a presente edição.



O mosquito vetor da febre amarela urbana, alvo das principais ações da campanha, em belíssima ilustração de E. Lohse para o livro de Emilio Augusto Goeldi (1905) *Os Mosquitos no Pará*. Seu nome científico tem passado por mudanças. Goeldi o denominava *Stegomyia fasciata*. Oswaldo Cruz a ele se referiu como *Stegomyia calopus*. Ambas denominações caíram depois em sinonímia de *Aedes aegypti*, nome que hoje prevalece. Trata-se, pois, da mesma espécie hoje muito popular por sua atuação na transmissão do vírus dengue.



A CRÍTICA DE UM JORNALISTA

Não faltariam, também aqui, as habituais manifestações da mesquinhez humana.

Cinco dias de exaustivos afazeres não haviam permitido ainda a Oswaldo Cruz e sua equipe dar início à tão esperada campanha. Cinco dias! Um absurdo, para os impacientes “defensores do interesse comunitário”.

Em telegrama expedido para o Rio de Janeiro, destilava o correspondente de um vespertino carioca, o *Século*, a primeira dose de veneno com que pretendia açular a opinião pública contra a campanha e o Governo:

O dr. Oswaldo Cruz ainda não deu começo aos trabalhos. A opinião publica entende que não havia necessidade de apparatus despendioso para extinguir a febre amarella, que de 2 annos para cá tem feito apenas de 1 a 5 victimas mensalmente em uma população de 150.000 habitantes. Antes, pensa que a comitiva organisada no Rio devia vir promover a construcção dos exgottos e o fornecimento de agua abundante á população, pois o nosso maior mal reside na falta absoluta de agua⁸¹.

O telegrama era reproduzido na edição de 13 de novembro da *Folha do Norte*, jornal em que militava o ilustrado correspondente. Na mesma edição, justificava-se ele “desfazendo um embuste”⁸¹:

Com relação ao illustre sr. dr. Oswaldo Cruz, o despacho diz a verdade. E para o nosso illustre hospede se convencer de que não ha sinceridade na defeza que certa gente lhe faz contra o supposto ataque do meu despacho, appello para o tempo, s. ex.^a com a sua permanencia aqui, estou certo, terá mais de uma occasião para se convencer de que não ha nada sério entre certa gente que só o acolheu depois que sentiu-se sem forças para fazer o sr. dr. João Coelho recuar do proposito manifestado de dar campanha ao mal de Sião, campanha aliás iniciada na FOLHA.

Referia-se aos lemistas ou ao próprio Lemos.

Acaso irônico. Em outro local da mesma edição podia-se ver o registro de dois óbitos por febre amarela no dia anterior, e a “Estatística de Mortalidade” do mesmo jornal, nas edições da semana de 7 a 13, acusava um total de sete casos fatais pela mesma causa naquele período*.

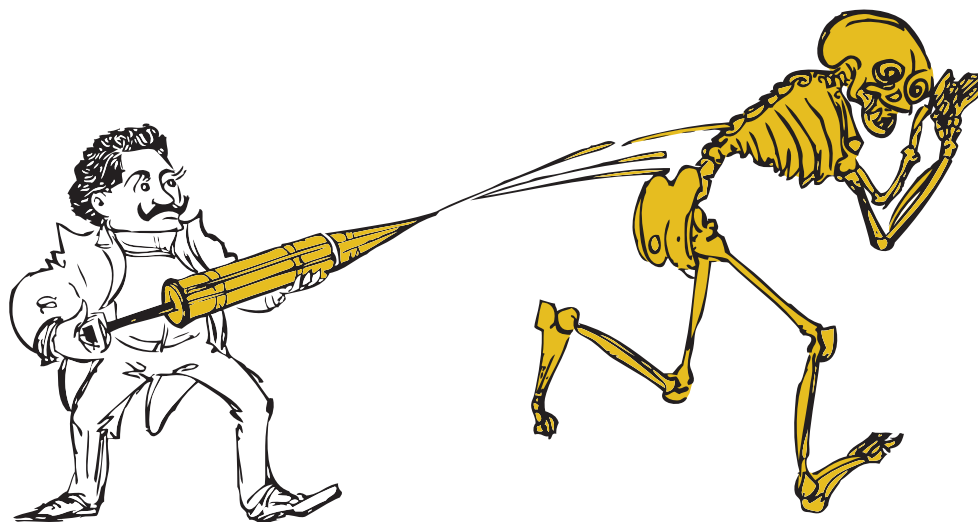
Felizmente não voltaria mais, a imprensa, a atentar contra os méritos da patriótica iniciativa. Ao contrário, prestaria a Oswaldo Cruz e a seus auxiliares, no decorrer de toda a campanha, o mais irrestrito e admirável apoio.



⁸¹ DESFAZENDO um embuste. *Folha do Norte*, Belém, ano 15, n. 4.686, 13 de novembro de 1910, domingo, p. 1.

* Durante o mês de novembro de 1910 ocorreram 49 óbitos por febre amarela em Belém (A FEBRE amarela. *A Provincia do Pará*, Belém, ano 35, n. 10.994, 1 de dezembro de 1910, quinta-feira, p. 1).

A CAMPANHA DE PROFILAXIA



A CAMPANHA DE PROFILAXIA

A 12 de novembro de 1910 tiveram início as operações^{82, 83}. Uma turma de cerca de 40 homens competentemente fardados, dirigida pelos Drs. João Pedro de Albuquerque e Belisário Penna, saiu, sob as vistas do Governador João Coelho e do Chefe da Comissão, para os primeiros trabalhos de polícia de focos na área urbana, iniciando-os pela rua Tomásia Perdigão e adjacências.

No mesmo dia começaram também os expurgos em diversas casas da Travessa 1º. de Março, Rua Paes de Carvalho, Avenida Almirante Tamandaré e outras artérias, sob a direção de Leocádio Chaves.

A edição do dia seguinte de *A Província do Pará*⁸² descreve o expurgo em uma das casas:

Retirados os moradores, que se passaram para outras casas situadas nas proximidades, animaes e alguns objectos, procedeu-se a rigoroso expurgo. [...] Isolados os objectos susceptíveis de deterioração por meio de saccos de lona, cobertos de papel, é o predio fechado, todos os orificios e frestas tapadas com papel e o telhado coberto com panno americano. Depois, procede-se á cubagem do predio e consequente queimação de grande quantidade de enxofre.

Diz ainda que os prédios que começaram a ser expurgados às 6 horas da tarde, só às 8 e 1/4 foram reabertos, procedendo-se então à limpeza das paredes e portas e à arrumação dos móveis.

Compreendem-se, assim, as razões de Oswaldo Cruz, preocupado em esclarecer a população e lhe pedir tolerância. As operações de expurgo, em especial, lhe exigiriam grandes sacrifícios. Mas a conduta do povo paraense haveria de ser a mais nobre e cativante, acolhendo com a maior simpatia, na intimidade de seus lares, os homens da campanha.

Nem podia ser de outra forma. O Brasil todo já aprendera, salvo desprezível minoria reacionária, o quanto devia em respeito, carinho e confiança ao seu grande saneador e aos seus valorosos auxiliares. Exemplo típico de rejeição ainda residual ocorreu no Estado do Amazonas, onde se cogitava realizar campanha semelhante. O projeto de lei foi energicamente combatido por um deputado que argumentava ser “[...] a fama do extintor de epidemias por muito superior à sua competência”⁸⁴.

⁸² A FEBRE ..., *A Província do Pará*, 13 de novembro de 1910, p. 1.

⁸³ PROPHYLAXIA ..., *Folha do Norte*, 13 de novembro de 1910, p. 1.

⁸⁴ SALES GUERRA, 1940, p. 567-568.

Um resgate iconográfico

A 3 de julho de 1996, o Dr. Eduardo Oswaldo Cruz, eminente cientista e neto do grande saneador, espontânea e generosamente ofertou ao acervo H. Fraiha o valioso documentário fotográfico original da campanha de profilaxia da febre amarela em Belém que aqui vai reproduzido. São imagens preciosas, algumas pouco conhecidas, e constituem autêntico resgate iconográfico do histórico momento então vivido pelos paraenses.



Flagrante da ação de uma turma de expurgo dirigida por Maurício de Abreu em trecho da Rua 15 de Agosto (atual Av. Presidente Vargas) situado entre a Tv. Aristides Lobo e a Riachuelo. Os prédios, geminados, já com os telhados totalmente revestidos de pano americano. Falta ainda a vedação de portas e janelas com o mesmo tecido, para dar início à fumigação interna contra as formas aladas do mosquito vetor.

Do acervo H. Fraiha.

Rua 15 de Agosto entre
Riachuelo e Aristides
Lobo
Turma de Expurgo à cargo
do Sr. Delaúcio de Abreu.
Chefe - Sr. de Amador Abreu

Legenda original, manuscrita com caneta tinteiro, identificando, precisamente, o local em que foi tomada a fotografia acima.

Um resgate iconográfico



Dois momentos subsequentes ao da fotografia da página anterior. Nesta última, as portas já estão sendo também vedadas com pano americano.

Do acervo H. Fraiha.

Um resgate iconográfico



Turmas de expurgo a cargo dos Drs. Maurício de Abreu e Serafim da Silva, em frente à Empresa Americana de Veículos, na Estrada Almirante Tamandaré, prontas para o início de atividades naquele trecho.

Do acervo H. Fraiha.

Estrada Almirante Tamandaré
Turmas de Expurgo em cargo
dos Drs. Mauricio de Abreu
e Serafim da Silva
chefes. Paul de Amaral Abreu e
Jose Joao de Brito.
Frente da Empresa Americana
de Veículos.

Legenda original, manuscrita no verso da fotografia acima.

Um resgate iconográfico



Barracão dos fundos da Empresa Americana de Veículos inteiramente coberto com pano americano para a fumigação interna de enxofre ou piretro. Turmas de expurgo sob a direção dos Drs. Maurício de Abreu e Serafim da Silva. Chefes imediatos: Raul de Avelar Alves e José Joaquim de Britto.

Do acervo H. Fraiha.

Entrada Almirante Farnesdale.
 Barracão dos fundos da Empresa
 Americana de Veículos.
 Turmas de expurgo a cargo dos
 Drs. Mauricio de Abreu e
 Serafim da Silva
 Chefes: Raul de Avelar Alves e
 José Joaquim de Britto

Legenda original, manuscrita no verso da fotografia acima.

Um resgate iconográfico



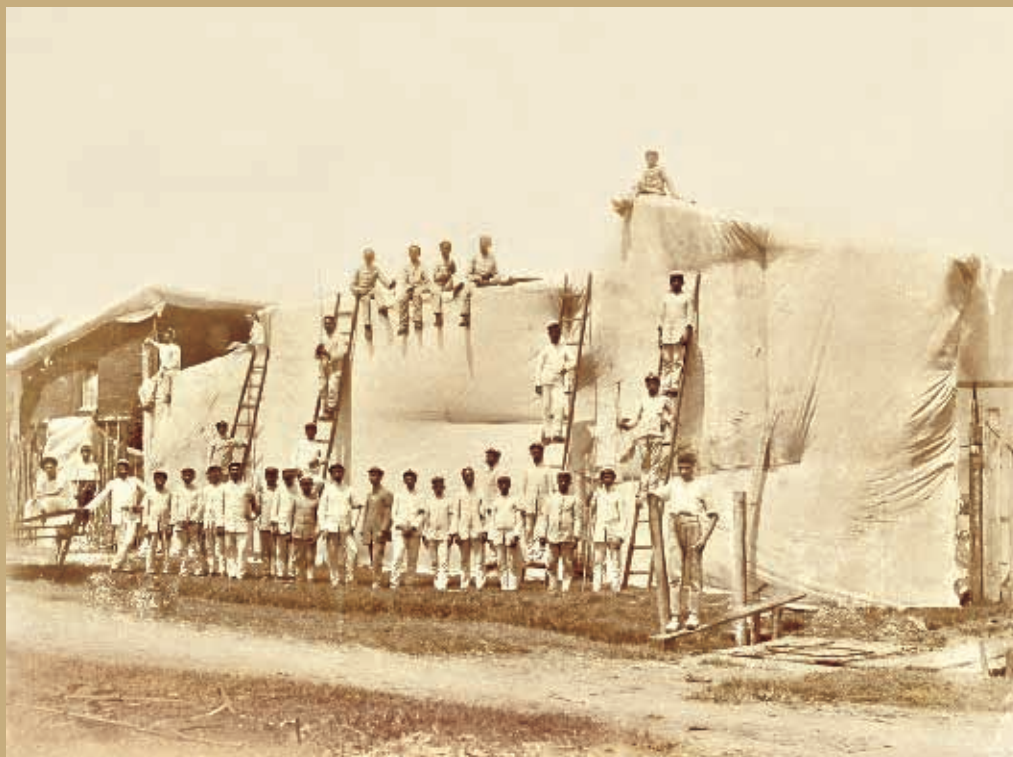
Turma de expurgo a cargo do Dr. Maurício de Abreu, com seus uniformes e petrechos, a postos para o início dos trabalhos na Rua Monte Alegre.

Do acervo H. Fraiha.

Rua Monte Alegre
Turma de Expurgo a cargo
do Sr. Dr. Mauricio de Abreu
Chefe. Paul de Amelar Abreu

Legenda original, manuscrita no verso da fotografia acima.

Um resgate iconográfico



A mesma turma de expurgo já em plena operação na Rua Monte Alegre. Suas ações eram voltadas ao combate às formas aladas do mosquito vetor no interior dos domicílios.
Do acervo H. Fraiha.

*Rua Monte Alegre
Turma de Expurgo a cargo
do Sr. Delaunio de Almeida
chefe. Paulo de Almeida Alves*

Legenda original, manuscrita no verso da fotografia acima. Muito semelhante à da página precedente.

Um resgate iconográfico



Turma de expurgo pronta para agir na Estrada João Balbi. Observe-se o modelo de um dos veículos coletivos adquiridos para uso na campanha.

Do acervo H. Fraiha.

*Estrada João Balby
Turma de Expurgo a cargo
do Sr. Delamirio de Azevedo.
Chefe - Paul de Azevedo*

Legenda original, manuscrita no verso da fotografia acima.

Um resgate iconográfico



Turma de expurgo em ação na Rua Domingos Marreiros sob a direção de Maurício de Abreu.
Do acervo H. Fraiha.

Rua Domingos Marreiros
Turma de Expurgo à cargo do
Sr. Dr. Mauricio de Abreu.
Chefe, Paul de Amelar Abreu

Legenda original, manuscrita no verso da fotografia acima.

Um resgate iconográfico



Turma de expurgo em plena ação na Rua Diogo Moya. Observem-se o modelo de automóvel utilizado na campanha, as casas inteiramente cobertas de pano americano, os guardas bem uniformizados e a complacência da população ante todo o transtorno das ações.

Do acervo H. Fraiha.

Rua Diogo Moya.
Turma de Expurgo (a cargo
do Sr. Dr. Claudino de Alencar
Chefe. Fm. de Amador Alencar

Legenda original, manuscrita no verso da fotografia acima.

Um resgate iconográfico



Quatro dos inspetores sanitários da campanha, durante operações na Rua de São Francisco, Belém, vendo-se ao fundo o barracão da Empresa Americana de Veículos inteiramente coberto de pano americano. São eles, da esquerda para a direita: Maurício de Abreu, João Pedroso, Leocádio Chaves e Serafim da Silva. Pedroso era o Inspetor Geral. Os três outros, responsáveis pela direção de serviços de expurgo domiciliar.

Do acervo H. Fraiha.

*- Rua de S. Francisco, tendo
nos fundos o barracão da
Empresa Americana de
Veículos.*

Legenda original, manuscrita no verso da fotografia acima.

Enquanto isso, a boa índole da gente paraense levava-a a esmeros de lhaneza. “Tratam-nos como a semideuses”, veremos adiante dizer Oswaldo Cruz.

Já no decurso do terceiro dia, estavam todos em ação. Serafim da Silva e Maurício de Abreu, com suas respectivas turmas de expurgo. Caetano Cerqueira, comandando a polícia de focos na zona suburbana. Cada qual com sua função bem definida.

Se analisarmos cuidadosamente as notas divulgadas pela Comissão através da imprensa local durante a campanha, veremos serem estas as atribuições principais dos inspetores sanitários:

Drs. João Pedro de Albuquerque, Belisário Penna e Caetano Cerqueira – direção dos serviços de polícia de focos, respectivamente auxiliados por Emygdio de Matos, Tavares de Lacerda e Costa Lima.

Drs. Leocádio Chaves, Maurício de Abreu e Serafim da Silva – direção dos serviços de expurgo domiciliar.

Além disso, o expurgo das embarcações surtas ou atracadas no porto era sempre executado sob ordens de João Pedro de Albuquerque e de seu auxiliar Emygdio de Matos.

O mesmo Dr. João Pedro de Albuquerque comandava também o expurgo dos esgotos com os aparelhos *Clayton*.



Aparelho *Clayton* destinado ao expurgo de galerias de águas pluviais por insuflação de gás sulfuroso. Fotografia feita no Rio de Janeiro, quando da vitoriosa campanha antiamarilica que antecedeu à de Belém.

Reproduzida de Lima e Marchand (2005, p. 83).

As remoções e os isolamentos eram quase sempre executados pela equipe de expurgo domiciliar. Não havia, porém, rigidez absoluta na observância de tais atribuições. Várias vezes vamos encontrar Caetano Cerqueira, Belisário Penna e João Pedro de Albuquerque chefiando o expurgo de prédios. Desdobravam-se em esforços, dando tudo de suas potencialidades para levar a bom termo, no prazo previsto, a laboriosa missão.

Ainda nos primeiros dias da campanha Oswaldo Cruz providenciou a edição pela Imprensa Oficial do Estado de folhetos contendo novas *instrucções populares*, para serem distribuídos na cidade⁸⁵.

Insistia, desta vez, na caracterização morfológica do transmissor, em instruções sobre a destruição ou tratamento dos criadouros, na necessidade de um perfeito isolamento dos doentes nos quatro primeiros dias e de imediata notificação dos casos febris.

A 15 de novembro, escrevia, em carta a Sales Guerra⁸⁶:

Aquí estamos residindo no Largo da Pólvora (Praça da República) n.º. 16 e 17 e andamos numa vertigem de trabalho.

A febre amarela grassa aquí com desusada intensidade e o tempo não nos chega para atender às notificações. Só ontem os colegas notificaram 21 casos! e dêstes, 5 em 1 só domicílio! Imagina em que dobradoira vivemos. Passo o dia encarapitado num automóvel a percorrer a cidade, animando as tropas. Os expurgos se fazem em proporções fantásticas e certas zonas há em que só se respira enxofre. Organizámos todo o serviço dentro de 7 dias, contratando para mais de 200 homens inteiramente inexperientes e tendo de fazer confeccionar todo o material, inclusive o uniforme do pessoal. Foi um verdadeiro *tour de force*. Mas é preciso despender tôda essa atividade para corresponder às gentilezas do Govêrno e do povo que nos tratam como a semideuses. O primeiro instalou-nos principescamente num excelente palacete no ponto melhor e mais nobre da cidade e tem-nos facilitado tudo. O povo, de sua parte, nos tem acolhido com a mais cativante delicadeza, sujeitando-se a todos os nossos expurgos e a outras torturantes operações, sempre gentil e amável, prestando-se a ficar no meio da rua até tarde da noite sem alimento. É incrível o grau de infecção da cidade: os turcos, especialmente, têm sido dizimados na atual epidemia! [...]

Os colegas são uns admiráveis companheiros e o sucesso da campanha com tais elementos é seguro e estou animadíssimo. Não sei quando voltarei porque o serviço ainda apresenta alguns “*ressaltos*” e só daqui sairei quando êle estiver bem *polido*, bem *brunido*.

⁸⁵ A FEBRE amarella. **A Província do Pará**, Belém, ano 35, n. 10.977, 14 de novembro de 1910, segunda-feira, p. 2.

⁸⁶ SALES GUERRA, 1940, p. 539-540.

Transcorriam, assim, os primeiros dias de campanha, a brava tropa trabalhando “[...] satisfeita e bem humorada, animada pela imprensa, festejada pelo povo”⁸⁷.



Fotografia feita do interior de um veículo pelo próprio Dr. Oswaldo Cruz com sua câmera Richard, enquanto inspecionava as ações da campanha numa das ruas do bairro da Cidade Velha, em Belém.

Cortesia do Dr. Eduardo Oswaldo Cruz.

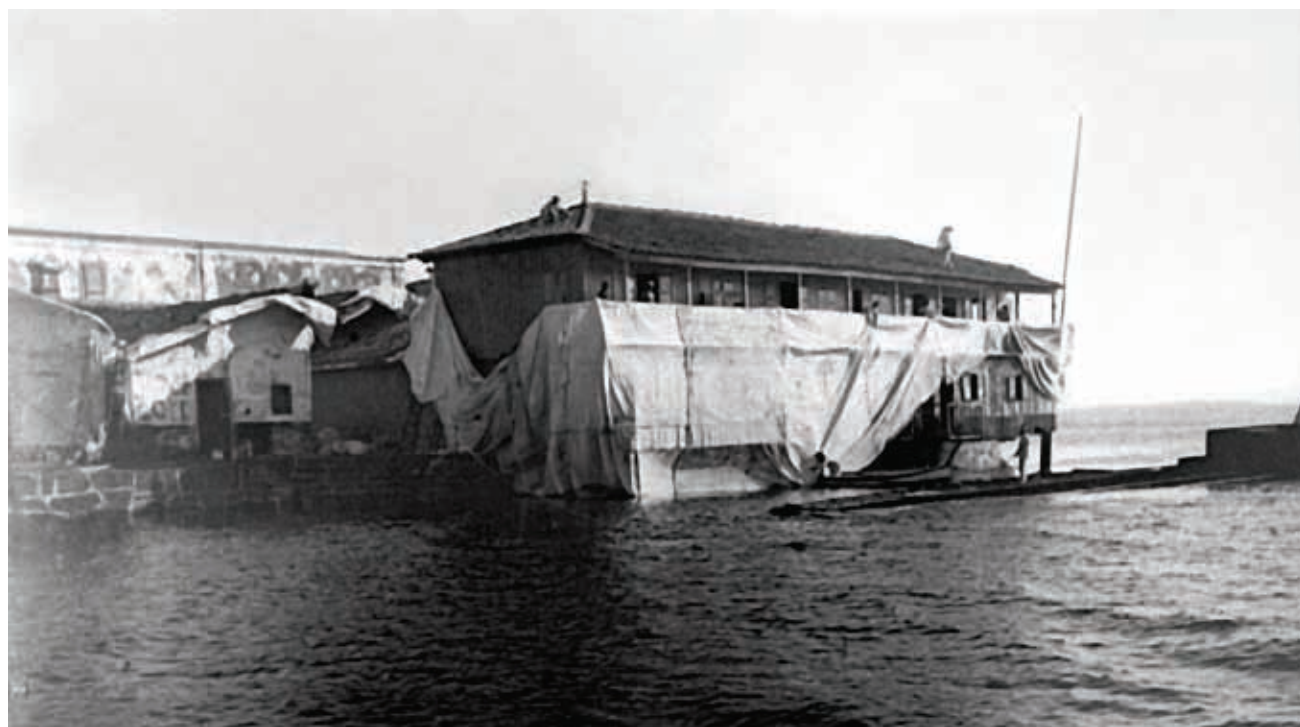


Durante o mês de novembro, em apenas 19 dias de trabalho, 5.085 prédios foram visitados e extintos 9.973 focos de larvas. Expurgaram-se 305 casas e uma extensão aproximada de 7.925 metros de galerias de esgotos. Petrolizaram-se 376 bocas de lobo. Na orla fluvial, 150 embarcações foram visitadas, 182 focos de larvas extintos, 13 botes e 18 cavidades diversas esgotados e cinco navios submetidos a expurgo.

⁸⁷ SALES GUERRA, 1940, p. 540.

O serviço de calhas compreendeu 206 inspeções, 34 retificações e a retirada de 112 baldes de lixo do seu interior. Abriram-se 1.406 metros de valas, limpam-se outros 2.020 e retificaram-se outros 200 metros. Duzentos e vinte e cinco terrenos e 54 poços foram aterrados, enquanto oito sarjetas foram desobstruídas. Finalmente, 719 caixas de descarga e 248 caixas d'água foram calafetadas, 86 outras lavadas, além da remoção e enterramento de 586 carroçadas de latas velhas⁸⁸.

Um trabalho gigantesco, sem dúvida.



Flagrante da operação de expurgo em casarão erguido sobre palafitas na orla fluvial do bairro da Cidade Velha. Situações como esta requeriam grande esforço, determinação e competência, no sentido de não deixar escapar qualquer mosquito. Do acervo da COC/Fiocruz. Reprodução autorizada para a presente edição.

Com relação aos enfermos, 172 casos foram notificados, dos quais 96 positivos, 56 negativos e 20 sem confirmação diagnóstica. Removeram-se 68 pacientes para hospitais e outros 24 foram isolados no próprio domicílio⁸⁸.

⁸⁸ A FEBRE ..., *A Província do Pará*, 1 de dezembro de 1910, p. 1.

Eram quatro os hospitais de isolamento dos enfermos de febre amarela: o Domingos Freire, o D. Luiz I, da Benemérita Sociedade Portuguesa Beneficente do Pará, a Casa de Saúde da Ordem Terceira de São Francisco e o Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará.

Os hospitais de isolamento



HOSPITAL DOMINGOS FREIRE

O Domingos Freire, principal hospital de isolamento dos enfermos de febre amarela durante a campanha. Fotografia reproduzida de Vianna (1902, p. 364-365).

Localizava-se à Tv. Barão de Mamoré, em área do entorno do atual Hospital Universitário João de Barros Barreto. Inaugurado em abril de 1900, destinava-se ao isolamento e tratamento de doentes de febre amarela (BRITTO; CARDOSO, 1973, p. 190). Foi extinto em 10 de novembro de 1964 e posteriormente demolido. Dele resta apenas o artístico portão de ferro que lhe dava acesso (fotografias a seguir).

Os hospitais de isolamento



Fotografia: H.Fraiha



Fotografia: H.Fraiha

O pórtico remanescente do Hospital Domingos Freire, à Tv. Barão de Mamoré.

Os hospitais de isolamento



O Hospital da Benemérita Sociedade Portuguesa Beneficente do Pará, tal como era à época da campanha.

Reproduzido de cartão postal da coleção H. Fraiha.



O Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará.

Reproduzido de O MUNICÍPIO... (1907, p. 168-169).

Os hospitais de isolamento



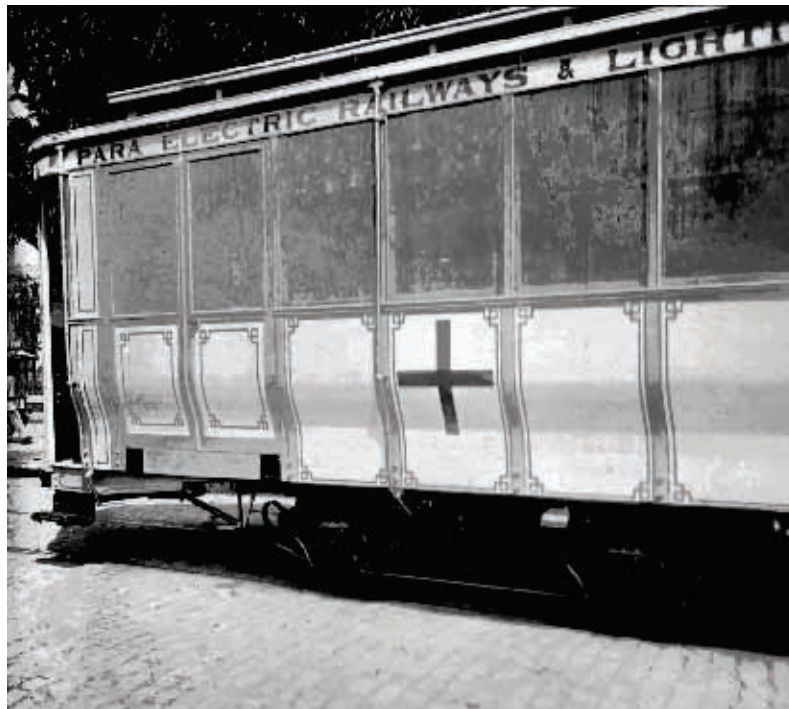
O Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará. Reproduzido de Vianna (1902, p. 358-359).



A Casa de Saúde da Ordem Terceira de São Francisco. Fotografia reproduzida de PARÁ (1899?, p. 75).

O mês de novembro registrou um total de 49 óbitos⁸⁹.

No último dia do mês, Oswaldo Cruz visitou a estação central da “Pará Electric”, em companhia do Intendente Municipal Antonio Lemos⁸⁹. Foram ver o bonde especialmente adaptado para o transporte dos doentes ao Hospital Domingos Freire. O carro era dos semifechados, com janelas e entradas protegidas por dupla tela de arame. Pintaram-no inteiramente com tinta esmalte creme e uma grande cruz vermelha ao lado.



Bonde da Pará Electric Railways & Lighting Company Limited adaptado ao transporte de enfermos até o Hospital Domingos Freire. Todo telado, de modo a impedir que fossem picados no trajeto por mosquitos vetores.

Fotografia tomada pelo próprio Dr. Oswaldo Cruz. Cortesia do Dr. Eduardo Oswaldo Cruz.

Possuía quatro leitos almofadados móveis sobre carretéis e facilmente condutíveis a braço; duas poltronas para os médicos acompanhantes, um banco almofadado para os guardas sanitários e dois pequenos armários para medicamentos.

Uma grande cortina de lã verde isolava o compartimento dos doentes, do pessoal que os conduzisse.

⁸⁹ A FEBRE ..., *A Província do Pará*, 1 de dezembro de 1910, p. 1.

Estavam prontos, também, os dois carros para o transporte desde o bonde até o hospital, ambos feitos de madeira, telados com arame, cada um comportando duas camas, em tudo semelhantes às do elétrico.



A presença de Oswaldo Cruz fazia-se necessária, porém, no Rio de Janeiro, para atender a outra missão não menos importante: representar o Brasil na Exposição Internacional de Higiene na cidade de Dresden, na Alemanha. Havia que selecionar e ordenar ainda todo o material científico, providenciar acerca da construção do pavilhão brasileiro, compor a comissão de auxiliares etc. Tudo no breve espaço de poucas semanas, pois contava poder seguir para a Europa em meados de março⁹⁰.

Assim, logo que se considerou dispensável em Belém, transferiu a chefia do serviço a João Pedroso de Albuquerque e viajou para o Rio a 5 de dezembro, a bordo do paquete *Brasil*, onde foi deixá-lo, pessoalmente, o Governador João Coelho^{91,92}.



A primeira grande tarefa de João Pedroso seria estabelecer, em definitivo, as medidas de vigilância sanitária do porto de Belém. Precisava-se impedir a entrada de mosquitos vindos de outros portos.

Oswaldo Cruz percorrera, dias antes, a baía de Guajará, visando escolher ancoradouros distantes da cidade, tanto para os navios de cabotagem como para os de longo curso. Só poderiam atracar no cais se previamente submetidos a rigoroso expurgo⁹³. Mas a decisão não assumira ainda caráter oficial.

A convite do Dr. Jerônimo Gesteira, diretor do 3º Distrito Sanitário Marítimo, João Pedroso conferenciou com representantes de várias companhias de navegação para uma deliberação em comum⁹¹.

Depois de examinada a planta da baía, acertou-se que todas as embarcações deveriam fundear a uma distância mínima de mil metros da margem. Os navios procedentes de Manaus e Iquitos ancorariam em frente ao cais da “Port of Pará”. Os gaiolas, entre o Arsenal de Marinha e a foz do Guamá. Os vapores do Lloyd, em frente ao respectivo trapiche. E os estrangeiros, no quadro de franquia, à altura de Val-de-Cães. Os passageiros poderiam desembarcar depois de procedida a visita de praxe.

⁹⁰ SALES GUERRA, 1940, p. 540.

⁹¹ DR. OSWALDO Cruz. **A Província do Pará**, Belém, ano 35, n. 10.999, 6 de dezembro de 1910, terça-feira, p. 1.

⁹² PROPHYLAXIA da febre amarela. **Folha do Norte**, Belém, ano 15, n. 4.708, 6 de dezembro de 1910, terça-feira, p. 1. Seção Gazetilha.

⁹³ A FEBRE..., **A Província do Pará**, 11 de novembro de 1910, p. 1.



Vista panorâmica do porto de Belém. Reproduzida de PARÁ (1909?, p. 64).

A Comissão obrigava-se a executar, com urgência, o expurgo dos navios que devessem atracar.

Ao final da reunião, a Diretoria do Distrito Sanitário Marítimo fez expedir edital nesse sentido, zelando pelo fiel cumprimento dessas disposições.



Durante o mês de dezembro foram recebidas 172 notificações: 85 positivas, 84 negativas e três sem confirmação diagnóstica. Trinta e sete casos foram fatais^{94,95}. Eram ainda elevados os números, a despeito do rigoroso combate.

⁹⁴ A FEBRE amarela. **A Província do Pará**, Belém, ano 35, n. 11.036, 12 de janeiro de 1911, quinta-feira, p. 2.

⁹⁵ PARÁ. Governador (1909-1913: João Antonio Luiz Coelho). **Mensagem dirigida em 7 de setembro de 1911 ao Congresso Legislativo do Pará**. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1911. p. 55.

Mas os trabalhos prosseguiam, sob a correta direção de João Pedroso. Costa Lima dava, já, mostras de seu extraordinário pendor para a pesquisa entomológica, da qual seria mais tarde um luminar. Juntamente com Jacques Huber, Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi, iniciou uma série de investigações no sentido de determinar quais os peixinhos da região a serem usados nos poços domésticos, como mais vorazes na destruição das larvas de mosquitos⁹⁶. E logo passava a utilizá-los, também, em tanques ornamentais de diversos logradouros públicos.



O movimento de janeiro seria excepcional e a menor prevalência de casos começaria a esboçar os benéficos resultados da campanha. Das 57 notificações recebidas, apenas 27 foram confirmadas e o número de óbitos reduziu-se a apenas 15.

Nesse mês, 39.402 prédios foram visitados, tendo sido destruídos 33.393 focos larvários. Expurgaram-se 662 prédios.

Na orla fluvial, das 558 embarcações diversas visitadas, 42 foram submetidas a expurgo, tendo sido eliminados 526 focos.



Caía, visivelmente, o número de casos. Fevereiro registraria apenas 13, dos quais nove ainda seriam fatais.

Diariamente a população era informada através da imprensa sobre o andamento dos trabalhos. Nenhum alarde, porém. Nenhum comentário. A simples exposição lacônica dos dados. Nítida influência do espírito do Chefe.



A 16 de março chegavam notícias da partida de Oswaldo Cruz para a capital da Saxônia. Temia-se tanto pelo seu estado de saúde que, estando todos os seus auxiliares médicos impedidos, decidira levar consigo a filha primogênita, Elisa, então com 17 anos de idade, para assisti-lo em qualquer eventualidade, dando-lhe ainda o conforto da presença de alguém da família.

⁹⁶ BLOCH, Pedro. *Vida e obra de Ângelo Moreira da Costa Lima*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Pesquisas, 1968. p. 35-36.

Sales Guerra, o zeloso clínico particular, cuidou de confiar discretamente à menina, na ocasião da partida, um envelope lacrado que deveria ser aberto somente se o pai adoecesse em viagem. Dentro estavam anotadas as hipóteses mais prováveis e as prescrições a serem seguidas. Havia, também, referência a outras condutas habitualmente aconselhadas, mas que deveriam ser excluídas, dados os maus resultados⁹⁷.

De Veneza, a 26 de março, escreveu Oswaldo Cruz a João Pedroso. Mostrava-se apreensivo com a anunciada crise da borracha, que podia vir a perturbar a boa marcha dos trabalhos em Belém. Adiante, referindo-se à exposição e à sua volta a Belém, dizia, em carinhoso estímulo aos seus auxiliares:

O material que levamos é abundante e importante: a moléstia de Chagas vai prender a atenção; levamos preparados, peças anatómicas, fotografias, moldagem em gesso, bustos de doentes, etc., etc. Além de todo o material do Instituto levamos esplêndidas fitas cinematográficas do serviço de f. a. tiradas sob a direção do Oliveira Borges e que estão realmente esplêndidas. Bem entendido os seus lindos gráficos e os do Belisário, convenientemente aumentados e desenhados, assim como as plantas do Pará, lá figurarão como elementos de primeira ordem. – Ninguém tem mais saudades de vocês que eu. Estarei aí nos fins de Maio ou primeiros dias de Junho, dependendo do vapor a tomar. Levarei comigo a Lizeta* que é uma *não imune* e que, como testemunha, vai aí dormir *sem cortinado*. É a prova mais cabal que quero dar ao povo daí, da ilimitada confiança que deposito nos meus inigualáveis companheiros de trabalho⁹⁸.

Sem dúvida, seria essa a prova máxima. Mas na mensagem de confiança divisava-se hábil e polido desafio, a exigir de todos o esforço maior para que, já *em fins de maio*, não mais houvessem mosquitos infectados em Belém.

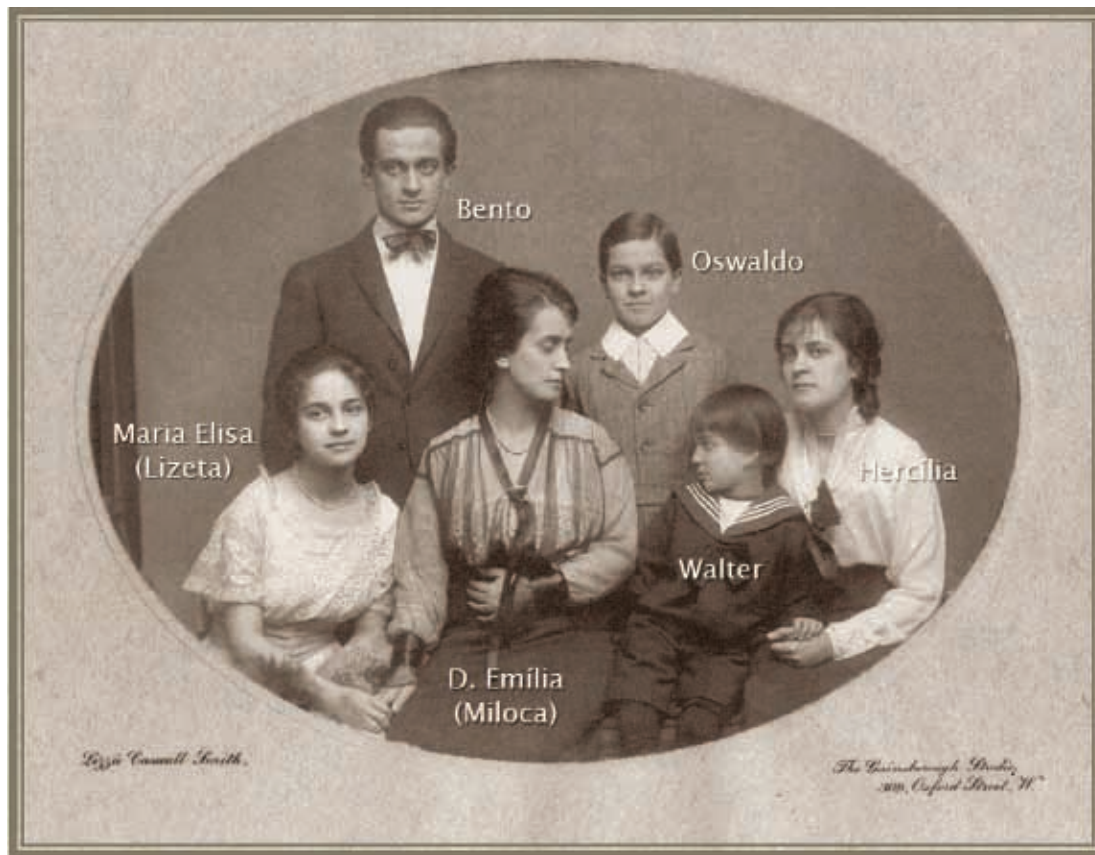
Apenas quatro casos de febre amarela seriam registrados durante março. Gradualmente tornavam-se menos solicitadas as equipes de expurgo. Leocádio Chaves passou, então, para o serviço de polícia de focos, agora mais necessário**.

⁹⁷ SALES GUERRA, 1940, p. 541.

* Nome íntimo de Elisa.

⁹⁸ SALES GUERRA, 1940, p. 543-544.

** Tudo indica que Leocádio Chaves tenha regressado pouco depois ao Rio de Janeiro, pois seu nome não mais figura nos boletins da campanha a partir de 11 de maio.



Elisa, a filha primogênita, aqui vista ao lado de sua mãe e dos irmãos em foto feita em Londres pouco tempo depois da campanha no Pará. Ela haveria de acompanhar o pai em suas viagens marítimas entre o Brasil e a Alemanha, em função da exposição de Dresden e das operações em Belém. Seu irmão Oswaldo viria a ser, um dia, Presidente da Fundação Instituto Oswaldo Cruz.

Fotógrafa: Lizzie Caswall Smith, The Gainsborough Studio, Oxford Street, London.

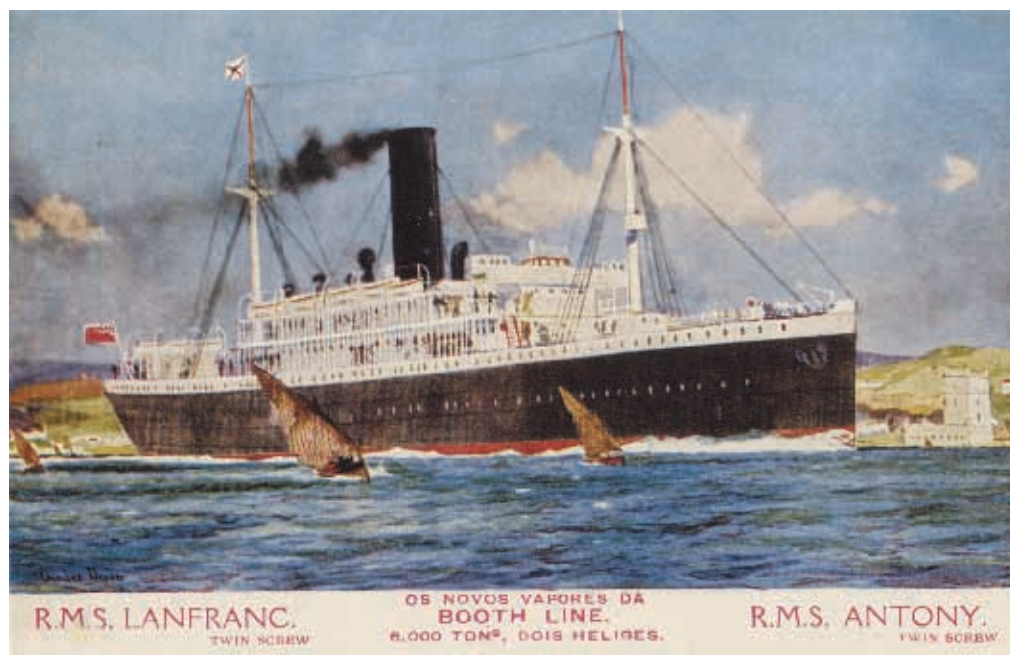
Cortesia do Dr. Eduardo Oswaldo Cruz.

Em abril, somente dois casos. Imprensa e povo exultam ante a iminência de erradicação do mal. Sucedem-se veementes elogios à proficiência de Oswaldo Cruz e à feliz iniciativa do Governador que aqui o trouxera.



Inaugurada a exposição de Dresden, onde desponta o pavilhão brasileiro como verdadeira escola, Oswaldo Cruz é avisado por João Pedroso da crise econômica em que se debate o Estado do Pará em consequência da desvalorização da borracha. A campanha, de tão magníficos efeitos, parece agora ameaçada de paralisação por falta de numerário.

Decide-se vir a Belém. Deixa Dresden a 19 de maio, confiando o nosso pavilhão ao Professor Figueiredo Vasconcelos. Aqui chega a 8 de junho, a bordo do *Antony*, trazendo consigo a filha companheira.



Cartão-postal da Booth Line anunciando em 1907 a entrada em serviço dos vapores transatlânticos *Lanfranc* e *Antony*, os maiores e mais luxuosos de sua frota, com 6.000 toneladas e duas hélices cada. Ambos conduziram Oswaldo Cruz em viagens com a filha entre o Brasil e a Alemanha, à época da campanha em Belém. Reproduzido de Gerodetti e Cornejo (2006, p. 200).

Os receios de João Pedroso são fundados. Mas o Chefe do Executivo está firmemente decidido a dar prosseguimento à campanha, à custa de qualquer sacrifício.

A 12 de junho, João Coelho recebe de Oswaldo Cruz⁹⁹ a venturosa conta:

Cumpro o agradável dever de levar ao conhecimento de v. exc. que já não grassa a febre amarella, sob a forma epidemica, na capital do Estado do Pará.

Pelos boletins que a v. exc. tem sido regularmente apresentados pelo sr. dr. J. Pedroso, que me quiz fazer o obsequio de assumir a chefia da commissão sanitaria, poudes v. exc. acompanhar o declinio progressivo e rapido dos casos e obitos da febre amarella, que se processou de accordo com as seguintes cifras, que me permitto expôr de novo ás vistas de v. exc.:

⁹⁹ PARÁ, 7 de setembro de 1911, p. 52-54.

	Casos confirmados	Obitos
Novembro de 1910 (depois do dia 12)	96	49
Dezembro de 1910	85	37
Janeiro de 1911	27	15
Fevereiro de 1911	13	9
Março de 1911	4	1
Abril de 1911	2	1
Mai de 1911	1	0

Está, pois, cumprida a primeira parte do compromisso tomado no contracto que, com v. exc., tive a honra de fazer.

Não está, porém, erradicada a molestia da cidade; ou, ao menos, ainda nada podemos affirmar nesse sentido. Um facto já occorrido veio provar que um fóco supposto extincto, pelo silencio em que se mantinha, havia longos dias, resurgio, dando um caso, o que mais uma vez confirmou os ensinamentos que colhemos na campanha prophylatica do Rio de Janeiro.

O resultado bruto impressiona favoravelmente e póde fazer crer, a quem o encara sem maior analyse, na completa extincção do mal amarillico.

Mas, justamente agora, entramos no período mais critico da campanha.

É a lucta contra o inimigo invisível que se não manifesta por acção offensiva alguma e que aguarda a diminuição ou ausencia da vigilancia em que é tido para irromper de novo.

O mosquito infectado póde permanecer, mezes, vivo e infectante, e acontecer que só encontre, para sua refeição sanguinea, creanças recém-nascidas, em que a molestia, em geral, de extrema benignidade, apresenta symptomatologia mal definida; quando para os intuitos prophylacticos, isto é, quanto á capacidade de infectar mosquitos, corre parellas com as infecções gravissimas dos não immunes de maior idade. É, pois, indispensavel, absolutamente indispensavel, que se continue a trabalhar com o mesmo afinco e cuidado dos primeiros dias, estendendo os expurgos de maneira systematica pelos antigos focos e suas cercanias, correlativamente com as medidas de policia sanitaria, tendentes a evitar a proliferação do insecto transmissor, ao mesmo tempo que se continue tambem a vigilancia cuidadosa dos receptiveis, vindos de focos em actividade fóra do Pará, a fim de impedir a reimportação da molestia.

Providencia que viesse modificar o aparelhamento de prophylaxia defensiva e aggressiva actual, com a orientação que tem, traria como consequencia fatal o reaparecimento da febre amarella, e agora, em escala ainda maior que antes do início dos serviços actuaes. E isto seria assim porque, à quota habitual de receptiveis, que mantinha as epidemias de febre amarella, adicionar-se-iam todos aquelles que nasceram ou procuraram a cidade durante estes mezes em que tem ella estado protegida contra a febre amarella; mais ainda há a adicionar aquelles que não teriam vindo, mas que se resolveram á fazel-o, confiados nas actuaes garantias sanitarias que estavam certos de encontrar.

Assim, pois, os felizes resultados já obtidos reclamam que se leve a termo a humanitaria campanha que v. exc. empreendeu.

Como ficou estabelecido no compromisso assumido, espero que para a erradicação completa da febre amarella, em Belém, carecemos ainda de trabalho activo e ininterrupto por lapso minimo de 6 mezes.

N'esta segunda parte da campanha, as despesas comparadas com as do primeiro semestre serão sensivelmente menores, ficando, assim, bastante alliviados os cofres estaduaes.

Para terminar, julgo-me no dever de fazer sciente a v. exc. que a rapidez dos resultados favoraveis já obtidos se deve, sobretudo, á indole ordeira e bondosa do povo paraense, ao inestimavel auxilio da illustrada classe medica belemense, da imprensa sensata, que tão bem tem sabido orientar a população, já não falando do apoio continuo de todas as auctoridades e do esforço herculeo d'aquelles companheiros inexcediveis, que, abandonando familia, lar e toda a sorte de interesses, vieram trazer ao Pará a somma inestimavel de esforço intelligente e abnegado, de longa pratica e de technica perfeita, pondo a serviço da causa que todos abraçaram como um ideal, a ella tudo dedicando, sem outro intuito que não o de realizar obra de interesse nacional, mostrando, assim, que têm a comprehensão justa do que seja o verdadeiro patriotismo.

Confiante, espero que v. exc. terá, breve, a satisfacção de proclamar os resultados definitivos dos trabalhos de saneamento, que v. exc. fez fossem executados, e que, certamente, constituirão o mais legitimo titulo e gloria e de gratidão que a v. exc., como Chefe do Estado, ficarão a dever, não só o povo, mas todos aquelles que aportarem a esta hospitaleira cidade.

Saúde e Fraternidade. - *Gonçalves Cruz*.¹⁰⁰

Inteligentemente, Oswaldo Cruz antecipa a João Coelho nesse documento as bases da argumentação de que se poderá valer em defesa, caso o Legislativo venha a investir contra o prosseguimento da campanha.

No dia seguinte, escreve a Sales Guerra:

[...] todos aquí estão compenetrados da realidade dos resultados colhidos. Todo o trabalho agora cifra-se em evitar a importação de casos de Manaus, onde a moléstia continua a grassar com intensidade. Aquí estamos fazendo o expurgo sistemático dos antigos focos e espero que dentro de mais seis meses estará o mal completamente erradicado.

A política tem estado em ebulição. O Lemos teve que abandonar a Intendência e a Chefia do partido, seguindo para a Europa. Talvez eu vá tê-lo para companheiro de viagem.

¹⁰⁰ PARÁ, 7 de setembro de 1911, p. 52-54.

Outra coisa má é a crise terrível da borracha e a conseqüente falta de dinheiro que nos está ameaçando, bem que o pagamento do pessoal da Comissão esteja em dia até hoje.

Pretendo voltar para Dresde no dia 17 pelo vapor “*Lanfranc*”.¹⁰¹

Volta na data prevista. Sua presença, lá, é mais importante que em Belém, onde os “companheiros” se conduzem com extraordinária perfeição. Em Dresden, ressentem-se o pavilhão brasileiro da falta de um bom intérprete, capaz de explicar, sobretudo aos alemães, com as acentuações desejáveis, o variado conjunto de peças e imagens constantes de nossa mostra. Aqui, prosseguem os trabalhos com absoluta normalidade. Nenhum caso novo a registrar. A vigilância sanitária é, mais que antes, “rigorosa e implacável”¹⁰².

De Berlim, a 28 de julho, Oswaldo Cruz¹⁰³ escreve a João Pedroso:

De passagem por aqui, de volta de Dresde e a caminho de Paris não quis deixar de te mandar algumas linhas, informando-te dos resultados de nossa Exposição. Quando o Vasconcelos me escrevia cheio de entusiasmo, julgava eu que era vibração exagerada de patriotismo hipertrofiado pelos ares estrangeiros; mas, felizmente, tive ocasião de verificar a realidade do fato: É um sucesso completo, no ponto de vista, que eu o encaro, i. é. como meio de tornar conhecido o Brasil científico. Com efeito, à Exposição tem ido uma verdadeira romaria de sábios de toda a Alemanha. Quando aqui se reuniu o Congresso de Microbiologia foram todos os membros à nossa Exposição, espontaneamente e sem prévio convite; examinaram cuidadosamente tudo e ficaram todos encantados pelos estudos do Chagas. Quando no cinematógrafo viram a fita dos doentes do Chagas, não se puderam conter e irromperam em palmas e vivas! [...] Os resultados da campanha do Pará têm pasmado a todos e com um interesse admirável estudam cuidadosamente os gráficos e mapas. Não havia, pois, exagêro, e nossa reputação, já adquirida, de país civilizado que caminha na vanguarda do progresso científico, teve mais uma eloquente sanção, e vocês todos contribuíram para isso com enorme contingente, pelo que vivamente os felicito.

É assim Oswaldo Cruz: o Chefe insinuante e extremoso, o patriota exaltado, o obstinado cientista. Não se lhe atribuem outras manifestações de ufania: “A nossa posição no mundo científico está perfeitamente garantida”¹⁰⁴. Refere-se ao estrondoso triunfo que os trabalhos da escola de Manguinhos alcançaram no certame de Dresden.

¹⁰¹ SALES GUERRA, 1940, p. 549-550.

¹⁰² PARÁ, 8 de maio de 1911, p. 56.

¹⁰³ SALES GUERRA, 1940, p. 552.

¹⁰⁴ Id. Ibid., p. 554.



Um dos aposentos do pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Higiene na cidade de Dresden, na Alemanha. O material referente à doença de Chagas, recém-descoberta, e os resultados da campanha de profilaxia da febre amarela no Pará despertaram grande interesse de cientistas da Alemanha e de outros países da Europa.

Do acervo da COC/Fiocruz. Reprodução autorizada para a presente edição.

O pavilhão brasileiro fora, realmente, o alvo maior de todas as atenções, pelas curiosidades científicas que exibiu. “Nações de consumada reputação científica disputavam a posse do material que figurara na exposição, para os seus museus! Jazeram em penumbra manifesta as demais secções”¹⁰⁵.



Em agosto, a Comissão Sanitária é notificada de casos suspeitos de febre amarela no município da Vigia. Imediatamente segue para lá uma equipe de médicos do serviço, chefiada pelo próprio João Pedroso. Não têm fundamento as notícias recebidas. É o paludismo que grassa ali, com intensidade.

¹⁰⁵ SALES GUERRA, 1940, p. 553.

A 20 do referido mês, Maurício de Abreu passa para a polícia de focos. Serafim da Silva é, agora, o único responsável pelos expurgos, já bastante reduzidos.



A Mensagem de João Coelho¹⁰⁶ ao Congresso Legislativo do Estado, a 7 de setembro, vem repassada de justificado júbilo:

É com extraordinária satisfação que levo ao vosso conhecimento a noticia desta gloriosa conquista: desapareceu de Belém a epidemia da febre amarella.

Aquelle humanitario ideal que affaguei com o melhor do meu amor por esta terra, desde quando, ainda fóra da investidura governamental, cuidava da organização do meu programma administrativo, esse ideal altissimo, que me valeu, pelo arrojo da batalha a travar, vigílias e energias sem conta, e a que communicastes o impulso prestigioso da vossa patriotica solidariedade – é hoje, digo-o com justo desvanecimento, uma realidade brilhante, um facto de que todos os paraenses podem e devem orgulhar-se.

Desfez-se o espantallo do nosso desenvolvimento economico, apagou-se a mancha que impedia o brilho da nossa irradiação social.

D'oravante, o Pará não é mais a terra vedada à operosidade do braço advena. O terror da morte, gerado pela crença funesta que o morbo amarillico implantára, através de mais de 50 annos de predominio, já não afasta do solo paraense a cooperação efficaz do trabalho estrangeiro, sendo-nos licito agora proclamar a nossa terra aberta a todas as actividades honestas, fructuosas e dignas do mundo inteiro. [...]

Sinto-me grandemente feliz por ter prestado á minha terra um serviço que, em consciencia, considero dos mais uteis á obra do seu glorioso futuro.



Oswaldo Cruz está de novo no Brasil. Está também reconhecidamente vitoriosa sua missão no Pará, onde o esperam para o encerramento da campanha.

Aqui chega a 10 de outubro, a bordo do “Rio de Janeiro”¹⁰⁷ e é acolhido como verdadeiro triunfador¹⁰⁸.

¹⁰⁶ PARÁ, 7 de setembro de 1911, p. 51-52.

¹⁰⁷ NOTICIARIO. **A Provincia do Pará**, Belém, ano 36, n. 11.304, 11 de outubro de 1911, quarta-feira, p. 2.

¹⁰⁸ SALES GUERRA, 1940, p. 564.

Seus discípulos vão recebê-lo, acompanhados do representante do Governador, capitão Cassulo de Melo, e do Dr. Jerônimo Gesteira, Diretor do Distrito Sanitário Marítimo.

Logo começa a inteirar-se dos mínimos detalhes da situação atual da campanha. E conclui, após cuidadosa inspeção da cidade, que não resta mais nada a fazer. Está perfeitamente cumprida a segunda etapa da missão assumida, antes de expirado o prazo estimado.

A 16 de outubro, data memorável, informa-o oficialmente ao Chefe do Executivo:

Exm^o. Snr. Governador.

Está erradicada a febre amarela de Belém.

Cessa, portanto, hoje, a investidura com que V. Ex^a. se dignou de nos honrar.

Ha, com effeito 178 dias que não adoece em Belém, pessoa alguma de febre amarela. Os casos -em numero de quatro- assinalados nas notas appensas a nossas estatisticas, no lapso de tempo que se iniciou a 21 de Abril (data do ultimo caso confirmado de febre amarela) são provenientes de um dos portos ainda infectados, existentes em outros Estados e donde provieram ao todo, durante o periodo da nossa responsabilidade, 16 casos que deram 10 obitos.

A vigilancia cuidadosa exercitada em toda a area urbana, o estudo systematico de todos os doentes internados nos hospitaes e a ausencia de notificações do ilustrado corpo clinico, que desde o inicio dos trabalhos se constituiu um dos mais efficazes e poderosos dentre nossos collaboradores, autorisam-nos a formular com firmeza a affirmativa com que iniciámos este documento.

Junto tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex^a. sob a fórmula de quadros demonstrativos, o resumo de nossos trabalhos.

É-me grato referir que as despesas com a campanha anti-amarellica ficaram aquem do orçamento que, em tempo, tive a honra de apresentar a V. Ex^a.

Se Belém está livre da febre amarela não o está, porém, das surpresas d'uma reimportação da molestia e os 16 casos a que acima alludi mostram a possibilidade, senão a fatalidade do facto se não fôr mantido na cidade e no porto um serviço de prophylaxia defensiva que deverá permanecer em actividade, até que cessem as probabilidades de infecção, o que só se realizará com o saneamento dos focos ainda existentes no Brazil.

V. Ex^a. porém, com o largo descortino que tem caracterizado seu proveitoso Governo, resolveu installar esse serviço, confiando-o a um de nossos mais esforçados companheiros de trabalho: É a garantia de que a febre amarela não mais se implantará em Belém.

Resta-me Snr. Governador renovar a V. Ex^a. e a seus collaboradores no Governo e ao Congresso Estadoal os protestos de gratidão pela maneira por que foi acolhida e tratada a Commissão inexcédível com que me orgulho de ter trabalhado e pela autonomia e prestígio que a ella foram emprestados.

Já tive occasião, em documento anterior, de affirmar e apraz-me agora reiterar o asserto de que os resultados obtidos se devem em grande parte ao auxilio e collaboração assidua e proficua da illustrada classe medica belemense, que tão presurosa e gentilmente respondeu a nossa solicitação inicial, do carinhoso e hospitaleiro povo paraense, que nos acolheu com uma gentileza que nunca esqueceremos, da imprensa que com seus conselhos soube inculcar a confiança á população e aplainar difficuldades futuras possiveis e, enfim, de todas as administrações e instituições nacionaes e estrangeiras que, pondo a nosso serviço seus hospitaes, meios de conducção etc. tão facil souberam tornar nossa tarefa.

A V. Ex^a. como o mais legitimo representante deste progressista Estado rogamus, meus queridos companheiros e eu, se digne de servir de depositario de toda nossa gratidão, grande, profunda e sincera e que a faça chegar a todos que, habitando esta bella cidade vivem felizes sob o influxo benefico do sabio e patriotico governo de V. Ex^a. – *Gonçalves Cruz*.¹⁰⁹



¹⁰⁹ COMISSÃO DE PROPHYLAXIA DA FEBRE AMARELLA EM BELÉM. [Ofício] 1911 out. 16, ao Excelentíssimo Senhor João Coelho, Governador do Estado do Pará. Oswaldo Cruz comunicando estar erradicada a febre amarela de Belém e enfatizando a necessidade de manutenção de um serviço de vigilância capaz de impedir a reintrodução do mal.



Reprodução fac-similar desse ofício de Oswaldo Cruz a João Coelho, comunicando estar erradicada a febre amarela de Belém.

Do acervo H. Fraiha.

de e no porto um serviço de prophylaxia defensiva que deverá permanecer em actividade, até que cessem as probabilidades de infecção, o que só se realizará com o saneamento dos focos ainda existentes no Brazil.

V. Ex.^a porém, com o largo descortino que tem caracterizado seu proveito ao Governo resolveu instalar esse serviço, confiando-o a um de nossos mais esforçados companheiros de trabalho: É a garantia de que a febre amarella não mais se implantará em Belém.

Resta-me Snr. Governador renovar a V. Ex.^a e a seus collaboradores ao Governo e ao Congresso Estadual os protestos de gratidão pela maneira por que foi acolhida e tratada a Comissão inexcedivel com que me orgulho de ter trabalhado e pela autonomia e prestigio que a ella foram emprestados.

Já tive occasião, em documento anterior, de affirmar e apraz-me agora reiterar o aserto de que os resultados obtidos se devem em grande parte ao auxilio e collaboração assidua e proficua da illustrada classe medica belemense, que tão presurosa e gentilmente respondeu a nossa solicitação inicial, do carinhoso e hospitaleiro povo paraense que nos acolheu com uma gentileza que nunca esqueceremos, da imprensa que com seus conselhos soube incutir a confiança á população e aplainar difficuldades futuras possiveis e, enfim, de todas as administrações e instituições nacionaes e estrangeiras que, pondo a nosso serviço seus hospitaes, meios de conducção etc. tão facil souberam tornar nossa tarefa.

A V. Ex.^a como o mais legitimo representante deste progressista Estado rogamos, meus queridos companheiros e eu, se digne de servir de depositario de toda nossa gratidão, grande, profunda e sincera e que a faça

chegar a todos que, habitando esta bella cidade vivem felizes sob o influxo benefico do sabio e patriotico governo de V. Ex.:

Oswaldo Cruz

Fac-símile do ofício de Oswaldo Cruz a João Coelho em 16 de outubro de 1911 (conclusão).



Belíssima alegoria com que o jornal A Provincia do Pará rende glórias ao sábio higienista, herói de mais uma vitória contra a febre amarela no Brasil (HOMENAGEM..., 15 de outubro de 1911, p. 1).

Está concluída a campanha.

O Governo do Estado entende de justiça render ao eminente cientista e aos seus valorosos companheiros homenagem de gratidão em nome do povo paraense. Oferece-lhes aparatoso banquete no salão de honra do Theatro da Paz, para o qual são convidados somente as mais gradas autoridades estaduais e os representantes das mais elevadas classes sociais, além dos próprios homenageados.



O Theatro da Paz após a memorável reforma procedida na gestão do Governador Augusto Montenegro, em cartão postal editado pela Tabacaria & Livraria Alfacinha, Belém, entre os anos de 1907 e 1910¹¹⁰. Cartão de número 12 de uma série de 30 com vistas da cidade de Belém.

Exemplar pertencente à coleção H. Fraiha.



¹¹⁰ CHERMONT DE MIRANDA, Victorino Coutinho. **A memória paraense no cartão-postal (1900-1930)**. Rio de Janeiro: Liney, 1986. p. 130.

Detalhes sobre o banquete

Cercaram-no de requintes protocolares: 40 talheres; programa impresso; disposição estudada dos convidados à mesa; dois brindes apenas: um de João Coelho a Oswaldo Cruz e outro deste, agradecendo; música a cargo de um sexteto regido pelo maestro Sarti; cardápio à francesa; traje a rigor: casaca e gravata branca.

O programa, artisticamente impresso, trazia na capa o Escudo do Pará, encimando a inscrição

BANQUETE

offerecido por s. exc. o sr. dr. João Antonio Luiz Coelho, em nome e como homenagem do Estado do Pará, ao exmo. sr. dr. Oswaldo Cruz e seus companheiros da Comissão de Prophylaxia contra a febre amarella.

*Belém, 16 de outubro de 1911
ESTADO DO PARÁ*

Nas páginas internas, de um lado o repertório musical e do outro o menu. No verso, os nomes dos homenageados^{111, 112}.



O salão nobre (foyer) do Theatro da Paz, espaço onde se realizou o grande banquete. Reproduzido de O MUNICIPIO ... (1908, p. 92-93).

¹¹¹ HOMENAGEM ao dr. Oswaldo Cruz. **Estado do Pará**, Belém, ano I, n. 191, 17 de outubro de 1911, terça-feira, p. I.

¹¹² JUSTA homenagem. **A Provincia do Pará**, Belém, ano 36, n. 11.310, 17 de outubro de 1911, terça-feira, p. I.

À sobremesa, o Governador brinda-os com expressiva afirmação de reconhecimento:

Exmo. sr. dr. Oswaldo Cruz.

Saudando a v. exc. por ocasião de oferecer este banquete á distincta commissão de prophylaxia contra a febre amarella, faço-o em nome do Estado do Pará.

A festa que aqui nos congrega, sobre ser uma homenagem aos merecimentos de v. exc., constitue ensejo para serem por mim manifestados os agradecimentos que o Estado deve a v. exc. pelos notaveis serviços emprehendidos na humanitaria campanha, cujo glorioso remate temos, como brasileiros, o direito de celebrar com orgulho.

Sinto-me bem podendo affirmar a v. exc. que a passagem, por esta capital, da commissão que hoje brilhantemente deu por findos os seus trabalhos, representa, para a população d'esta terra, uma phase inesquecivel e grata da vida paraense, por isso que os illustres profissionais que a compoem sempre alliam á stricta probidade no serviço, a lhaneza e cordura com que, no desempenho de seus encargos, souberam captivar o povo e penhorar a sociedade.

Desvaneco-me de avocar para mim, como cidadão e como governo, a maior parcella da gratidão que o povo fica a dever a v. exc. Como filho desta terra, sinto-me feliz de ver que em seu grandioso desenvolvimento já podem livremente collaborar nacionaes e estrangeiros; como governo, verifico dever a v. exc. a realização da idéa de maior responsabilidade no conjuncto do meu programa administrativo. Com effeito, v. exc. fez que eu solvesse plenamente o tremendo compromisso que, perante os meus concidadãos, assumi para afastar da terra paraense o espantallo do seu maior desenvolvimento, a ameaça a seus grandes destinos.

A conquista é, sem duvida, extraordinaria; e o Pará, para conseguil-a, sente-se ufano de ter conseguido o poderoso concurso da sabedoria de v. exc.

Acceite, pois, o nosso preito de immorredoiro reconhecimento e permita que, em honra de v. exc. e de seus dignos collegas de commissão, eu erga a minha taça e beba pela perfeita felicidade de todos.¹¹³

Executou-se o Hino Nacional, ouvido de pé por todos os convidados. Em seguida, falou o Dr. Oswaldo Cruz¹¹⁴:

Exm. sr. dr. Governador,

As palavras bondosas, que chegam mesmo a tocar ás raias da generosidade, com que v. exc. acaba de se referir aos resultados dos trabalhos feitos em Belém, pela Commissão a quem v. exc. quiz

¹¹³ PARÁ. Governador (1909-1913: João Antonio Luiz Coelho). **Mensagem dirigida em 7 de setembro de 1912 ao Congresso Legislativo do Pará.** Belém: Imprensa Official do Estado do Pará, 1912, p. 45.

¹¹⁴ Id. *Ibid.*, p. 45-46.

ainda hoje honrar com esta brilhante festa, dando mais uma prova de sua maneira fidalga de hospedar, dão-nos a certeza de que não nos afastamos da promessa feita ao assumir a incumbencia honrosa que v. exc. nos confiou, e de que podemos partir levando a satisfação intima do dever cumprido.

Não são, porém, esses os unicos sentimentos que d'aqui levamos. Temos que deixar no Pará titulos outros que se não relacionam com esses da sensação egoistica que se experimenta após convicção do cumprimento do dever.

A maneira carinhosa e bôa por que fomos recebidos e tratados, o conforto de que fomos cercados, as distincções ininterruptas com que temos sido cumulados – são razões de sobra para justificar a gratidão profunda e sincera de que somos devedores a v. exc., a seus auxiliares no governo e ao povo paraense.

Os habitantes d'este progressista Estado, meus srs., devem-se ufanar de ter á frente de seus destinos um estadista que compreendeu que não poderia haver progresso numa cidade onde imperava a terrivel molestia, que impiedosamente, derruba as creanças e o estrangeiro que vinha trazer o concurso inestimavel de sua intelligência, de seu braço e de seus capitaes.

V. exc., exmo. sr. governador, não fugiu deante dos grandes sacrificios que exigia uma campanha sanitaria como a que hoje se encerra e, tendo conseguido realizar seu desideratum, acaba de prestar o mais assignalado dos serviços que um homem de governo póde hoje prestar a seu paíz, serviço este que não reverte sómente em beneficio d'este adeantado Estado, senão de toda a Nação Brasileira.

V. exc. acaba de realizar obra meritoria de carater nacional e conseguiu levantar ainda mais alto os nossos fóros de nação civilizada.

A v. exc., como governador do futuroso Estado do Pará, a v. exc., como brasileiro verdadeiramente patriota, ao homem de governo que com rara lucidez soube ver em que terreno se devem assentar os alicerces da grandeza d'uma terra, saudamos respeitosaente meus collegas de Commissão e eu, augurando o mais brilhante futuro a seu proveitoso governo e, cheios de gratidão, levantamos nossa taça em honra de v. exc., pessoalmente e como o mais lidimo representante d'esse nobre, hospitaleiro e adeantado povo paraense.

Às últimas palavras, vibra uníssonas salva de palmas, com que se encerra o faustoso preito*.



* Em nenhuma notícia dos jornais da época encontramos os nomes de Leocádio Chaves, Meira de Vasconcelos, Ophir Loyola, Antonio de Figueiredo e Antonio Peryassú entre os convidados ao banquete. A ausência do primeiro já não surpreende. Meira de Vasconcelos foi exonerado, a pedido, em junho de 1911 (NOTICIÁRIO. **A Província do Pará**, Belém, ano 36, n. 11.180, 8 de junho de 1911, quinta-feira, p. 2). Quanto aos demais, ressentimo-nos de qualquer informação referente ao seu afastamento da campanha.

Esta será a única homenagem que Oswaldo Cruz se permite receber em Belém pela gloriosa conquista. Já no dia seguinte, 17 de outubro, no final da tarde, inicia a viagem de volta ao Rio de Janeiro, a bordo do “Manaus”, em companhia de quatro de seus auxiliares: João Pedroso, Caetano Cerqueira, Serafim da Silva e Pedro de Albuquerque^{115, 116}. Foram deixá-lo no cais do porto o Governador João Coelho e numerosa comitiva de mais de 50 pessoas, entre médicos e autoridades constituídas¹¹⁷.

O Pará vê, assim, pela última vez, a figura de seu inesquecível benfeitor. Em pouco mais de cinco anos a insuficiência renal se instalara, ceifando-lhe a vida a 11 de fevereiro de 1917, aos 44 anos de idade.

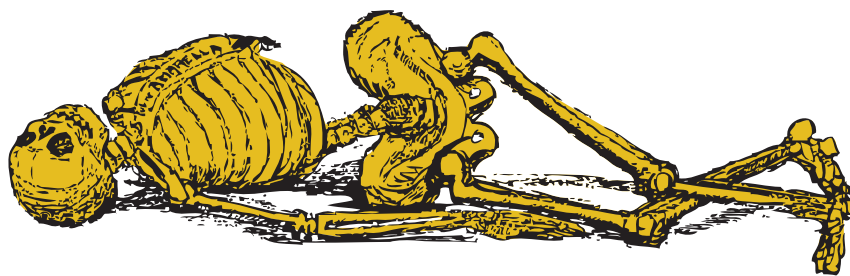


¹¹⁵ JUSTA ..., **A Província do Pará**, 17 de outubro de 1911, p. 1.

¹¹⁶ HOMENAGEM ..., **Estado do Pará**, 17 de outubro de 1911, p. 1.

¹¹⁷ BRITTO; CARDOSO, 1973, p. 95.

CONSEQUÊNCIAS DA CAMPANHA



CONSEQUÊNCIAS DA CAMPANHA



O Dr. João Coelho. Detalhe de retrato a óleo sobre tela de autoria de José Irineu de Souza.

Propriedade do Eng. João Coelho Neto. Reprodução autorizada para a presente edição.

REPERCUSSÕES

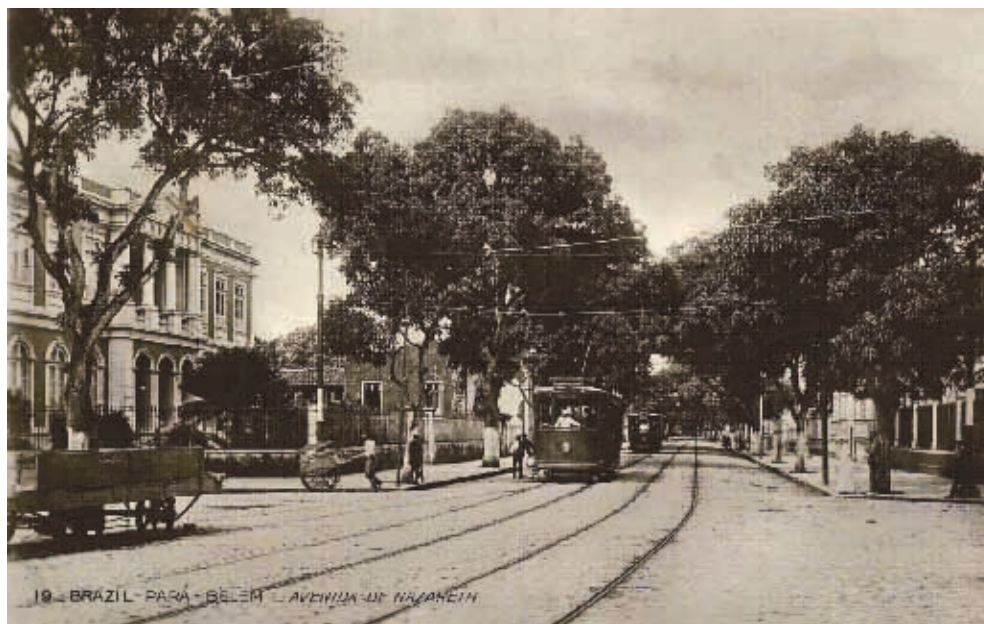
É retumbante a repercussão do êxito da campanha. Oswaldo Cruz e João Coelho são, condignamente, festejados em elevadas mensagens de congratulações e aplauso expedidas pela Academia Nacional de Medicina¹¹⁸, pelas duas casas do Legislativo do Pará¹¹⁹, pela bancada paraense da Câmara Federal¹²⁰ e pelas colônias estrangeiras aqui sediadas. Estas, são particularmente pródigas de

¹¹⁸ ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. Extinção da febre amarela no Pará. *Brazil-Médico*, v. 25, n. 42, p. 424, 1911. Associações científicas.

¹¹⁹ HOMENAGENS ao Dr. Oswaldo Cruz no Congresso Estadual. *Estado do Pará*, Belém, ano 1, n. 192, 18 de outubro de 1911, quarta-feira, p. 1.

¹²⁰ SALES GUERRA, 1940, p. 567.

manifestações de gratidão e apreço ao insigne governante, cuja lucidez e nobreza de espírito permitiram livrá-las do temido espantinho da febre amarela. O comércio português oferece-lhe como testemunho de reconhecimento a mansão situada à Travessa Quintino Bocaiúva esquina com a Avenida Nazaré (hoje prédio-sede da Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém – CODEM), mas a oferta é “[...] peremptoriamente recusada”¹²¹.



A Avenida Nazaré vista do cruzamento com a Tv. Quintino Bocaiúva, olhando para o lado da Praça da República. À esquerda, o prédio ofertado pelo comércio português ao Dr. João Coelho como prova de gratidão pela extinção da epidemia local de febre amarela. Corresponde hoje ao edifício-sede da CODEM. O honrado governante recusou-se, decisivamente, a aceitá-lo.

Reprodução de cartão postal pertencente ao acervo H. Fraiha. Editor: Eduardo A. Fernandes, Livraria Alfacinha, Rua Conselheiro João Alfredo, 96. Fotógrafo: M. Pugi. Union Postale Universelle, Brazil. Bilhete postal número 19. Editado em 1911, segundo Chermont de Miranda¹²².

A PROFILAXIA DEFENSIVA

Acatando a sábia recomendação de Oswaldo Cruz, João Coelho faz expedir decreto extinguindo a Comissão de Profilaxia agressiva e constituindo a de Profilaxia Defensiva da febre amarela, sob a direção de Francisco Ottoni Maurício de Abreu. É o seguinte o teor do documento:

¹²¹ BRITTO; CARDOSO, 1973, p. 100.

¹²² CHERMONT DE MIRANDA, 1986, p. 71.

DECRETO n. 1.831-A de 16 de outubro de 1911.

«Extingue a comissão de prophylaxia da febre amarella e constitue a de prophylaxia defensiva da mesma molestia».

O governador do Estado, tomando em consideração o que lhe expôz, em officio desta data, o sr. dr. Oswaldo Cruz, chefe da comissão de prophylaxia da febre amarella nesta capital; e

Considerando a ausencia durante os ultimos 178 dias de qualquer manifestação daquella molestia, auctoriza affirmar estar extincta a febre amarella em Belém, mas;

Considerando a necessidade de ter mantido, na cidade e no porto, um serviço de prophylaxia defensiva, que deverá permanecer em actividade até que cessem as probabilidades de infecção, decreta:

Art. 1º - É extincta a comissão creada em virtude do decreto n. 1.732 de 8 de novembro do anno passado para libertar a cidade dessa molestia infectuosa.

Art. 2º - Fica constituída uma nova comissão, de prophylaxia defensiva contra a febre amarella, a qual permanecerá em actividade até que cessem as probabilidades de infecção.

Art. 3º - A nova comissão será composta de um inspector geral, cinco inspectores sanitarios e um administrador, funcionarios estes nomeados pelo governador, que perceberão os vencimentos constantes da tabela que a este vae annexa.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario de Estado do interior, justiça e instrução publica, assim o faça executar.

Palacio do governo do Estado do Pará, 16 de outubro de 1911. (assignado) João Antonio Luiz Coelho e Augusto Olympio de Araujo e Souza.¹²³



Para comporem a comissão de prophylaxia defensiva, o sr. dr. governador nomeou os seguintes funcionarios: inspector geral, dr. Francisco Ottoni Mauricio de Abreu, inspectores sanitarios, drs. Abel Tavares de Lacerda, Angelo Moreira da Costa Lima, Emydio José de Mattos, Jayme Aben-Athar e Ageleu Domingues; administrador, dr. Theophilo Ottoni Maricio de Abreu.

A tabella dos vencimentos do pessoal desta comissão é a seguinte: 1 inspector geral, 3:000\$ papel; 5 inspectores sanitarios a 1:000\$, 5:000\$; 1 administrador, 1:000\$; 1 medico da saude do porto, 500\$.

Dispenderá mensalmente, o governo, com todo o pessoal, a quantia de 9:500\$.

Todos os nomeados servirão em comissão.¹²³

¹²³ PROPHYLAXIA defensiva contra febre amarella. **Estado do Pará**, Belém, ano 1, n. 196, 22 de outubro de 1911, domingo, p. 1.

As medidas de proteção compreendem, agora, segundo exposição do Chefe do Executivo:¹²⁴

- 1º) Medidas prophylacticas permanentes, que têm por objecto o exterminio ou a diminuição do mosquito, agente transmissor (expurgo e policia de fócios).
- 2º) Medidas preventivas, que se referem, no momento da chegada, aos navios procedentes de portos infectados (expurgo marítimo) e á vigilancia medica, em terra, dos passageiros destes navios, desde que estejam elles em condições de receptividade em relação á febre amarella.
- 3º) Isolamento dos doentes desembarcados no porto.

A comissão inicia desde logo os seus trabalhos.



REFLEXOS FINANCEIROS

A sessão de 23 de outubro da Câmara dos Deputados é marcada por vibrante discurso do parlamentar Bento Miranda, defendendo o Governo de sérias acusações ao seu orçamento partidas do Deputado Chermont de Miranda.

Em sua oração, revela dados interessantíssimos que merecem ser aqui transcritos:

E aqui, sr. presidente, é necessario chamar a atenção da Camara para o facto culminante da actualidade e do benemerito governo do sr. dr. João Coelho. Quero referir-me á obra imperecível da erradicação da febre amarella entre nós, obra fecunda em grandiosos resultados para o nosso Estado.

Custou-nos 1.800:000\$ *, já pagos, que ficaram aquem das previsões orçamentarias do eminente bacteriologista brasileiro, que havia orçado o serviço em 2.400:000\$; de modo que póde-se affirmar que o desequilibrio das finanças estadoaes é devido, na sua maior importancia, ao serviço de prophylaxia da febre amarella, pago com os recursos do thesouro.

A lei por nós votada, em 5 de novembro do anno passado, reza no seu art. 4º: - Para occorrer ás despesas com o serviço de prophylaxia, acima referido, fica o governador do Estado auctorizado a abrir os creditos necessarios e a fazer as operações de credito, si achar conveniente.

S. exc. não fez operação de credito, teve portanto de prover aos serviços da comissão com as rendas ordinarias. [...]

Vêm, a camara e o meu illustre colega, que as censuras trazidas por s. exc., a esta casa, não procedem, apezar da sua apparencia de verdade, mesmo porque ter *deficit* em orçamentos nunca foi crime de governo algum; [...]¹²⁵

¹²⁴ PARÁ, 7 de setembro de 1912, p. 48-49.

* Mil e oitocentos contos de réis.

¹²⁵ FINANÇAS do Estado. **Estado do Pará**, Belém, ano 1, n. 205, 31 de outubro de 1911, terça-feira, p. 1.

Eis o grande mérito de João Coelho: o déficit orçamentário bem diz da bravura com que levara a bom termo a campanha, apesar da pronunciada crise financeira em que se batia o Estado em decorrência da desvalorização da borracha.

Administradores de medíocre alcance visual e pouco preocupados com o futuro – ponderava o *Jornal do Comércio*, da tarde, não hesitariam sob a impressão do Tesouro depauperado, em expedir ordem para suspensão do humanitário serviço profilático, por falta de verba. Não seria, de resto, a primeira vez que os cortes nos orçamentos da higiene e da instrução pública fossem as primeiras medidas tomadas em alguns Estados contra os apuros de uma precária situação financeira.¹²⁶

João Coelho assumiria, porém, a atitude mais nobre, conquanto temerária, visando, obstinadamente, garantir o êxito da campanha.

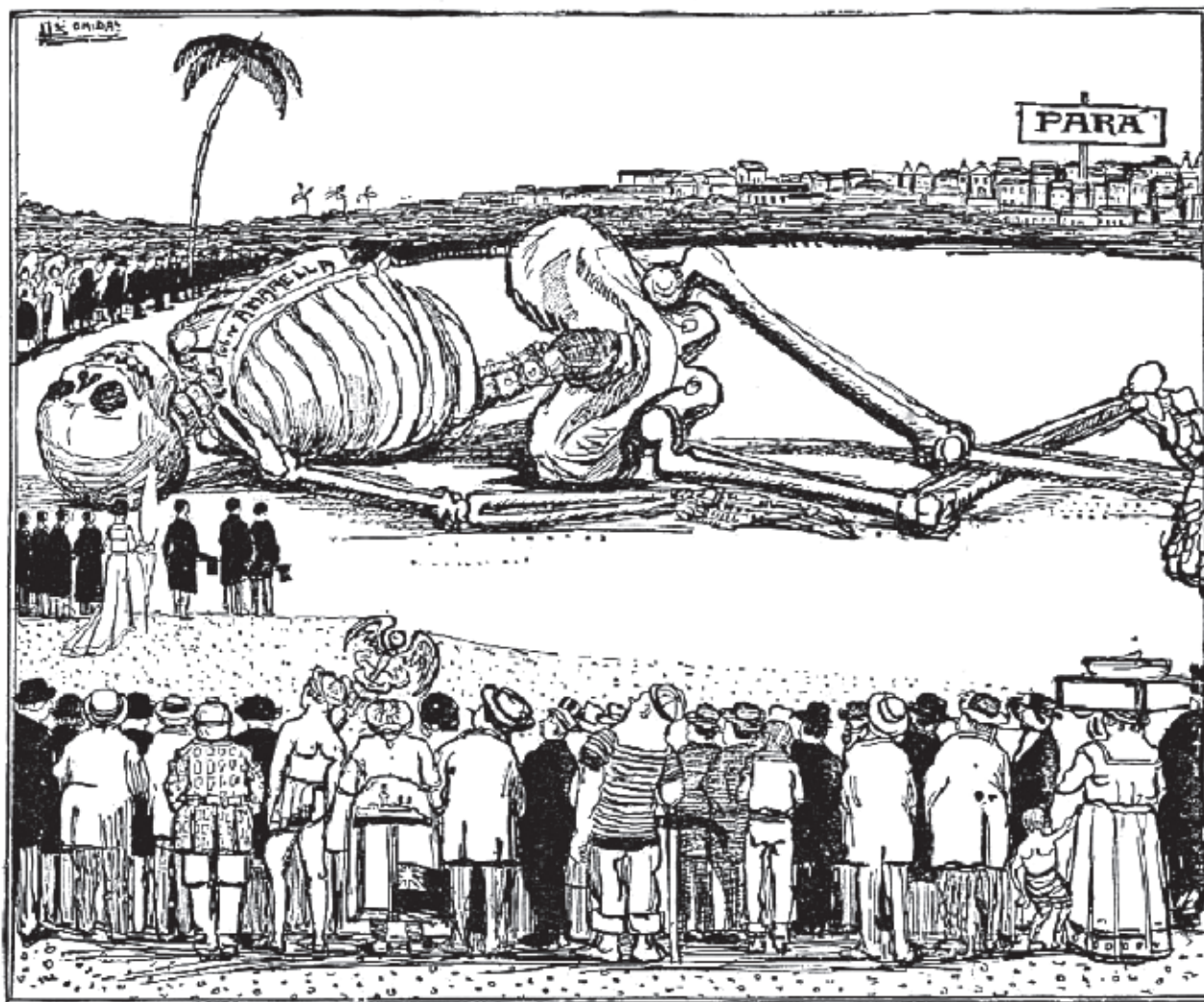


O Governador João Coelho. Efégie em bronze de autoria do gravador Stefano Johnson, de Milão. Dimensões: 16,1 x 16,2 cm. Propriedade da Dra. Vera Tatiana Coelho de Souza Barros, bisneta do notável governante. Reprodução autorizada para a presente edição.

¹²⁶ SALES GUERRA, 1940, p. 513.

NO PARÁ

« Belém, 25 de Outubro—O consul norte americano congratulou-se com o Dr. governador do Estado, pelo triumpho obtido na campanha contra a febre amarella, dizendo que essa grandiosa obra, que abriu o porto do Pará ao commercio estrangeiro, foi um grande passo para o progresso e desenvolvimento do Estado. [Telegramma dos jornaes]



Homêragem d'O Malho ao illustre governador do Pará, Dr. João Coelho e ao Dr. Oswaldo Cruz, pela obra meritoria do saneamento do Pará, inicio de uma era nova de engrandecimento para essa região, até agora tão descurada pelos poderes da Republica.

Fugindo à regra da crítica mordaz ao poder público e aos políticos brasileiros, a revista humorística *O Malho* rende expressiva homenagem ao Governador João Coelho e a Oswaldo Cruz pela brilhante vitória sobre o gigantesco flagelo da febre amarela em Belém.

Reproduzida de Falcão (1971, p. 223).

O PAVILHÃO OSWALDO CRUZ

Apesar da rigorosa vigilância, Belém ainda está sujeita à importação de casos de febre amarela. Quinze doentes desembarcam na capital, todos em pleno período infectante, durante 1911¹²⁷.

Para proceder ao isolamento dos casos importados, o Governo reserva um pavilhão anexo ao Hospital Domingos Freire, pavilhão que, pelo Decreto n. 1889, de 26 de abril de 1912, é denominado Oswaldo Cruz, em homenagem ao grande saneador¹²⁸.



SANTARÉM E ÓBIDOS. ÚLTIMOS REFLEXOS

Os trabalhos da Comissão não hão de ficar restritos à capital. Em meados de abril, por determinação do Governo do Estado, instala-se a campanha de combate à febre amarela em Santarém^{129, 130, 131} e, mais tarde, também em Óbidos¹³². Costa Lima tem, em ambos os municípios, destacada atuação.



Operação de expurgo no município de Óbidos, no interior do Pará.
Do acervo da COC/Fiocruz. Reprodução autorizada para a presente edição.

¹²⁷ PARÁ, 7 de setembro de 1912, p. 47.

¹²⁸ Id. *Ibid.*, p. 49.

¹²⁹ O GOVERNADOR do Estado vae livrar Santarem da febre amarella. **A Capital**, Belém, ano 1, n. 89, 11 de abril de 1911, quinta-feira, p. 1.

¹³⁰ SEGUE para Santarém a comissão de prophylaxia chefiada pelo dr. Mauricio de Abreu. **A Capital**, Belém, ano 1, n. 92, 14 de abril de 1911, domingo, p. 1.

¹³¹ SEGUE para Santarém a comissão de prophylaxia chefiada pelo dr. Mauricio de Abreu. **A Capital**, Belém, ano 1, n. 94, 16 de abril de 1911, terça-feira, p. 1.

¹³² BLOCH, 1968, p. 88.



Ângelo Moreira da Costa Lima, um dos médicos auxiliares de Oswaldo Cruz na campanha no Pará. Anos mais tarde desenvolveria uma obra monumental no campo da Entomologia, que o consagraria como um dos maiores vultos da Ciência em nosso país (BLOCH, 1968, p. 89, 114, 115, 117).

Do acervo da COC/Fiocruz. Reprodução autorizada para a presente edição.

Lentamente se vai consolidando a extinção da moléstia em todo o território paraense. Até que, em julho de 1913, atingido esse escopo, voltam para o Rio de Janeiro os inspetores sanitários trazidos de Manguinhos¹³³, levando consigo os últimos reflexos da ação de Oswaldo Cruz contra a febre amarela neste Estado.

¹³³ BLOCH, 1968, p. 36, 97.

Hoje, medalhas comemorativas da campanha, particularmente raras, e uma rua da capital do Estado, esforçam-se, quase inutilmente, por manter vivos na lembrança do povo paraense esses episódios tão venturosos quanto relevantes. Poucos são os que, realmente, se dão conta de suas origens históricas.



AS MEDALHAS COMEMORATIVAS



Anverso e reverso da medalha de bronze comemorativa da campanha contra a febre amarela em Belém, homenagem aos médicos auxiliares. Belíssimo trabalho do escultor e gravador francês Louis Desvignes, Rue de la Sevigne, Paris. O exemplar acima pertenceu ao cientista paraense Prof. Jayme Aben-Athar e hoje faz parte do acervo H. Fraiha, graças a generosa oferta de familiares do insigne mestre, Sra. Cordélia Aben-Athar Ivo, Dr. Antonio Emiliano Romano, Sra. Guiomar Kastrup Romano e Dr. Iberê Romano, em 17/05/1970.

Constituem das mais belas e expressivas manifestações da nossa Medalhística.

Características: bronze, com contraste; 60 mm de diâmetro; 88 gramas.

Descrição – *Anverso*: Na orla, a inscrição CAMPANHA CONTRA A FEBRE AMARELLA EM BELEM PARÁ. No exergo, 1911-1912 *. No campo, alegoria que lembra a figura mitológica de Hércules ao lado de um monstro abatido, vendo-se a distância as criptas do Mercado de Ferro, do Ver-o-Peso, em Belém, e os mastros de vigilengas. À direita, em pequeninos caracteres, a assinatura do gravador L. Desvignes.

* Entendemos que mais certo seria 1910-1912, visto que a campanha iniciou em novembro de 1910.

Reverso: Um listel, ou pergaminho, parcialmente distendido, divide o campo em duas partes: acima, vista portuária de Belém, emoldurada por açazeiros, palmeiras típicas da região. Abaixo, uma corruptela do escudo do Pará e, à direita, novamente o nome do gravador. No listel, a inscrição AOS MEDICOS AUXILIARES.



O Prof. Jayme Aben-Athar. Retrato a óleo sobre tela de autoria da pintora paraense Antonieta Santos Feio, mandado executar a fim de integrar a pinacoteca do Salão Nobre da Congregação da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará. Hoje faz parte do acervo de Artes do Museu da Universidade Federal do Pará.

Reprodução especialmente autorizada para esta edição em 03/11/2010.

Existem quatro réplicas cunhadas em 1972 pela Casa da Moeda do Brasil, no Rio de Janeiro, por sugestão nossa ao Dr. Oswaldo Cruz Filho, então Presidente da Fundação Instituto Oswaldo Cruz. Duas delas para o acervo da própria Fiocruz e duas outras para integrar a coleção H. Fraiha de medalhas do Pará. Os cunhos originais haviam sido localizados por este último, graças à generosa acolhida de D. Emília Bustamante, na Biblioteca do Instituto em Manguinhos. As réplicas não possuem inscrição no listel do reverso.



Fotografia: H. Fraiha

Anverso e reverso de uma das réplicas cunhadas em 1972 pela Casa da Moeda do Brasil por solicitação da Presidência da Fiocruz. Listel do reverso anepígrafe, como no cunho original então localizado.

Exemplar do acervo H. Fraiha.

Segundo o jornal *Folha do Norte*, de 7 de outubro de 1912, as medalhas foram mandadas cunhar pelo próprio Dr. Oswaldo Cruz para homenagear os médicos que o auxiliaram na campanha em Belém. Aos residentes em Belém as medalhas correspondentes foram entregues a 7 de outubro de 1912, quando da passagem por esta capital da hoje célebre comissão científica integrada pelos Drs. Carlos Chagas, Pacheco Leão e João Pedroso, incumbida do estudo das condições médico-sanitárias do vale do Amazonas¹³⁴, a interesse da Superintendência da Defesa da Borracha.

E o Inspetor Geral, os Inspetores Sanitários, o Administrador e outros membros da equipe de escol, não teriam sido, igualmente, contemplados com medalha? Acreditávamos que sim. Parecia-nos

¹³⁴ AS MEDALHAS comemorativas da extinção da febre amarela em Belém. *A Capital*, Belém, ano 1, n. 267, 8 de outubro de 1912, terça-feira, p. 2.

bastante sugestiva disso a anepigrafia do reverso na matriz da medalha. Conjeturamos a respeito na primeira edição desta obra. Vinte e quatro anos depois logramos confirmá-lo, ao constatar a existência de um exemplar em prata contrastada, de homenagem nominal ao Inspetor Sanitário Dr. Caetano da Rocha Cerqueira. Desconhece-se hoje a razão de haver esta peça permanecido em poder de Oswaldo Cruz. Terá sido um modelo recusado por falta de recursos financeiros para a cunhagem em prata dos sete exemplares destinados aos Inspetores? O certo é que a medalha destinada a Caetano Cerqueira terminou sendo generosamente ofertada, em nome da família Oswaldo Cruz, para integrar o acervo H. Fraiha de medalhas do Pará, em 17 de julho de 1996, pelo Prof. Eduardo Oswaldo Cruz, neto do saneador, em encontro pessoal na Academia Brasileira de Ciências, no Rio de Janeiro. A peça encontra-se em perfeito estado de conservação, ainda preservada no estojo original. Mede, igualmente, 60 mm de diâmetro e pesa 91,4 gramas. No listel, a inscrição D^e CAETANO DA R. CERQUEIRA.



Fotografia: H. Fraiha

Anverso e reverso da medalha de prata destinada ao Inspetor Sanitário Dr. Caetano da Rocha Cerqueira. Exemplar do acervo H. Fraiha.





Prof. Eduardo Oswaldo Cruz
 The Mill House
 Naunton (Cheltenham)
 Glos.
GL54 3AF
 England
 Phone & FAX (01451) 850 052
 E-Mail kk030 @ cran.ac.uk

Thursday, August 08, 1996

Dr. Habib Fraiha Neto
 Av. Generalissimo Deodoro, 805 apto. 602.
 Umarizal. 66050 Belém PA.
 Brasil.

Caro colega

Foi com enorme satisfação que finalmente, decorridos vários anos de profícuo intercâmbio com a Universidade Federal do Pará finalmente surgiu a oportunidade de conhece-lo pessoalmente.

Meus pais que tiveram a satisfação de conhece-lo por ocasião das comemorações da erradicação da febre amarela no Pará realizadas em 1972, sempre me recomendaram procura-lo quando de minhas estadias em Belém. Finalmente graças as providências tomadas por meu caro Cristovam Wanderley Picanço Diniz foi finalmente estabelecido este tão almejado contato e resta-me agora apenas me lamuriar de não ter sido feito antes.

Apesar dos entusiasticos relatos de meu pai confesso ter sido uma surpresa constatar a magnitude e diversidade de sua coleção de medalhas comemorativas e outros itens relacionados com o estado do Pará.

Foi portanto com enorme satisfação que entreguei-lhe peças pertencentes a meu avô, meu pai e minhas, na certeza de que não poderiam estar em melhores mãos.

Infelizmente não posso prestar qualquer esclarecimento qual o motivo que levou a medalha comemorativa, cunhada em prata, não ter sido entregue ao agraciado, tendo permanecido em posse de meu avô. Teria ela sido um prova de cunhagem em prata enquanto que as demais foram produzidas em bronze? Outras medalhas pertenceram a meu pai, as da Universidade do Brasil pertenceram a um professor aposentado e a comemorativa da fundação do CNPq foi-me outorgada na ocasião.

Colocando-me a seu inteiro dispor no que puder ser útil aqui no Reino Unido ou na Europa Continental, na procura e aquisição de material, informação bibliografica ou qualquer outra atividade congenere.

Aceite um grande abraço de seu colega e admirador de sua obra de preservação da memória pátria.

Eduardo Oswaldo Cruz

Correspondência do Dr. Eduardo Oswaldo Cruz ao autor, formalizando a generosa doação da medalha de prata destinada ao Dr. Caetano Cerqueira e de outras peças do acervo da família Oswaldo Cruz.

A RUA OSWALDO CRUZ

Por determinação do Legislativo Municipal de Belém, deu-se o nome de OSWALDO CRUZ à tradicional Avenida da Liberdade¹³⁵, que vai da Av. Presidente Vargas à Tv. Piedade, limitando ao norte a Praça da República.



Fotografias: H. Fraiha



A Rua Oswaldo Cruz, em Belém do Pará. Foto recente tomada do cruzamento com a Av. Assis de Vasconcelos. À esquerda, detalhe da Praça da República.

¹³⁵ CRUZ, Ernesto. **Ruas de Belém**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970, p. 103-104.

O MONUMENTO E SUA TRISTE SINA

Havia ainda um monumento, artístico busto em bronze de Oswaldo Cruz executado a 7 de setembro de 1935 pela Fundação Cavina no Rio de Janeiro. Repousava sobre pedestal de granito localizado à Praça Amazonas, de frente para o presídio São José¹³⁶, este hoje transformado em museu de mineralogia e pólo joalheiro, sob a sugestiva denominação de São José Liberto.



O monumento a Oswaldo Cruz em Belém, quando ainda preservado (1972).

¹³⁶ CRUZ, Ernesto. **Monumentos de Belém**. Belém: Revista da Veterinária, 1945, v. 1, p. 211.

O pedestal exibia em sua superfície anterior um medalhão, também em bronze, com a efígie do Governador João Coelho em meio perfil à esquerda. Abaixo do medalhão, a inscrição em quatro linhas e em caracteres isolados:

ESTÁ ERRADICADA
A FEBRE AMARELLA
EM BELÉM
10.10.1911

Havia aí um pequeno equívoco. Esta memorável declaração de Oswaldo Cruz data de 16 e não de 10 de outubro. Nada, porém, que se não pudesse facilmente reparar.

Em agosto de 1972, quando das celebrações do centenário de nascimento do sábio higienista, lá estava o singelo monumento ainda bem preservado, atraindo um pequeno grupo de cultores da memória do maior dos brasileiros, a quem mais deve esta nação. Entre as autoridades presentes, o Dr. Oswaldo Cruz Filho, então Presidente da Fundação Instituto Oswaldo Cruz, acompanhado de sua esposa, D. Lucilla; os Drs. José Rodrigues da Silveira Netto, Rubens da Silveira Britto, Eleyson Cardoso, Miguel Cordeiro de Azevedo, Octávio Maroja e outras personalidades.

Ignorava-se, então, a triste sorte que em pouco tempo haveria de ter o monumento: primeiro, as letras de bronze retiradas, uma após outra, até perder-se, por completo, a razão de ser daquela bela homenagem, verdadeira obra de arte. O busto era, efetivamente, dos mais belos e representativos da extensa iconografia do eminente cientista.

Anos depois, empenhávamo-nos em campanha pela eleição da Praça Amazonas, em processo de escolha pública de mais um logradouro a ser restaurado pela Prefeitura Municipal em parceria com a empresa privada Sol Informática. Pretendíamos colaborar, voluntariamente, com os responsáveis pela reforma da praça, assessorando-os no processo de restauro do monumento. Não contávamos que esse haveria de ser, precisamente, o começo do fim. Uma vez alcançada a vitória tão ansiada e cercado de tapumes o logradouro para o início das obras, logo veríamos divulgada pela imprensa, a 17 de outubro de 2004, desconcertante notícia do furto do busto em bronze e do medalhão. O fato de anteriormente haverem sido surrupiados os bustos de Rui Barbosa e do Barão do Rio Branco, de outra praça de Belém, não fora suficiente para que a administração pública municipal cercasse de cuidados especiais o monumento a Oswaldo Cruz, para que não tivesse igual sorte.



Fotografia: H. Fraiha

O monumento, após o furto. A peanha, de granito, irremediavelmente "lapidada".

À irresponsabilidade daquela gestão municipal, seguiu-se ainda outra desdita. Restaurado o monumento na gestão subsequente, eis que surge o resultado de um trabalho em tudo mal sucedido: nenhuma legenda alusiva a Oswaldo Cruz, esculturas incapazes de identificá-lo, nenhuma referência à razão de ser ele homenageado em Belém e, por último, em lugar do medalhão de João Coelho, outra pretensa imagem do saneador, grotesca, mais irreconhecível ainda, muito mais para Albert Einstein que para o grande higienista brasileiro.

Impossível conter a indignação ante a irresponsabilidade, a insensibilidade, o descaso com o patrimônio público, a incompetência no trato com as coisas da memória histórica.

Eis as imagens do novo monumento, tomadas em abril de 2010:



Fotografias: H. Fraiha

O monumento em sua feição atual. Autêntico arremedo. Nenhuma legenda alusiva a Oswaldo Cruz, a João Coelho ou à campanha de profilaxia da febre amarela. O que deveria ser o medalhão de João Coelho é, agora, outra pretensa efígie de Oswaldo Cruz. Alguém o reconhece aí?

Que venham melhores dias para Belém e para o nosso Estado e possamos ver ainda, um dia, toda essa desdita adequadamente reparada.



À GUISA DE CONCLUSÕES



À GUISA DE CONCLUSÕES

Decerto dirão alguns que a vitória de Oswaldo Cruz não foi, aqui, definitiva. O vetor urbano da febre amarela voltou a ser introduzido em Belém, condicionando transmissão. Em 1929, registraram-se 12 casos de infecção contraída na própria capital do Estado. Nos dois anos subsequentes, mais oito casos¹³⁷. Os receios do sábio saneador, de que o afrouxamento da vigilância implicaria risco de reintrodução do mosquito e da doença, eram fundados e terminaram se concretizando. Graças, porém, à pronta intervenção do Serviço de Febre Amarela, fruto de acordo de cooperação firmado, precisamente naquele ano, entre a Fundação Rockefeller e o Governo brasileiro¹³⁸, estes seriam os últimos casos confirmados de febre amarela urbana em Belém. Anos após esse episódio, o vetor seria uma vez mais eliminado. Seus últimos focos no Pará seriam encontrados e exterminados entre abril e maio de 1948¹³⁹.

Contam-se, pois, 80 anos sem um único caso autóctone de febre amarela em Belém, graças a sorte nossa, mas também à competência de nossos sanitaristas, que muito aprenderam com os métodos e a tenacidade de Oswaldo Cruz.

Do ponto de vista da saúde pública, temos, portanto, o que celebrar. Apesar da presença ameaçadora do *Aedes aegypti*, reintroduzido no Brasil na década de 60^{140, 141} e hoje, incontrolavelmente, disseminado em toda a extensão territorial de nosso país, não se registram casos de febre amarela urbana em Belém desde os primórdios da década de 30.

As gerações de hoje são, portanto, ainda beneficiárias dessas ações.



Aproxima-se o 16 de outubro de 2011, data centenária da célebre proclamação de Oswaldo Cruz ao Governo do Estado, de que estava erradicada a febre amarela de Belém. Realizam-se *démarches* junto ao poder público, à mídia e a instituições de pesquisa e ensino superior, com vistas a uma celebração condigna deste transcurso.

¹³⁷ BRITTO; CARDOSO, 1973, p. 119, 126-127.

¹³⁸ Id. *Ibid.*, p. 112, 116.

¹³⁹ Id. *Ibid.*, p. 127, 152.

¹⁴⁰ FRAIHA, Habib. Reinfestação do Brasil pelo *Aedes aegypti*. Considerações sobre o risco de urbanização do vírus da febre amarela silvestre na região reinfestada. *Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo*, v. 10, n. 5, set./out. 1968, p. 152.

¹⁴¹ BRITTO; CARDOSO, 1973, p. 152.

Algumas constatações devem ser aqui consideradas: a memória da campanha, praticamente perdida na névoa do tempo e do descaso; a gratidão dos paraenses ao grande saneador, completamente descurada; a figura do insigne governante, igualmente condenada ao mais injusto esquecimento. De nada valeram os esforços envidados. O monumento resta agora emudecido em seu propósito maior. Todas as homenagens um dia tributadas a João Coelho foram, insensivelmente, apagadas: já foi ele nome de município no interior do Pará, depois mudado para Santa Izabel do Pará; já foi também nome de logradouro na Praça da República... e quem disso hoje se dá conta? Três obras historiográficas da campanha^{142, 143, 144}, editadas na década de 70 com tiragem muito limitada, restam hoje ignoradas nas estantes, sem merecer maior atenção dos destinatários da informação – as novas gerações.

Paciência! Memória e cultura não enchem barriga, dirão os pragmáticos defensores do interesse da maioria, ainda tão carente de que lhe sejam assegurados, ao menos, seus direitos fundamentais de educação, saúde e segurança pública, previstos na Constituição como dever do Estado.

Insistimos, porém, no desafio aos moinhos de vento, perseguindo a realização dos ideais de civismo e amor à pátria, indelevelmente inculcados na alma e no espírito desde os bancos escolares. Mesmo conhecendo os riscos de atrair a dura pecha de elitismo, tão em voga e de tão grande efeito nestes dias, continuaremos a fazer a nossa parte, tentando reverter o lamentável estado de coisas acima refletido.

A presente edição é comemorativa do centenário. A sensibilidade e o arrojo da Direção do Instituto Evandro Chagas e de sua Editoração viabilizam este sonho há muito acalentado. Honra e glória aos heróis concelebrados nestas páginas. Que nossa gente desperte, em definitivo, para a impagável dívida de gratidão a Oswaldo Gonçalves Cruz, o imortal saneador desta cidade, e a João Antonio Luiz Coelho, o honrado e destemido governante que aqui o trouxe e que tão bem soube enfrentar, com a envergadura de um estadista, o gigantesco desafio representado pela debacle da borracha, assegurando-lhe os recursos indispensáveis à consumação do êxito da campanha.

Belém, julho de 2011.

O autor



¹⁴² FRAIHA, Habib. **Oswaldo Cruz e a febre amarela no Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1972. 119 p.

¹⁴³ AMARAL COSTA, Carlos Alberto. **Oswaldo Cruz e a febre amarela no Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973. 394 p. Coleção História do Pará. Série Arthur Vianna.

¹⁴⁴ BRITTO; CARDOSO, 1973, 241 p.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- A FEBRE amarella: a comissão sanitaria de prophylaxia da febre amarella á população de Belém. **A Provincia do Pará**, Belém, ano 35, n. 10.974, 11 de novembro de 1910, sexta-feira, p. 1.
- A FEBRE amarella: a comissão sanitaria de prophylaxia da febre amarella á população de Belém. **Folha do Norte**, Belém, ano 15, n. 4.684, 11 de novembro de 1910, sexta-feira, p. 1. Seção Gazetilha.
- A FEBRE amarella. **A Provincia do Pará**, Belém, ano 35, n. 10.971, 8 de novembro de 1910, terça-feira, p. 1.
- A FEBRE amarella. **A Provincia do Pará**, Belém, ano 35, n. 10.796, 13 de novembro de 1910, domingo, p. 1.
- A FEBRE amarella. **A Provincia do Pará**, Belém, ano 35, n. 10.977, 14 de novembro de 1910, segunda-feira, p. 2.
- A FEBRE amarella. **A Provincia do Pará**, Belém, ano 35, n. 10.981, 18 de novembro de 1910, sexta-feira, p. 1.
- A FEBRE amarella. **A Provincia do Pará**, Belém, ano 35, n. 10.994, 1 de dezembro de 1910, quinta-feira, p. 1.
- A FEBRE amarella. **A Provincia do Pará**, Belém, ano 35, n. 11.036, 12 de janeiro de 1911, quinta-feira, p. 2.
- ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. Extinção da febre amarela no Pará. **Brazil-Medico**, v. 25, n. 42, p. 424, 1911. Associações científicas.
- ACTOS e decisões de 1910. Belém: Imprensa Official do Estado do Pará, 1913. 189 p.
- AMARAL COSTA, Carlos Alberto. **Oswaldo Cruz e a febre amarela no Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973. 394 p. Coleção História do Pará. Série Arthur Vianna.
- AS MEDALHAS commemorativas da extinção da febre amarella em Belém. **A Capital**, Belém, ano 1, n. 267, 8 de outubro de 1912, terça-feira, p. 2.
- BLOCH, Pedro. **Vida e obra de Ângelo Moreira da Costa Lima**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Pesquisas, 1968. 129 p.
- BRITTO, Rubens da Silveira; CARDOSO, Eleyson. **A febre amarela no Pará**. Belém: SUDAM, 1973. 241 p.
- CHERMONT DE MIRANDA, Victorino Coutinho. **A memória paraense no cartão-postal (1900-1930)**. Rio de Janeiro: Liney, 1986. 156 p.
- COLLECCÃO de Leis do Estado do Pará 1910. Belém: Imprensa Official do Estado do Pará, 1910. 88 p.

COMISSÃO DE PROPHYLAXIA DA FEBRE AMARELLA EM BELÉM. **[Ofício]** 1911 out. 16, ao Excelentíssimo Senhor João Coelho, Governador do Estado do Pará. Oswaldo Cruz comunicando estar erradicada a febre amarela de Belém e enfatizando a necessidade de manutenção de um serviço de vigilância capaz de impedir a reintrodução do mal. Localização: Acervo Dr. Eduardo Oswaldo Cruz.

CRUZ, Ernesto. **Monumentos de Belém**. Belém: Revista da Veterinária, 1945, v. 1, 394 p.

CRUZ, Ernesto. **Ruas de Belém**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970, 163 p.

CRUZ, Oswaldo Gonçalves. **Considerações geraes sobre as condições sanitarias do Rio Madeira**. Rio de Janeiro: Papelaria Americana, 1910. 44 p.

CRUZ, Oswaldo Gonçalves. Considerações geraes sobre as condições sanitarias do rio Madeira. In: **Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Afranio Peixoto: Sobre o saneamento da Amazônia**. Manaus: Philippe Daou, 1972. 205 p.

DEANE, Leonidas M. A cronologia da descoberta dos transmissores da malária na Amazônia brasileira. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, v. 84, supl. 4, p. 149-156, 1989.

DESAZENDO um embuste. **Folha do Norte**, Belém, ano 15, n. 4.686, 13 de novembro de 1910, domingo, p. 1.

DR. OSWALDO Cruz. **A Provincia do Pará**, Belém, ano 35, n. 10.969, 6 de novembro de 1910, domingo, p. 1.

DR. OSWALDO Cruz. **A Provincia do Pará**, Belém, ano 35, n. 10.970, 7 de novembro de 1910, segunda-feira, p. 1.

DR. OSWALDO Cruz. **A Provincia do Pará**, Belém, ano 35, n. 10.999, 6 de dezembro de 1910, terça-feira, p. 1.

DR. OSWALDO Cruz. **Folha do Norte**, Belém, ano 15, n. 4.550, 30 de junho de 1910, quinta-feira, p. 1.

DR. OSWALDO Cruz. **Folha do Norte**, Belém, ano 15, n. 4.680, 7 de novembro de 1910, segunda-feira, p. 1.

FARAN, Michael E. Mosquito studies (Diptera, Culicidae) XXXIV. A revision of the Albimanus Section of the subgenus Nyssorrhynchus of Anopheles. **Contributions of the American Entomological Institute**, v. 15, n. 7, p. 35-36, 1980.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A ferrovia do diabo**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2008. 400 p.

FINANÇAS do Estado. **Estado do Pará**, Belém, ano 1, n. 205, 31 de outubro de 1911, terça-feira, p. 1.

FRAIHA, Habib. **Oswaldo Cruz e a febre amarela no Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1972. 119 p.

FRAIHA, Habib. Reinfestação do Brasil pelo *Aedes aegypti*. Considerações sobre o risco de urbanização do vírus da febre amarela silvestre na região reinfestada. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, v. 10, n. 5, p. 289-294, set./out. 1968.

FRAIHA NETO, Habib; BRITTO, Rubens da Silveira. Malária. In: LINHARES, Alexandre da Costa (Org.). **Saúde na Amazônia**. 2. ed. rev. amp. São Paulo: ANPES, 1983. p. 17-36.

FRANCO, Odair. **História da febre-amarela no Brasil**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Endemias Rurais, 1969. 208 p.

GOELDI, Emilio Augusto. **Os mosquitos no Pará**. Belém: Wiegandt, 1905. 154 p.

HOMENAGEM ao dr. Oswaldo Cruz. **Estado do Pará**, Belém, ano 1, n. 191, 17 de outubro de 1911, terça-feira, p. 1.

HOMENAGENS ao Dr. Oswaldo Cruz no Congresso Estadual. **Estado do Pará**, Belém, ano 1, n. 192, 18 de outubro de 1911, quarta-feira, p. 1.

JUSTA homenagem. **A Província do Pará**, Belém, ano 36, n. 11.310, 17 de outubro de 1911, terça-feira, p. 1.

MORAIS RÊGO, Clóvis de. **Subsídios para a História da Assembléia Paraense**. Belém: Assembléia Paraense, 1969, p. 57-60.

NOTICIARIO. **A Província do Pará**, Belém, ano 36, n. 11.180, 8 de junho de 1911, quinta-feira, p. 2

NOTICIARIO. **A Província do Pará**, Belém, ano 36, n. 11.304, 11 de outubro de 1911, quarta-feira, p. 2.

O COMBATE á febre amarella. **A Província do Pará**, Belém, ano 35, n. 10.968, 5 de novembro de 1910, sábado, p. 1-2.

O GOVERNADOR do Estado vae livrar Santarem da febre amarella. **A Capital**, Belém, ano 1, n. 89, 11 de abril de 1911, quinta-feira, p. 1.

PARÁ. Governador (1909-1913: João Antonio Luiz Coelho). **Mensagem dirigida em 7 de setembro de 1909 ao Congresso Legislativo do Pará**. Belém: Imprensa Official do Estado do Pará, 1909. 156 p.

PARÁ. Governador (1909-1913: João Antonio Luiz Coelho). **Mensagem dirigida em 7 de setembro de 1910 ao Congresso Legislativo do Pará**. Belém: Imprensa Official do Estado do Pará, 1910. 268 p.

PARÁ. Governador (1909-1913: João Antonio Luiz Coelho). **Mensagem dirigida em 7 de setembro de 1911 ao Congresso Legislativo do Pará**. Belém: Imprensa Official do Estado do Pará, 1911. 287 p.

PARÁ. Governador (1909-1913: João Antonio Luiz Coelho). **Mensagem dirigida em 7 de setembro de 1912 ao Congresso Legislativo do Pará**. Belém: Imprensa Official do Estado do Pará, 1912. 303 p.

PARÁ. Governador (1909-1913: João Antonio Luiz Coelho). **Mensagem dirigida em 8 de maio de 1911 ao Congresso Legislativo do Pará reunido em sessão extraordinária**. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1911. 163 p.

PROPHYLAXIA da febre amarella. **Folha do Norte**, Belém, ano 15, n. 4.681, 8 de novembro de 1910, terça-feira, p. 1. Seção Gazetilha.

PROPHYLAXIA da febre amarella. **Folha do Norte**, Belém, ano 15, n. 4.685, 12 de novembro de 1910, sábado, p. 1. Seção Gazetilha.

PROPHYLAXIA da febre amarella. **Folha do Norte**, Belém, ano 15, n. 4.686, 13 de novembro de 1910, domingo, p. 1. Seção Gazetilha.

PROPHYLAXIA da febre amarella. **Folha do Norte**, Belém, ano 15, n. 4.708, 6 de dezembro de 1910, terça-feira, p. 1. Seção Gazetilha.

PROPHYLAXIA defensiva contra febre amarella. **Estado do Pará**, Belém, ano 1, n. 196, 22 de outubro de 1911, domingo, p. 1.

SALES GUERRA, Egidio. **Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro: Vecchi, 1940. 727 p.

SEGUE para Santarém a comissão de prophylaxia chefiada pelo dr. Mauricio de Abreu. **A Capital**, Belém, ano 1, n. 92, 14 de abril de 1911, domingo, p. 1.

SEGUE para Santarém a comissão de prophylaxia chefiada pelo dr. Mauricio de Abreu. **A Capital**, Belém, ano 1, n. 94, 16 de abril de 1911, terça-feira, p. 1.

THIELEN, Eduardo Vilela; SANTOS, Ricardo Augusto dos. Belisário Penna: notas fotobiográficas. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 9, n. 2, p. 387-404, maio-ago. 2002. [p. 393].

VIANNA, Arthur. **A Santa Casa da Misericórdia Paraense**: notícia histórica 1650-1902. Belém: Alfredo Augusto Silva, 1902. 386 p.

VIANNA, Arthur. **As epidemias no Pará**. Belém: Imprensa do Diário Oficial, 1906. 157 p.

FONTES DAS ILUSTRAÇÕES

FALCÃO, Edgard de Cerqueira. Oswaldo Cruz **Monumenta Histórica**: a incompreensão de uma época: Oswaldo Cruz e a caricatura. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1971. v. 1, p. 224. (Coleção Brasiliensia Documenta, 6).

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Oswaldo Cruz**: o médico do Brasil. São Paulo: Fundação Odebrecht; Fundação Banco do Brasil, 2003. 135 p. il. ISBN 85-85023-87-2.

GERODETTI, João Emilio; CORNEJO, Carlos. **Navios e portos do Brasil nos cartões-postais e álbuns de lembranças**. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2006. 220 p.

[HOMENAGEM ao herói saneador de Belém]. **A Província do Pará**, Belém, ano 36, n. 11.308, 15 de outubro de 1911, domingo, p. 1.

LIMA, Nísia Trindade; MARCHAND, Marie-Hélène (Org.) **Louis Pasteur & Oswaldo Cruz**: inovação e tradição em saúde. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; Fundação BNP Paribas Brasil, 2005. 340 p.

O MUNICÍPIO de Belém, 1906: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém Capital do Estado do Pará pelo Intendente Senador Antonio José de Lemos. Belém: Arquivo da Intendencia Municipal, 1907. 364 p.

O MUNICÍPIO de Belém, 1907: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém Capital do Estado do Pará pelo Intendente Senador Antonio José de Lemos. Belém: Arquivo da Intendencia Municipal, 1908. 291 p.

OLIVEIRA, Octavio G. de. **Oswaldo Cruz e suas atividades na Direção da Saúde Pública Brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1955. 55 p.

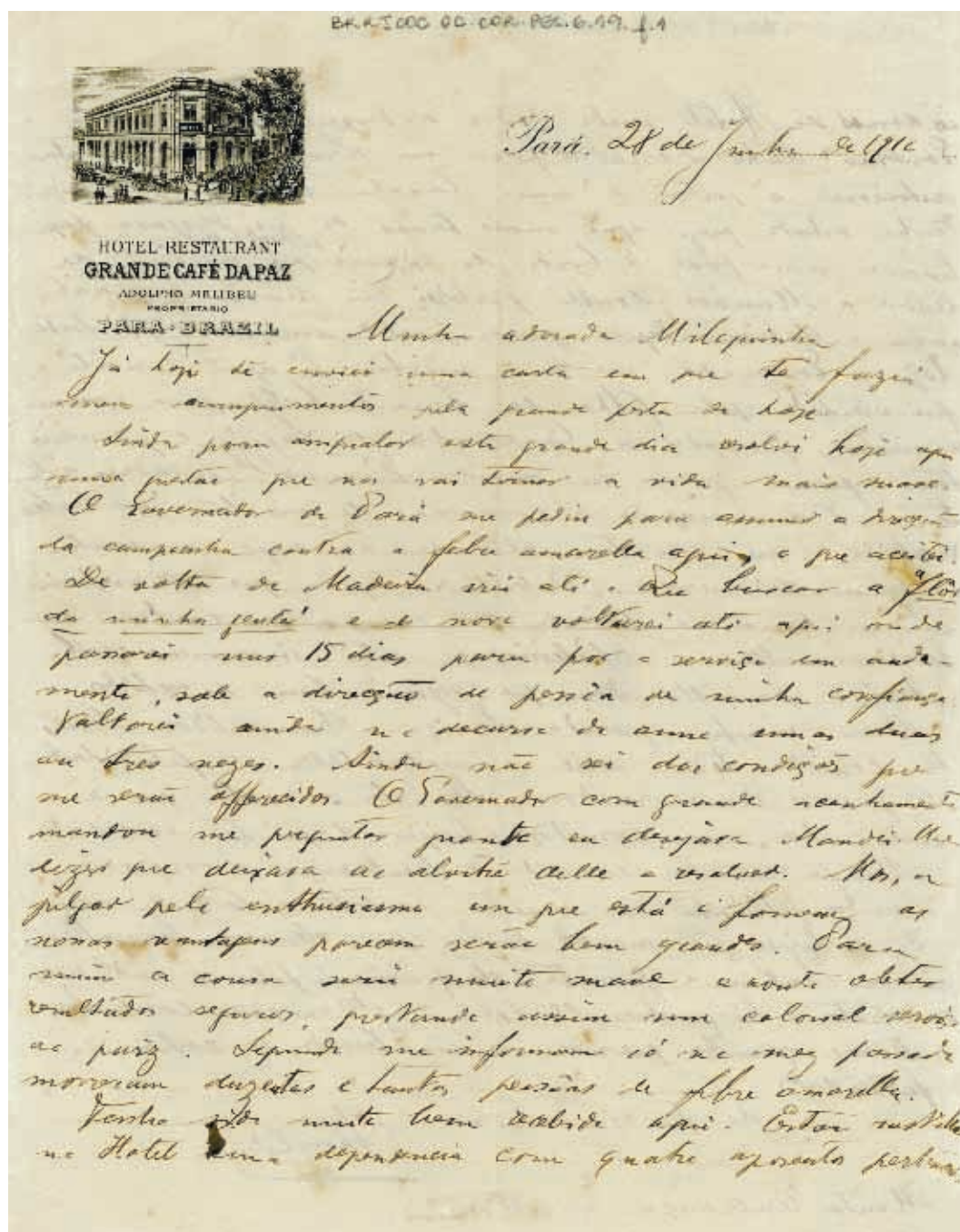
PARÁ. Governo do Estado (1897-1901) José Paes de Carvalho. **Album do Pará em 1899, na administração do Governo de Sua Excia o Senr. Dr. José Paes de Carvalho**. Berlim: Albert Damcke, [1899?]. 160 p. il.

PARÁ. Governo do Estado (1901-1909) Augusto Montenegro. **Album do Estado do Pará - 1908**: Mandado organizar por S. Ex. o Snr. Dr. Augusto Montenegro Governador do Estado: oito annos do Governo. Paris: Chaponet (Jean Cussac), [1909?]. 350 p. il.

SODRÉ, Emmanuel. **Lauro Sodré na História da República**. Rio de Janeiro: Emmanuel Sodré, 1970. 173 p.

ANEXOS

ANEXO A



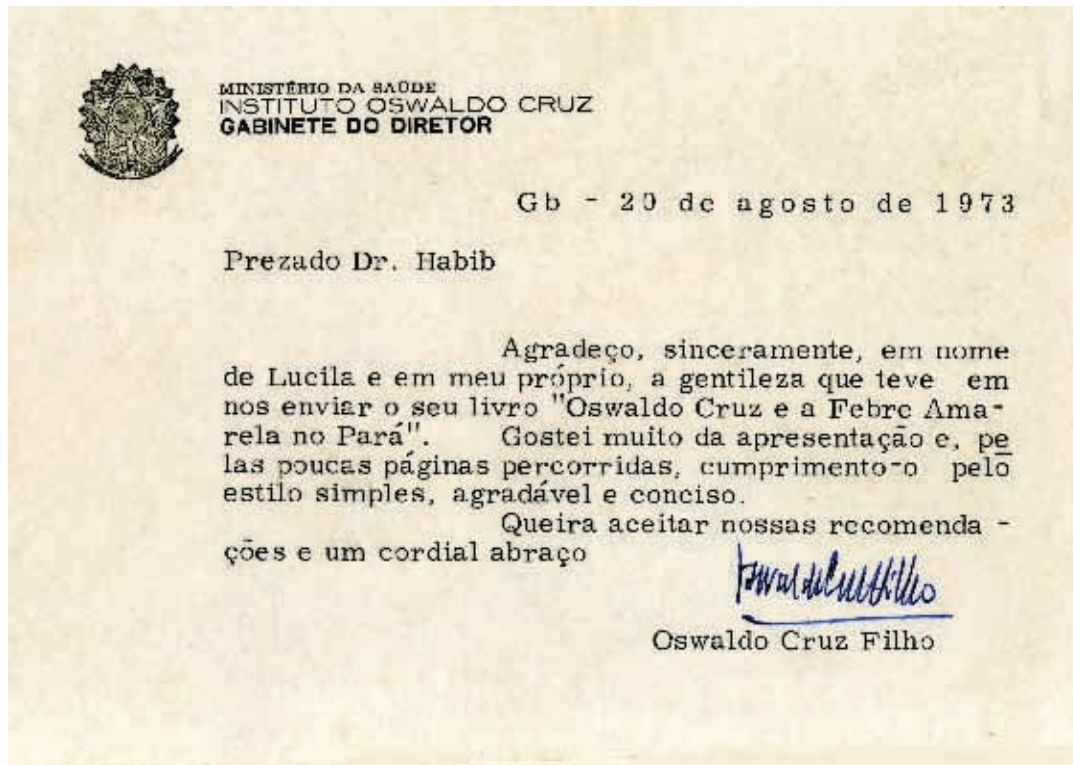
Carta de Oswaldo Cruz à esposa Miloca, datada de 28 de junho de 1910, após o acordo com o Governador do Pará de assumir a direção da campanha contra a febre amarela no Estado. Escrita em papel timbrado do Hotel Café da Paz. Reprodução autorizada pela COC/Fiocruz para a presente edição em 24 de janeiro de 2012.

ANEXO B



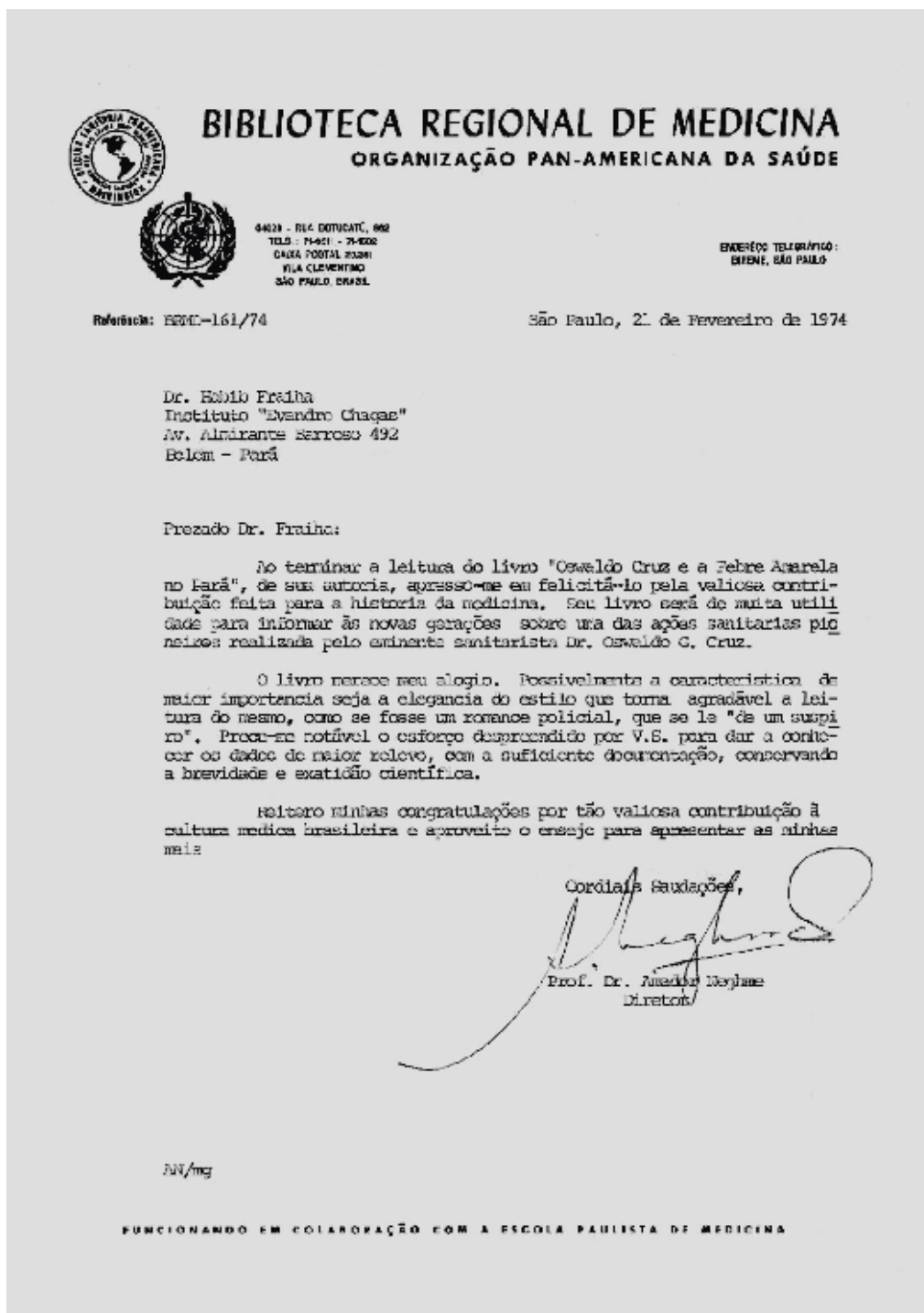
A capa da primeira edição.
Criação de Walter Menezes da Rocha.

ANEXO C



Mensagem do Dr. Oswaldo Cruz Filho, então Presidente da Fundação Instituto Oswaldo Cruz, a propósito da primeira edição.

ANEXO D



Mensagem do Prof. Dr. Amador Neghme, fundador da Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), ao autor deste livro, cumprimentando-o pela primeira edição.

ÍNDICE

ÍNDICE

A

- Aben-Athar, Jayme, 69, 129, 135, **136**
- Abreu, Francisco Ottoni Maurício de, **62**, 69, 84, 86, 87, 88, 91, **92**, 94, 113, 127, 129, 133, 154
- Abreu, Teófilo Ottoni Maurício de, 68
- Acordo de Oswaldo Cruz com o governador João Coelho, 37-38, 54-56
- Acordo diplomático Brasil e Bolívia [Tratado de Petrópolis], 27
- Aedes aegypti*, 71, **79**, 147
- Albuquerque, João Pedro de, 61, **62**, 68, 83, 94, 95, 124
- Almirante Tamandaré [avenida, estrada], 83, 86
- Alves, Raul de Avelar, 62, 69, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92
- Anopheles albimanus*, 40
- Anopheles darlingi*, 40, 44
- Antony [vapor transatlântico], **108**
- Aristides Lobo [travessa], 84, 85
- A Santa Casa da Misericórdia Paraense* [obra de Arthur Vianna], 15, 23, **24**
- As epidemias no Pará* [obra de Arthur Vianna], 15, 24, 25, **27**
- Atos oficiais, 65-69, 129-130
 - Decreto 1.732 de 8 de novembro de 1910, 67-68
 - Decreto 1.733 de 8 de novembro de 1910, 69
 - Decreto 1.831-A de 16 de outubro de 1911, 129-130
 - Lei N. 1140, 65-66
- Azevedo, Curiácio de, 62, 69

B

- Banquete [homenagem do Governo do Estado], 120, **121-123**
- Bonde adaptado ao transporte dos enfermos, 65, **102**, 103
- Britto, José Joaquim de, 62, 69, 87

C

- Campanha contra a febre amarela em Belém, *Ver Campanha de Profilaxia*
- Campanha de profilaxia, 81-118
 - abertura de crédito especial para as despesas com a, 69
 - ameaça decorrente da crise econômica, 106, 107, 111, 131

- Campanha de profilaxia, 81-118
 - custos, 54, 114, 130
 - início das operações, 81
 - metodologia, 70-77, 81
 - expurgo, **74-75**, **81**, 84-85, 87, 89, 91-92, 94, 97, 133
 - isolamento dos enfermos, **75-76**, 102-103
 - notificação de casos, 77-78
 - polícia de focos, **73-74**
 - vigilância médica, **76**
 - preparativos, 64-65
 - reflexos financeiros, 130
 - repercussões do êxito, 127-128, 132
 - resgate iconográfico, **84-93**, **96**, **97**, **102**
 - término, 114-120
 - vitória sobre a epidemia, 108, 109, 113

Campos, Américo, 26

Casa de Oswaldo Cruz, 7, 9, 39, 49, 54, 78, 97, 112, 131, 134

Cellia albimana, 40

Cellia argyrotarsis, 40, 44

Cerqueira, Caetano da Rocha, 61, **62**, 68, 94, 95, 124, **138**, 139

Chagas, Carlos, 111, 112, 137

Charges, 32, 34, 35, 56

Cruzada Oswaldo: os microbios que escapam [d'O Malho, reproduzido de Falcão], 32

A viagem do Czar dos mosquitos – Chegada ao Pará [d'O Malho, reproduzido de Falcão], 34

Guerra vaccino-obricateza!... [d'O Malho, reproduzido de Falcão], 35

No norte: Viagem de triumpho [?], reproduzido de Falcão], 56

Chaves, Leocádio, 61 **62**, 68, 83, **93**, 94, 106, 123

Chefes de turmas, 56, 61, 62, 64, 67, 68, 69, 84, 86-92

Cidade Velha [bairro], 96, 97

Clayton [aparelhos], 62, 64, **94**

Coelho, Jerônimo Francisco [Presidente da Província do Pará], 25

Coelho, João Antonio Luiz [Governador], 21, 34, **36**, 38, 54, 55, 57, 63, 64, 68, 69, 80, 83, 103, 107, 110, 113, 115, 116-120, 121, 124, **127**, 128, 129, 130, **131**, 132, 142, 143, 144, 148

Comissão de Prophylaxia Defensiva, decreto de criação da, 128, **129**

Comissão Sanitaria de Prophylaxia da Febre Amarella, 66, 67, 68, 70, 71, 115, 121, 122, 129

cargos da, 68, 69

administrador, 69

agente-almojarife, 69

chefes de turma, 56, 61, 62, 60, 67, 68, 69, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

escriturário, 67, 68, 69

inspetor geral, 56, 67, **68, 93**, 129, 137

inspetores sanitários, 56, 67, **68, 93**, 94, 129, 134, 137, 138

médicos auxiliares, 56, 57, 61, **62, 67, 68, 69**, 80, 83, 105, 106, 124, 134, 135

médicos locais, **65**

chegada a Belém, 61-63

composição, 67

constituição, 55

criação, 55, 67

extinção, 129

integrantes, 61, **62**

palacete em que foi hospedada, **63, 95**

vencimentos da [salários], 68

Companhia Madeira-Mamoré Railway, 31

Compromisso diplomático Brasil e Bolívia [Tratado de Petrópolis], 31

Considerações geraes sobre as condições sanitarias do Rio Madeira [relatório de Oswaldo Cruz], 38, **39, 40, 47**

Costa Lima, Ângelo Moreira da, **62, 68, 94, 105, 129, 133, 134**

Crise da borracha, 102, 103, 107, 127, 148

Cruz Filho, Oswaldo, 137, 142, 160

Cruz Moreira, Raimundo da, 26, 65

Cruz, Oswaldo, **7, 9, 21, 22, 31-34, 36-39, 41, 44, 47, 49, 50, 52, 53, 54, 56, 57, 61-65, 67, 70, 77, 79, 80, 83, 94-96, 102, 103, 105-108, 110, 111, 113, 115-119, 114, 121, 122, 124, 127-129, 132-134, 137-144, 147, 148**

[acordo com o Governador João Coelho], 37, 38, 54, 55, 56, 109

família de, 32, **107**

saúde de, 32, 37, 52, 105, 124

traços da personalidade, 37, 38, **52, 106, 111**

D

Desvalorização da borracha, 106, 107, 111, 131, 148

Diogo Moya [rua], 92

D. Luiz I [Hospital], 98

Domingos Freire [Hospital], 65, **98, 99**, 102, 133

Domingos Marreiros [rua], 91

Domingues, Ageleu, 65, 69, 129

Dresden [cidade da Alemanha], 103, 105, 107, 108, 111, **112**

E

Elisa [“Lizeta”, filha primogênita de Oswaldo Cruz], 105, 106, **107, 108**

Emília [esposa de Oswaldo Cruz], 49, 52, 107

Epidemias de febre amarela, 21, 23, **24, 25, 26**, 27, 38, 55, 56, 67, 70, 95, 113, 128

acometimento de estrangeiros recém-chegados, 25, 26, 95

casuística, **25, 109**

óbitos, **26, 80, 104, 105, 109, 114**

tolerância dos paraenses natos, 25, 27

Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, 31, 38, 39, 41-46, 48, 50

Exposição Internacional de Higiene [em Dresden, Alemanha], 103, 107, 108, 111, **112**

Expurgo, 62, 73, **74, 75, 83, 84, 86-93, 94-97, 103-106, 109, 110, 113, 130, 133**

F

Família de Oswaldo Cruz, **107**

Febre amarela

casuística, **25, 95, 97, 104, 105, 106, 107, 109, 114, 133, 147**

epidemias em Belém, 24, 25, 26, 37, 38, 55, 67, 70, 95, 113, 128

introdução na Província do Pará [Estado], 23

letalidade por, 24, 25, **26**

obituário por, **26, 102, 104, 105, 109, 114**

Figueiredo, Antonio de, 65, 69, 123

Finlay, Carlos, 27

G

Gesteira, Jerônimo, 103, 114

Goeldi, Emílio, 28, 79

H

Homenagens

- a João Coelho, 127, 128, 132, 148
 - do comércio português no Pará, 128
 - d' *O Malho*, 132
- a Oswaldo Cruz, 119-124, 132, 133, 140, 141, 148
 - banquete, 120, **121**, 122-124
 - de *A Província do Pará*, **119**
 - d' *O Malho*, 132

Hospitais de isolamento, 98-101

- Casa de Saúde da Ordem Terceira de São Francisco, 101
- Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará, 98, 100, 101
- Hospital da Sociedade Portuguesa Beneficente do Pará, 100
- Hospital Domingos Freire, 65, 98, 99, 102, 103

Huber, Jacques, 105

I

Imigração, 26

Inspetores

- inspetor geral, 56, 67, **68, 93**, 129, 137
- inspetores sanitários, 56, 67, **68, 93**, 94, 129, 134, 137, 138
- atribuições, **94-95**, 113

Instruções populares [folhetos], 95Isolamento dos doentes, 28, 64, 65, 73, **75**, 76, 95, 98-101, 132, 130, 133

- domiciliar, 75, 76, 97
- hospitalar, 64, 65, 75, 76, 97, **98-101**, 133

J

João Balby [estrada], **90**

L

Lanfranc [vapor transatlântico], **104**, 107Lemos, Antonio José de [Intendente municipal de Belém], **33**, 80, 102, 110Lizeta, *ver Elisa*

Lopes, Alberto Lamartine Teixeira, 69

Loyola, Ophir de, 65, 69, 123

M

Mac-Dowell, Afonso, 33, 65, 69

Matos, Emygdio de, **62**, 68, 94

Medalhas

- medalhas comemorativas, **135**, 136, **137**, 138
 - exemplar em prata, **138**
 - réplicas, **137**

medalha devocional usada por Oswaldo Cruz, 52, **53**Médicos auxiliares, 60, 61, 65, **66**, 41, **42, 73**, 84, 87, 109, 110, 128, 138, 139

Médicos locais, 69

Meira de Vasconcelos, Miguel, 69, 127

Mensagem de Oswaldo Cruz aos clínicos de Belém, **77, 78**Mensagem de Oswaldo Cruz à população de Belém, **70**, 71-77

Merrill, Dana, 41-51

acervo fotográfico, 41-51

Miloca [ver Emília]

Miranda, Bento [deputado], 130

Miranda, Chermont de [deputado], 130

Monte Alegre [rua], 88, 89

Monumento a Oswaldo Cruz em Belém, **141, 142, 143**, 144

Museu Paraense Emílio Goeldi, 105

Museu da Universidade Federal do Pará, 23, 136

Museu da Vida [da Fundação Oswaldo Cruz], 39

Museu Paulista [da Universidade de São Paulo], 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51

O

Óbidos [município], **133**

Ofício de Oswaldo Cruz a João Coelho

- comunicando a vitória sobre a epidemia, **108-110**
- comunicando a vitória final da campanha, **114-115**

Ordem Terceira de S. Francisco [Hospital da], 98, **101**

Oswaldo Cruz, Eduardo, 52, 53, 63, 84, 93, 96, 102, 107, 115, 139

Oswaldo Cruz [rua], **140**

P

Pacheco Leão, 137

Pará Electric Railways & Lighting Company, 65, 102

Pavilhão Oswaldo Cruz [anexo ao Hospital Domingos Freire], 133

Pedroso de Albuquerque, João, 61, **62**, 68, **93**, 103, 105-108, 111, 112

Penna, Belisario Augusto de Oliveira, 31, **49, 52, 54, 62, 68, 83, 94, 95, 106**

Peixes larvófagos, 77, 105

Pereira, Alberto, 62, 69

Pernambucana [charrua], 24

Peryassú, Antonio, 65, 69, 70, 123

Polícia de focos, **69, 79, 90, 102, 109, 126**

Pollux [barca], 20

Pólvora, Largo da, 91

Port of Pará, 27, 99

Presidente Vargas [avenida], 59, 80, 136

Profilaxia defensiva,

comissão, 105, 110, **124, 125**

composição, 125

constituição da comissão, 125

início das atividades, 126

medidas de proteção, 126

vencimentos do pessoal, 125

Prophylaxia da febre amarella [folheto de Antonio Peryassú], 62-67, 125, 126

Q

15 de Agosto [rua], **80, 81**

R

Reflexos financeiros da campanha, 126

Relatório sobre as condições sanitárias do rio Madeira, 34, **35, 36**

República [praça da], 51, 59, 91, 124, 136, 144

República [rebocador], **29**

Revolta das Barricadas [*ver Revolta da Vacina*]

Revolta da Vacina, 29, **31**

Riachuelo [travessa], 80, 81

Rodrigues Alves [Presidente da República], 33

S

Salles Guerra, Egidio, 5, 17, 30, 33, 35, 91, 102, 106

Sampaio, Carlos, 27

Santa Casa de Misericórdia do Pará [Hospital da], 94, **96, 97**

Santarém [município], 129

São Francisco [rua], 89

Saúde de Oswaldo Cruz, 28, 33, 48, 101, 120

Seabra [Ministro], 33

Serafim da Silva, Augusto, **58, 64, 82, 83, 89, 90, 109, 120**

Serviço de Profilaxia da febre amarela, 65, 67, 126

Sociedade Portuguesa Beneficente do Pará, 94, **96**

Sodré, Lauro [ex-Governador do Pará], **29, 31**

Souza, Basilio Magno de, 65

Stegomyia calopus, 67, 69, 71, **75**

Stegomyia fasciata, 24, 67, **75**

T

Tavares de Lacerda, Abel, **58, 64, 90, 125**

Theatro da Paz, **116, 117**

Tratado de Petrópolis [1903], 27

V

Veículos motorizados utilizados na campanha, 60, **86, 88, 92**

Vencimentos do pessoal, 52, 62, 63, 64, 125

Viagens de Oswaldo Cruz

à Alemanha, 101, 105, 107

a Belém, 27, 29, 30, 50, 57, 104

à região do Madeira, 27, 34, 35, 45, 48

ao Rio de Janeiro, 53, 99, 120

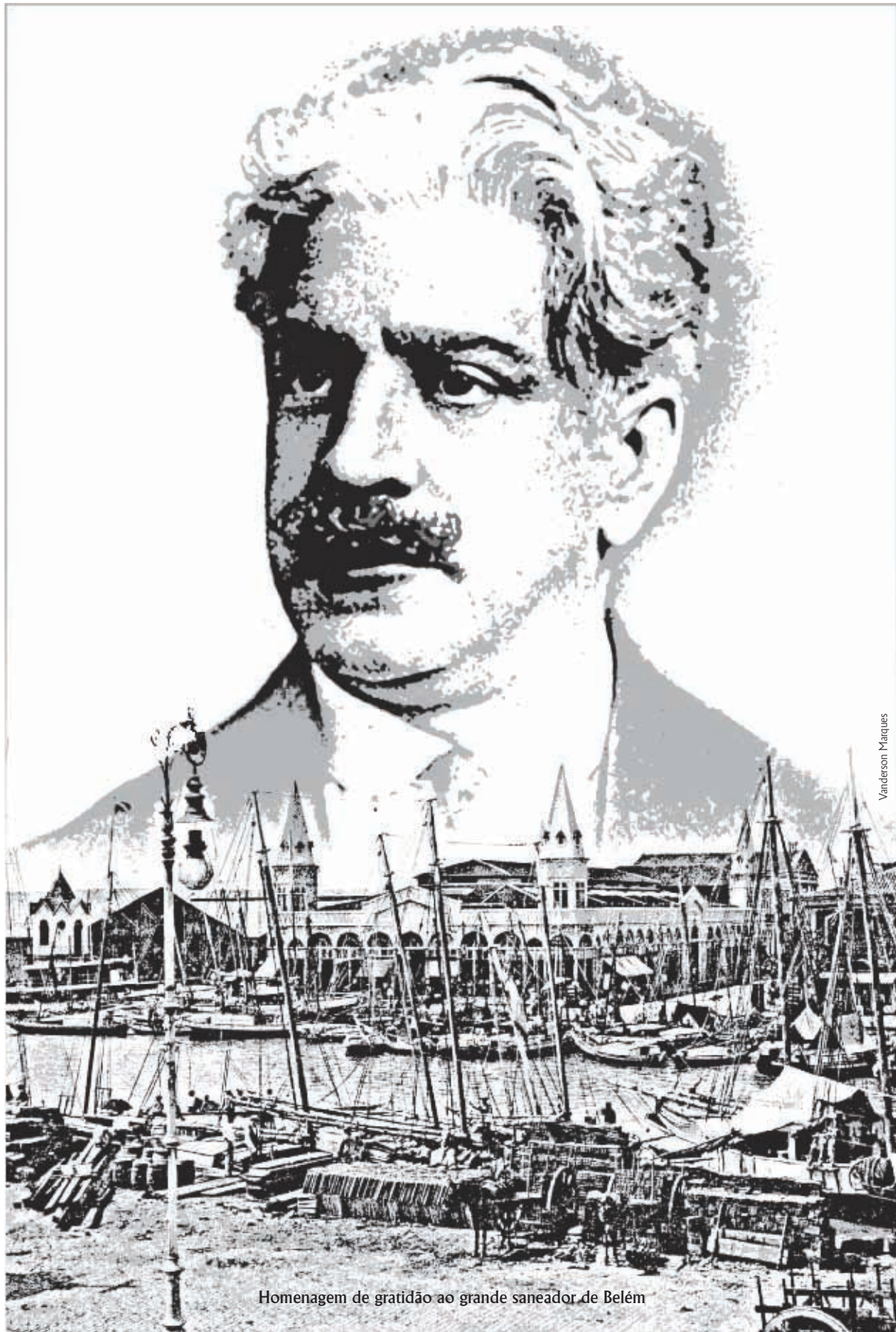
Vianna, Arthur, 20, 21-23, 24

Vigia [município], 108

Vigilância do porto, 99, 100, 101, 110, 125, 126

Vigilância médica, 61, 69, 72, 126

Vigilância sanitária, 63, 99, 107



Vanderson Marques

Homenagem de gratidão ao grande saneador de Belém



O autor



Habib Fraiha Neto é médico, pesquisador, professor e historiador diletante. Nasceu em Belém, em 17 de dezembro de 1939. Graduiu-se em Medicina em 1964, pela Universidade Federal do Pará. No mesmo ano, constituiu família com Suely Conceição Noronha Fraiha, amada esposa que lhe haveria de dar três filhos abençoados: Salim, Sérgio e Rogério, hoje respeitadas profissionais em suas áreas de atuação. A convite do Prof. Orlando Rodrigues da Costa, iniciou carreira no magistério superior de Parasitologia. Foi discípulo de Leonidas de Mello Deane na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (1965) e de Carlos da Silva Lacaz no Instituto de Medicina Tropical da mesma Universidade (1966). Ao regressar a Belém, foi convidado por Miguel Cordeiro de Azevedo a integrar o quadro de pesquisadores do Instituto Evandro Chagas (1967), onde durante anos chefiaria a Seção de Parasitologia. Dedicou-se à Entomologia Médica, integrando a equipe do programa de Leishmanioses sob a liderança de Ralph Lainson e Jeffrey Shaw. Ainda em 1967, especializou-se em Entomologia Geral e Sistemática no Museu de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, onde foi aluno de Hans Reichardt Filho, Nelson Papavero, Lindolfo Guimarães, Paulo Vanzolini e outros grandes nomes da Ciência pura. Em 1970 foi discípulo de Oswaldo Forattini na Faculdade de Saúde Pública da USP, especializando-se em Entomoe epidemiologia Médica. Ao longo dos quase 30 anos de pesquisas no Instituto Evandro Chagas, descobriu a reinfestação do Brasil pelo *Aedes aegypti* (1967); publicou vários estudos sobre taxonomia de flebotomíneos americanos, incluindo a descrição de oito novas espécies amazônicas e um levantamento da fauna antropófila da rodovia Transamazônica; sobre a entomoe epidemiologia da doença de Chagas na Amazônia, a epidemiologia da filariose linfática no foco de Belém, a etiopatogenia e epidemiologia da síndrome hemorrágica de Altamira, os acidentes por contato com lepidópteros (pararama e larvas de *Lonomia*) e coleópteros (potós), as filárias parasitas de primatas não humanos da América Tropical e o escorpionismo na Amazônia Oriental. Ainda como pesquisador do IEC, dedicou-se à historiografia da campanha de profilaxia da febre amarela em Belém, dirigida por Oswaldo Cruz, que resultou na publicação da primeira edição deste livro em 1972. Dedicou-se também ao restauro da memória do cientista paraense Gaspar Vianna, conduzindo as celebrações nacionais de seu centenário de nascimento em 1985, do que resultaria a ereção de um monumento no campus da UFPA, a cunhagem de três medalhas comemorativas e uma condecorativa, a criação do Museu Gaspar Vianna em dependência do Núcleo de Patologia Regional e Higiene (NPRH/UFPA) e sua eleição como o Paraense do Século. Em 1986, foi Editor-Chefe do Museu Paraense Emílio Goeldi, cuja Direção conferiu-lhe os títulos de Colaborador Emérito e Notório Saber equivalente ao de Pesquisador Titular do CNPq. No ano seguinte, foi designado Coordenador do Núcleo de Patologia Regional e Higiene da UFPA. Em 1992, a Universidade Federal do Pará conferiu-lhe o título de Doutor em Ciências Biológicas, por mérito de produção científica. Passou, então, a ensinar nos programas de pós-graduação em Ciências Biológicas e em Doenças Tropicais. Dedicou-se hoje à produção intelectual, cujo primeiro fruto é a presente edição. É membro efetivo da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical; membro efetivo da Sociedade Brasileira de Parasitologia (ex-Presidente e hoje Sócio Honorário); membro titular da Academia de Medicina do Pará, ocupante da cadeira Gaspar Vianna; membro titular da Academia Paraense de Ciências e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, Regional Pará. Curador do acervo Gaspar Vianna. Colecionador e historiador da Medalhística Paraense, autor ou co-autor de 25 projetos de medalhas executados. Colecionador e historiador das moedas particulares e vales metálicos do Pará, objeto de próxima publicação.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9202245658963683>

Formato: 21 x 26,7 cm

Papel: Couché fosco 115 g/m² (miolo)
Marrakech giz 120 g/m² (capa)
Couché fosco 150 g/m² (sobrecapa)
Pequim telado 180 g/m² (guarda)

Tipologia: AlbertaExtralight
Cambria
Futura Lt BT

Cores: 4x4 (miolo)
4x0 cores (capa)
4x0 cores (sobrecapa)

Pré-impressão: Editora do Instituto Evandro Chagas/SVS/MS
Rodovia BR316 km7, s/n. Levilândia
67030-000. Ananindeua, Pará, Brasil
Tel.: (91) 3214-2185
editora@iec.pa.gov.br



CTP, impressão e acabamento: **GRÁFICA E EDITORA LTDA.**
Sempre uma boa impressão!
Rua Ferreira Pena, 84. Umarizal
66050-140. Belém, Pará, Brasil
Tel.: (91) 3241-9774
gtr@graficagtr.com.br